COLETÂNEAS *de*

Volume 2

Aconselhamento Bíblico

Neste volume:

A PALAVRA DO EDITOR

Aconselhe a Palavra - *David A. Powlison*

BASES DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Mantenha a Verdade Viva - *John Bettler*

A Interpretação da Bíblia e o Aconselhamento - *Jay E. Adams*

Biopsiquiatria - *David A. Powlison*

PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Abrindo os Olhos Vedados: outra visão da coleta de dados - *Paul D. Tripp*

Coleta de Dados: Como o Conselheiro Contribui para o Processo - *Paul D. Tripp*

Coleta de Dados: Estratégias para Abrir os Olhos Vedados - *Paul D. Tripp*

Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico: uma Base Teórica para a Formulação e Uso - *Paul D. Tripp*

Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico: Exemplos de Tarefas para Diferentes Fases do Processo de Aconselhamento - *Paul D. Tripp*

Palavras Que Edificam - *Paul D. Tripp*

Cuidado com suas Palavras - *E. Bradley Beevers*

Atingindo em Cheio a sua Preocupação - *Robert D. Jones*

Uma Crítica do DSM-IV à Luz da Bíblia - *John Babler*

Como Ajudar Mulheres que Comem em Excesso - *Elyse Fitzpatrick*

Como Ajudar Mulheres com Bulimia - *Elyse Fitzpatrick*

Como Ajudar Mulheres com Anorexia - *Elyse Fitzpatrick*

Transtornos Alimentares... para o Restante de Nós - *Elyse Fitzpatrick*

Mas Afinal, o Que É Aconselhamento Bíblico? - *Edward T. Welch*

Você Está Bem Preparado? - *David A. Powlison*

Como Ajudar um Aconselhado "Psicologizado"? - *David A. Powlison*

Christian Counseling & Educational Foundation

RESTORING CHRIST to COUNSELING & COUNSELING to the CHURCH

SEMINÁRIO BÍBLICO PALAVRA DA VIDA

SBPV

ATIBAIA-SP - BRASIL

Aconselhe a Palavra



David A. Powlison[1]

"Ó Senhor, Tu atingiste meu coração com a Tua Palavra e eu Te amei".

Agostinho expressou desta maneira a experiência de todo crente verdadeiro. A Palavra de Deus é viva e ativa: ela atinge o âmago da questão, convencendo-o de pecado, convencendo-o da graça de Deus em Cristo Jesus. Esta Palavra é eficaz para despertar o seu amor e poderosa para renovar a sua mente. Ela o guia, protege e pastoreia sabiamente ao longo do caminho.

Por que a Palavra é tão poderosa? Ela tem poder porque é a "Tua Palavra, ó Senhor". A Palavra não é uma nobre filosofia humana. Não é um encantamento mágico. A Palavra é aquilo que Deus diz a respeito dEle mesmo e da Sua vontade, a respeito de você e do mundo em que você vive. A Palavra revela Aquele que fala, Aquele que lhe diz o que você precisa fazer para se arrepender e aprender a confiar nEle, amá-lO e obedecê-lO. Quando acolhida, a Palavra provoca mudanças em você — o bom solo produz bom fruto. Quando rejeitada ou ignorada, a Palavra também produz mudanças em você — o coração torna-se cada vez mais duro, cego e surdo.

As *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* dedicam-se a aplicar a Palavra de Deus ao aconselhamento. Isso lhe parece uma declaração de propósito inusitada? Se eu tivesse apresentado uma revista dedicada a "aplicar a Palavra de Deus à pregação", você teria franzido a testa e me dirigido um olhar indagador: "O que você quer dizer? O *conteúdo* da pregação é a Palavra de Deus aplicada à nossa vida. Qualquer conteúdo alternativo é uma religião falsa e uma invenção humana! O que você quer dizer com 'aplicar a Palavra de Deus à pregação'?".

A área do aconselhamento tem se divorciado da Palavra. Na mente da maioria das pessoas, aconselhamento é algo essencial-

[1]Tradução e adaptação de *Counsel the Word.* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling v. 11*, *n.2,* Winter 1993, p. *2-3*.

David Powlison é editor de *The Journal of Biblical Counseling,* cujos artigos estão traduzidos para o português e reunidos nas *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico.*

mente diferente da pregação. As verdades e os métodos usados no aconselhamento são raramente concebidos como o ministério da Palavra dirigida sob medida a um indivíduo.

A maioria daqueles que acreditam na Bíblia diria com facilidade "prega a Palavra". Eles se levantariam revoltados diante de uma pregação cujo conteúdo fosse qualquer outro que não a Palavra. Em geral, os crentes concordam que a verdade revelada de Deus deve controlar o púlpito. A Palavra é verdadeira e suficiente para o ministério dirigido às multidões.

Entretanto, não é natural dizermos: "aconselhe a Palavra". A maioria daqueles que acreditam na Bíblia rende-se diante de conselhos não-bíblicos. A Palavra é apenas um recurso entre vários recursos possíveis, tanto nos livros de auto-ajuda como na sala de aconselhamento ou ao redor da mesa da cozinha. A Palavra tende a ter um papel claramente secundário, adicionada a uma mensagem que lhe é alheia. Ou talvez não tenha mesmo papel algum, tida como insuficiente para lidar com os problemas das pessoas.

Aconselhe a Palavra. *O conteúdo* do aconselhamento não deve ser a Palavra de Deus aplicada à nossa vida? Qualquer conteúdo alternativo não seria uma religião falsa e uma invenção humana? Jay Adams expressou bem esta questão: "A Palavra deve ser ministrada no aconselhamento com tanta prontidão quanto na pregação".

O alvo das *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* é encorajar e capacitar os crentes para a tarefa de "aconselhar a Palavra" e aplicar a Bíblia com sabedoria aos problemas da vida. Quais são os obstáculos? Destacamos aqui dois grupos que exercem influência para minar este alvo.

Em primeiro lugar, *há muitos cristãos que aconselham uma mensagem que provém claramente de outras fontes que não a Bíblia.* A psiquiatria e as psicologias atuais geraram um número sem fim de variações novas de erros antigos. As pesquisas científicas saíram em busca do pote de ouro no fim do arco-íris: as teorias que reivindicam a descoberta de uma base biológica amoral para o comportamento humano desfilam uma após a outra. E os psicoterapeutas nunca deixam de ter clientes perturbados e crédulos, que vão de neuróticos a portadores de baixa auto-estima, de sofredores a codependentes. Os cristãos aproveitam em seu aconselhamento cada teoria nova que surge no horizonte contradizendo a Palavra, e fazem mau uso de versículos bíblicos em busca de confirmação e apoio para tais teorias.

Em segundo lugar, *com certa freqüência, os cristãos interpretam e aplicam a Bíblia erradamente.* Alguns usam a Bíblia como algo mágico: "Leia dois versículos ao dia, repita-os constantemente em sua mente, e conversaremos na semana que vem". Há os que ensinam arrependimento e fé em desacordo com o ensino da Palavra: "O segredo da vida cristã é uma experiência definitiva de quebrantamento e entrega". Outros ensinam obediência em desacordo com o ensino bíblico: "Basta dizer 'não' e fazer o que é certo com maior força de vontade". Alguns ensinam a respeito de Satanás em desacordo com a Palavra: "Você é escravo do demônio do medo, da ira ou da compulsão". Mas a abordagem bíblica de mudança não é supersticiosa nem pietista, nem moralista nem demonista.

De um modo ou de outro, a mensagem errada e o método errado têm controlado o aconselhamento "cristão". O primeiro grupo aponta para a superficialidade evidente do

segundo grupo como justificativa para se voltar às "abordagens profundas" da psicologia, distanciando-se de uma Bíblia que parece fraca, de segunda categoria, geralmente irrelevante e até um tanto esquisita para o aconselhamento. O segundo grupo proclama em altos brados o secularismo evidente do primeiro grupo, porém a sua abordagem peca pelo mau uso da Bíblia.

No entanto, existe um caminho melhor. A Palavra de Deus não está calada a esse respeito, mas clama ao homem para que lhe dê ouvidos:

> Grita na rua a Sabedoria, nas praças, levanta a voz; do alto dos muros clama, à entrada das portas e nas cidades profere as suas palavras:
>
> Até quando, ó néscios, amareis a necedade?
>
> E vós, escarnecedores, desejareis o escárnio?
>
> E vós, loucos, aborrecereis o conhecimento?
>
> Atentai para a minha repreensão; eis que derramarei copiosamente para vós outros o meu espírito e vos farei saber as minhas palavras.
>
> (Pv 1.20-23)

Se os autores dos artigos das *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* cumprirem bem a sua tarefa, o grito da Sabedoria será ouvido. Aqueles que zombam da Palavra serão desafiados. O simples, que faz mau uso da Palavra e acredita na persuasão da estultícia, será edificado. Aqueles que amam a Palavra, e já costumam usá-la com sabedoria, crescerão em sabedoria (Pv 9).

Aconselhar a Palavra é um projeto de vida. Aplicar a Palavra à vida real com sabedoria é um trabalho árduo, para ser realizado com oração e seriedade. Os primeiros versículos de Provérbios 2 dizem que precisamos ter ouvidos atentos à sabedoria, precisamos clamar por entendimento, precisamos buscar e desenterrar a sabedoria como a tesouros escondidos.

As *Coletâneas de Aconselhamento Bíblico* dedicam-se à tarefa de aconselhar a Palavra. É uma revista para pastores, útil em seu ministério. É uma revista para leigos e todos quantos procuram aconselhar a Palavra, em situações formais e informais. Sabedoria é a qualificação para aconselhar. Esta sabedoria é uma questão de caráter, verdade e habilidade para ajudar pessoas: "possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros" (Rm 15.14).

> "Ó Senhor, Tu atingiste meu coração com a Tua Palavra e eu Te amei".

Dê ouvidos ao Senhor. Ame ao Senhor e também aquilo que Ele diz. Aconselhe a Palavra.

Mantenha a Verdade Viva



John Bettler[1]

Certa vez, recebi um telefonema de uma companhia de pesquisa de marketing perguntando-me sobre determinado programa de televisão. Fiquei curioso, visto que minha família costumava assistir com freqüência ao programa. Mas o encaminhamento das perguntas desapontou-me, e logo fiquei irritado. Não fizeram perguntas sobre o enredo, o crescimento dos personagens no desenrolar da história ou a interação do programa com a sociedade atual. Pelo contrário, o entrevistador queria saber quais os personagens de que *gostávamos* e se passaríamos *a gostar* ainda mais do programa se determinado personagem fosse eliminado ou então tivesse seu papel ampliado.

Fascinante! Uma história escrita de acordo com a pesquisa de mercado. Descubra o que agrada ao público e escreva. Se Melville tivesse tido acesso a esta maravilhosa ferramenta, *Moby Dick* teria sido um campeão de vendas enquanto ele ainda estava vivo. Mas é evidente que teriam sido necessárias algumas alterações. O início da história poderia ficar inalterado, mas o nome teria que mudar. "Meu nome é Lance" ou "A tempestade" soaria melhor, você não acha? O capitão Ahab passaria a ser um velho marujo rabugento com um coração de ouro, e os marinheiros de Pequod participariam de uma expedição para salvar as baleias. A não ser estes detalhes, o restante da obra poderia muito bem ficar exatamente como está. E claro que sua mensagem perderia o sentido. Não haveria uma verdade, do ponto de vista do autor, transmitida em forma de drama. Mas seria um sucesso de venda! Proporcionaria entretenimento e faria o leitor se sentir bem consigo mesmo, sujeito a um mínimo de estresse.

Ganância, necessidades emocionais e ausência da verdade.

Minha breve incursão no mundo da pesquisa de mercado e das artes oferece

---

[1]Tradução e adaptação de *Keep theTruth Alive*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling. v.* 15, n.2, Winter 1997, p. 2-4.

John Bettler é um dos fundadores e diretor executivo da *Christian Counseling and Educational Foundation* em Glenside, Pennsylvania.

apenas um exemplo do consumismo que permeia nossa sociedade e alimenta seus caprichos subjetivos. O poder do consumismo associa-se à psicologia popular, um outro poderoso formador de valores na sociedade americana do século XX**.** A psicologia popular colhe as reflexões enigmáticas da psicologia acadêmica e as mastiga de tal forma que possam ser facilmente engolidas. Entretanto, enquanto o consumismo apela para a ganância, a psicologia popular age em favor da necessidade emocional.

As pessoas são vistas como essencialmente necessitadas e dependentes de outras para supri-las de amor, aceitação ou significado. Quando não são correspondidas conforme o esperado, enfrentam todo tipo de dificuldades psicológicas. Estas necessidades são "definidas no íntimo", isto é, cada um decide o perfil das suas necessidades e o que pode satisfazê-las (se é que existe algo que as satisfaça). A experiência de vida é traduzida em significado pessoal que, por sua vez, modela a visão de mundo, os relacionamentos e a moralidade. O "eu" subjetivo define a verdade, e não há uma verdade externa absoluta que defina o "eu".

O "eu" ganancioso e o "eu" necessitado florescem em um mundo que perdeu o seu centro moral. Tempos atrás, Deus e a Bíblia eram o coração da moralidade ocidental, mas hoje há tantas verdades quantas são as pessoas e estas verdades, no final das contas, são obscuras porque estão baseadas em uma experiência pessoal subjetiva.

Em um mundo como este, o consumismo faz todo sentido. Ofereça tantos produtos quantos puder; supra tantas necessidades subjetivas quantas puder. Providencie uma verdadeira abundância de possíveis supridores de necessidade, pois o consumismo prepara o terreno para a autorealização. Do ponto de vista dos negócios, esta pressuposição cultural é um sonho a se tornar realidade.

O consumismo e a igreja

O cristão, no entanto, pode perceber os danos provocados pela maneira como o consumismo tem sutilmente furtado a verdade dentro da igreja:

- Um seminarista reclama das matérias exigidas no curso de teologia porque "elas são irrelevantes no que diz respeito ao meu desejo de ministrar às pessoas no contexto da igreja".
- Muitos seminários evangélicos de destaque reduzem o número de matérias bíblicas e teológicas, e eliminam as matérias de línguas originais para estudantes de graduação na área de aconselhamento bíblico. A razão disto é que os pregadores talvez precisem de grego e hebraico, mas os conselheiros não. Eles precisam apenas saber como "ajudar" as pessoas.
- Um líder de um ministério para-eclesiástico que treina líderes de pequenos grupos fala sobre a busca de seu "eu" autêntico: "A peregrinação em que estou... relaciona-se muito mais com tentar descobrir quem sou do que tentar conhecer as Escrituras e a teologia... Pessoas que conhecem as Escrituras, mas não conhecem a si mesmas, são inúteis para mim".
- Um psicólogo cristão de renome diz que em sua experiência de prestar ajuda às pessoas "...o espiritual, com freqüência, vem por último...".
- Uma pesquisa entre pastores de mega-igrejas mostrou que eles viam o treina-

mento teológico proporcionado pelo seminário como um preparo desnecessário para o ministério.

Observe o tema presente nestes exemplos: a teologia e o estudo bíblico não são essenciais para o ministério. A verdade é irrelevante para a prática. A verdade entra em cena somente depois que todo o trabalho prático foi feito ou então é definida como uma necessidade pessoal sentida.

David Wells capta o espírito da era da "não-verdade" e a ameaça que esta constitui para a igreja.

> Umas das características marcantes na vida da igreja contemporânea são as muitas tentativas de curar a igreja mexendo em sua estrutura, seus cultos e sua imagem exterior. Esta é uma evidência clara de que a modernidade tem sido bem sucedida em impingir a nós um de seus maiores enganos, convencendo-nos de que a Pessoa de Deus é secundária à organização e imagem da igreja, e que a saúde da igreja repousa mais em seu organograma e naquilo que ela pode oferecer, do que em sua vida interior, na autenticidade espiritual, na firmeza de seus propósitos morais e no entendimento do que significa possuir a Palavra de Deus neste mundo. Aqueles que não atentam para esta questão não estão em sintonia com as realidades profundas de vida... Os assuntos do coração, ou os assuntos de Deus, não são suscetíveis a uma alteração cosmética. Os negócios do mundo e os negócios de Deus são duas coisas diferentes.
>
> O problema fundamental no mundo evangélico atual não é a técnica inadequada, a organização insuficiente ou a música antiquada... *O problema fundamental no mundo evangélico atual é que Deus é visto pela igreja de modo irrelevante. Sua verdade está muito distante, Sua graça é muito corriqueira, Seu julgamento é muito benigno, Seu evangelho é muito fácil, e Seu Cristo é muito comum.* (ênfase própria).

O distanciamento dos padrões de Deus

A igreja toda deveria dar ouvidos a este aviso. Mas aqueles entre nós que estão envolvidos em "ministérios de ajuda" como aconselhamento, treinamento em discipulado ou liderança de grupos de apoio talvez devessem estar especialmente atentos a ele, pois se defrontam tão freqüentemente com o sofrimento humano que se apressam em ajudar sem antes consultar ao Senhor e perguntar: "Este conselho é bíblico?" ou "Este método agradará ao Deus da verdade?". No entanto, as advertências de Deus contra as tentativas de fazer separação entre a ajuda prática e a verdade são claras e diversificadas. Uzá estendeu a mão para firmar a arca da aliança que balançava e foi repentinamente morto por um Deus irado (2 Sm 6.6-7). Davi levantou o censo do povo para contar as bênçãos recebidas, e Deus matou 70 mil homens em Israel (1 Cr 21). Ezequias construiu um reservatório de água para abastecer a cidade, e não encontrou o perdão de Deus até o dia de sua morte (Is 22.11-14). Fervor religioso, governo responsável e atos de misericórdia não significam muito quando Deus não os aceita. Uzá, Davi e Ezequias estariam

perfeitamente à vontade em um mundo "amigável", mas mereceram julgamento e não bênção no mundo onde a Palavra de Deus estabelece o padrão.

Esse problema "moderno" certamente é tão antigo quanto o Éden. Com a pergunta "É assim que Deus disse?", Satanás afastou qualquer preocupação com a verdade definida por Deus. Uma vez varrida a verdade do meio do caminho, o restante foi simples: oferecer o pecado, apelando para as necessidades emocionais e a ganância. "Vendo a mulher que a árvore era *boa para se comer, agradável aos olhos e... desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto... e comeu*".

Esta é a razão por que, em todas as épocas, Deus chama Seu povo para ser defensor da verdade. Considere a ordem que Paulo deu a Timóteo:

> Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério (2 Tm 4.3-5).

Conselheiros bíblicos: evangelistas da verdade

Aqueles entre nós que estão comprometidos com o aconselhamento bíblico devem ministrar a um mundo relativista como evangelistas da verdade de Deus. Trabalhamos, ensinamos e estudamos para manter a verdade viva. Cremos que Deus santifica (transforma) Seu povo "na verdade" e que a "Sua Palavra é a verdade". Esforçamo-nos para ajudar a igreja a ser "coluna e baluarte da verdade", treinando o povo de Deus para "manejar bem a palavra da verdade" no ministério cristão. Sabemos que Deus se revelou pessoalmente de modo definitivo em Jesus Cristo ("o caminho, a verdade, e a vida") e de modo pressuposicional nas Escrituras. Visto que o julgamento final tem como base "O que diz o Senhor?", esforçamo-nos para sermos especialistas na Palavra de Deus e treinarmos outros para que também o sejam. Fazer menos do que isso é falhar como evangelista da verdade.

Estou escrevendo este artigo depois de ter lido a trágica história de um Seminário que inicialmente defendia a verdade, mas que agora, em nome da eficácia ministerial, cedeu naquilo que antes sustentava com tanta veemência. Homens impenitentes como Davi, Ezequias e Uzá são produtos dos esforços de escolas como essa com tanta freqüência quanto o são homens como Paulo e Timóteo. Não estou mencionando um exemplo isolado. Ossos mortos, restos daquilo que no passado eram ministérios cheios de vida, maculam o cenário da igreja. Profundamente perturbado diante disso, sinto-me impulsionado a proteger o movimento de aconselhamento bíblico de um futuro semelhante. Apresento, portanto, os seguintes padrões de ministério como aqueles que devemos sustentar para manter a verdade viva.

Excelência exegética

O ensino e o aconselhamento devem estar inteiramente baseados em uma compreensão precisa e minuciosa das Escrituras. Para evitar o erro de usar a Bíblia como confirmação de idéias pré-concebidas, os conselheiros bíblicos devem saber como manuseá-la (de preferência, nas línguas originais) e devem ser capazes de estabelecer uma conexão entre o significado original do texto e sua aplicação na vida cristã.

Vigor teológico

Todo erro tem um elemento da verdade que foi isolado de modo impróprio de outros ensinos bíblicos e assumido como verdade única. O aconselhamento bíblico deve evitar este tipo de problema encorajando o pleno entendimento não só dos textos bíblicos em seus detalhes, mas também da relação de cada texto com o restante da Palavra. Os teólogos costumam chamar isto de teologia *sistemática,* ou seja, uma disciplina que sustenta a abrangência e unidade da verdade bíblica.

Conscientização apologética

Sabendo que o incrédulo "muda a verdade de Deus em mentira", o aconselhamento bíblico deve continuar a traçar a antítese entre a verdade de Deus e a mentira de Satanás, analisando cuidadosamente todos os "ministérios de ajuda" pelos padrões divinos. Nosso estudo das Escrituras deve ser relevante frente às tendências culturais que levantam "verdades" substitutas e ameaçam seriamente aqueles ministérios da igreja que têm, infelizmente, recebido seus ensinos. Nossa metodologia de aconselhamento e discipulado deve sempre se erguer como uma alternativa ao erro do mundo, e não como uma acomodação a ele.

Ajuda ministerial

Quando se estabelece uma separação entre ministério e verdade, o ministério torna-se vulgar e prejudicial. Quando se estabelece uma separação entre teologia e ministério (quando teólogos falam apenas a outros teólogos), a teologia torna-se elitista e farisaica. A verdade *vive* somente quando penetra no coração de pessoas de carne e osso que estão lutando com os problemas reais da vida. Portanto, o aconselhamento bíblico deve manter a verdade *viva,* praticando o estudo e o ensino em um contexto de ministério pessoal com vínculos vitais com a igreja local.

Estes padrões ministeriais posicionam o aconselhamento bíblico bem no centro de uma guerra cultural. Com freqüência, o aconselhamento é visto erradamente como um encontro privado, um-a-um. Em certos aspectos isto é uma verdade, mas o aconselhamento é também um campo de batalha onde as vítimas da mais recente sedução enganosa da cultura lutam para sobreviver, o que faz com que o aconselhamento seja totalmente público e potencialmente universal. Quando usa a verdade para combater o erro em vidas deprimidas, temerosas ou iradas, o conselheiro não presta ajuda apenas a um indivíduo. Ele envia um soldado de volta para o campo de batalha para juntar-se ao exército que luta pela verdade em uma cultura pronta a render-se à mentira.

Oremos para que possamos suportar as aflições como bons soldados de Jesus Cristo (2 Tm 2.3) e receber graça para manter a verdade viva.

A Interpretação da Bíblia e o Aconselhamento



Jay E. Adams[1]

Alguém que não sabe interpretar devidamente a Palavra de Deus não sabe aconselhar biblicamente. É errado identificar-se como conselheiro bíblico e ao mesmo tempo não levar em consideração um estudo sério da Palavra. Usar a Bíblia de modo superficial e simplista, deixando muitas vezes de representar corretamente o que Deus diz na passagem a que nos referimos, é indesculpável. Mas será que este problema de fato acontece? Minha resposta é "sim". Se você já leu umas poucas páginas da literatura evangélica disponível na área de aconselhamento (estou falando da literatura evangélica de "aconselhamento cristão", que se diz baseada na Bíblia), você sabe que há problemas na maneira como a Bíblia é usada.

O mau uso das Escrituras

Se você não está ainda bem certo a respeito daquilo de que estou falando, julgue por si mesmo. Aqui estão alguns exemplos. Um conselheiro cristão citou uma declaração de Oscar Pfister, o confidente de Freud: "Diga-me o que você encontra na Bíblia, e eu lhe direi quem você é". E acrescentou: "A Bíblia é um espelho no qual a pessoa projeta os conceitos de si mesma, para então recebê-los de volta refletidos". Ele disse ser esta a sua interpretação de Tiago 1.22-24. O que ele fez, na verdade, foi transformar a Bíblia em um teste de Rorschach.

Mais um exemplo: "Deus quer que amemos em nós mesmos a pessoa que Ele criou à Sua imagem". Você acredita que Deus quer que você ame a pessoa que Ele criou em você? Para que Deus o criou à Sua imagem? Para que você ame *a Ele, e* não a si mesmo! Se eu lhe entregar uma fotografia de minha esposa e lhe disser "Esta é minha esposa", qual será minha reação se você a rasgar, jogar aos pedaços no chão, cuspir e pisar? Faça isso e você se dará mal! Por quê? Será que o papel fotográfico é tão precioso?

---

[1]Tradução e adaptação de *Biblical Interpretation and Counseling*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling* v. 16, n.3, Spring 1998, p. 5-9.

Jay Adams foi o primeiro portavoz do movimento de aconselhamento bíblico. Foi um dos fundadores da Christian Counseling and Educational Founda-tion, em 1968, e atualmente é membro emérito do comitê diretivo.

Não. Você se dará mal porque a fotografia representa aquilo que você insultou, atacou e tentou destruir — minha esposa. A imagem de Deus no homem é importante por causa dAquele a cuja imagem fomos criados, não por você ou por mim, que somos apenas o papel fotográfico.

Em busca de apoio para sua idéia de "cura de memórias", outro conselheiro faz mau uso da afirmação de Jeremias de que Deus não se lembrará de nossos pecados (31.34) — como se Deus pudesse esquecer alguma coisa. Este conselheiro igualou erradamente *não lembrar* com *esquecer.* Ele foi longe demais em sua interpolação não-bíblica, a ponto de escrever: "Talvez o próprio Deus tenha passado por algum tipo de cura de Suas memórias". Se isso não é fazer um mau uso das Escrituras e insultar o nosso Deus, não sei dizer o que é. Por onde anda a teologia deste autor? Ele tem uma doutrina formada a respeito de Deus?

O advogado de um conselheiro famoso chamou o processo bíblico de exclusão da igreja, descrito em 1Coríntios 5.5 como uma entrega da pessoa a Satanás, de "ritual satânico". E quase inacreditável!

Escrevendo um livro sobre perdão, outro conselheiro disse: "Cristo concedia perdão mesmo antes que houvesse um pedido de perdão. Ele orou: `Pai, perdoa lhes, porque não sabem o que fazem'. Isso é perdão — não solicitado, imerecido, e ainda assim concedido livremente". Mas até mesmo uma exegese superficial revela que não houve perdão concedido na cruz. A oração de Cristo foi um pedido para que Deus os *perdoasse* e não uma expressão de perdão *já concedido* àqueles que o crucificavam. Deus respondeu a esta oração? Sim. Ele a respondeu no dia de Pentecostes, e em outras ocasiões posteriores, por meio da pregação de Pedro. Aqueles que pela misericórdia de Deus arrependeram-se e creram foram as primeiras de muitas respostas à oração de Jesus. Perdão não foi concedido sem arrependimento e fé. Aquele autor não entendeu corretamente o texto bíblico.[2]

Quantas vezes você ouviu uma explicação do texto que lemos em Romanos 8.15, 16 — "o Espírito testifica com o nosso espírito" — atribuindo-lhe o significado de que o Espírito testifica *ao* nosso espírito? Um breve estudo em um bom comentário é suficiente para esclarecer que a preposição grega usada no texto *(sun)* não significa *ao.* Significa *junto com.* O Espírito testifica *com* o nosso espírito. A idéia aqui é claramente a de duas testemunhas, como pedido pela lei de Deus. Não é o Espírito testemunhando *a* nós, mas *junto* conosco.

Quando foi a última vez que você ouviu alguém fazer um mau uso de 1 Tessalonicenses 5.22? Paulo nos exorta a evitar toda aparência do mal. Quase todos os bons comentários explicam que Paulo não está dizendo: "Evite coisas que *parecem* más, mas não são más". Ele está dizendo: "Evite o genuíno mal qualquer que seja a forma em que ele se apresente, e sempre que ele se apresentar".

Recentemente, em um programa de televisão, alguém estava tentando vender um tônico a base de hissopo: "A Bíblia ensina que devo 'purifica-me com hissopo' e isso,

---

[2]NdT. Em seu livro *The Christlan Counselor's New Testament,* Jay Adams esclarece a questão com base nos textos de Marcos 11.25, Mateus 6.12-15 e Lucas 17.3. "No seu coração, o cristão deve perdoar, e deve expressar diante de Deus sua disposição para conceder perdão. Nenhum rancor pode ser guardado. Mas perdão é na verdade *concedido a* outra pessoa no momento em que ela se arrepende (cf. Lc 17)". (p. 129). Para um tratamento mais detalhado do assunto, consulte também *A Theology of Christian Counseling: More than Redemption* (Zondervan, 1986).

com certeza, é fato". E acrescentou: "Você precisa beber este tônico de hissopo para que ele purifique internamente o seu organismo". Qualquer pessoa que tenha um treinamento bíblico mínimo sabe que limpar ou purificar com hissopo refere-se nas Escrituras a aspergir sangue em pessoas e objetos usando como instrumento esta planta. Em Êxodo 12.22 lemos: "Tomai um molho de hissopo, molhai no sangue que estiver na bacia e marcai a verga da porta e suas ombreiras com o sangue que estiver na bacia". Em Hebreus 9.19 nos é dito que Moisés "tomou o sangue dos bezerros e dos bodes, com água, e lã tinta de escarlate, e hissopo e aspergiu não só o próprio livro, como também todo o povo". Não há nada a respeito de tônico de hissopo capaz de purificar os órgãos internos do nosso corpo.

A chave da ciência

À luz do que acabamos de ver, eu lhe pergunto: É necessário aprender a interpretar a Bíblia para que você possa aconselhar biblicamente? Não lhe parece que você tem um trabalho grande pela frente?

Não estou falando em dedicar um esforço superficial à tarefa de interpretação, mas em estudar a Palavra tão profundamente que lhe permita conhecer o significado real de cada passagem que você usa. Será que Deus abençoa o uso de Sua Palavra independentemente de como a usamos? Deus tem o direito de fazer o que Lhe agrada com Sua Palavra. Com certeza, Ele é gracioso para conosco mais do que nós somos uns para com os outros. Mas isso não é desculpa para que usemos a Palavra de Deus indevidamente, sem a correta compreensão e interpretação.

As palavras de Jesus aos conselheiros que estavam desviando outros por meio de interpretações errôneas da lei do Antigo Testamento nos dão uma indicação da importância que Ele atribuiu a esta questão. Jesus disse: "Ai de vós, intérpretes da Lei! Porque tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam entrando" (Lc 11.52). É uma questão séria. Eles não apenas corriam risco diante de Deus, mas colocavam outros igualmente em perigo porque lhes apontavam uma direção errada.

A necessidade de estudo

Pedro falou sobre a seriedade deste problema em 2Pedro 3.16-18. Referindo-se aos escritos de Paulo, Pedro disse que aquelas cartas continham "certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles. Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza". É perigoso, diz Pedro, seguir aqueles que torcem e deformam as Escrituras. É importante reconhecer que há porções das Escrituras que são mais difíceis de entender do que outras. É necessário tempo, esforço, oração e estudo adicionais para interpretá-las corretamente. De fato, Paulo, assim como outros, nem sempre escreveu coisas *fáceis* de entender.

A Bíblia não é um livro para ser lido informalmente, como um jornal. É um livro sobre o qual você deve se debruçar em estudo com seu coração e suas habilidades, até que possa extrair os grandes tesouros que Deus depositou ali. Deus não procura dificultar a tarefa, mas algumas partes são certamente mais difíceis de interpretar que outras. Visto que somos tão estultos, pecadores, preguiçosos e cegos, com frequência temos dificuldade para extrair as verdades esparsas. Uma leitura superficial da Bíblia não é suficiente. Devemos fazer um estudo sério.

Incomoda-me a palavra *devocional.* Quando as pessoas mencionam um estudo *devocional* da Bíblia, não sei o que estão querendo dizer. Receio que frequentemente queiram dizer: "Vou fechar minha mente para aquilo que a passagem possa significar ou que todos os comentários possam me ajudar a entender. Vou me limitar a permitir que as palavras penetrem lentamente em meu ser, e então filtrar algo que possa ser útil para mim. Seja ou não aquilo que Deus tencionava de fato dizer, de alguma maneira me fará bem".

Quero encorajá-lo a um *estudo* devocional da sua Bíblia, em lugar de fazer um uso meramente superficial das Escrituras. Quando for à Palavra de Deus, você nunca deve fechar a mente ao estudo. Pelo contrário, deve ir com toda sua perspicácia e habilidade para entender o verdadeiro âmago da passagem. Invista tempo pensando no significado do texto bíblico. Insista até conseguir. Então agradeça a Deus pelo entendimento e aplique-o à sua vida de modo a aumentar sua devoção a Deus. Faça um estudo *devocional* da Bíblia dedicando-se a um *estudo* intensivo dela.

Deturpando as Escrituras

No livro de Provérbios, o escritor fala em habilidade "para entender provérbios e parábolas, as palavras e enigmas dos sábios". Há coisas difíceis de entender em Provérbios, mas o livro tem o propósito de instruir. É necessário esforço, oração e trabalho para extrair a verdade que torna o homem sábio.

Infelizmente, o que vemos com certa frequência no chamado aconselhamento bíblico é o uso da Bíblia de acordo com a própria conveniência. Muitos deturpam as Escrituras, torcem e deformam a Palavra de Deus para encaixar idéias previamente encontradas em livros seculares. É de se esperar que a Bíblia seja invariavelmente deturpada para se ajustar à psicologia quando a interpretação é feita por alguém com doutorado em psicologia e um conhecimento bíblico rudimentar adquirido na escola dominical. Nestas condições, é impossível estudar devidamente a Bíblia. Quando as Escrituras são distorcidas e deformadas, Pedro ensina que o resultado é destruição, tanto para aquele que atua como para aqueles que ouvem. A deturpação das Escrituras arruína a vida de conselheiros e aconselhados.

De acordo com Pedro, o que leva as pessoas a deturparem as Escrituras? Por que há tanta interpretação errônea da Palavra de Deus? Por que as pessoas tratam a Palavra de Deus com tanta superficialidade? 2Pedro 3.16 põe o dedo na questão: os maus intérpretes são pessoas ignorantes e instáveis.

Deus não confere prêmio à ignorância. Ele quer ver pessoas sábias, cheias de conhecimento. O primeiro capítulo de Provérbios ensina que entendimento, discernimento e conhecimento são partes da vontade de Deus para a nossa vida. A Bíblia foi-nos dada para que pudéssemos ter conhecimento. "O temor do SENHOR é o princípio do *saber".* Os conselheiros que não têm conhecimento da Bíblia estão neste estado porque gastam seu tempo estudando as psicologias e não as Escrituras.

A última onda

Recentemente foi publicado um livro secular com o título *Fad Surfing* (Surfando nas Ondas do Modismo). Seu foco está nas empresas que seguem uma onda após a outra de idéias da re-engenharia para melhorar seus negócios e operar melhor. Mas com onda após onda e após onda, a administração destas organizações está agora desgastada, gerando instabilidade na vida de pessoas e empresas. Muitos estão tombando na ressaca

das ondas. Minha opinião é que o mesmo se aplica muito bem ao desenvolvimento daquilo que é hoje chamado de aconselhamento cristão.

Quando comecei a aconselhar, Freud era muito popular. Depois veio Rogers, e tomou-se mais importante que Freud. Depois de Rogers veio Skinner; e mais tarde Skinner saiu de cena. Uma avalanche de tolices os sucederam. "Eu estou ok, você está ok" entrou em cena. Mas hoje não está mais ok! Depois disso veio a ênfase na auto-estima. Quando morei na Califórnia, a questão da auto-estima permeava cada aspecto dos sistemas educacional e governamental. Certa vez, eu estava dirigindo acima do limite de velocidade permitido e fui parado por um policial que se aproximou e disse: "Nós não acreditamos que você seja um mau sujeito porque está correndo, mas você vai ganhar uma multa!". Eu pouco me importava com o fato dele pensar ou não que eu fosse um mau sujeito! O que me importava mesmo era ter que pagar a multa! Mas o seu comentário tinha a finalidade de manter a minha auto-estima. Tais esforços caíram em desuso quando as pessoas finalmente foram forçadas a reconhecer que eles não acrescentavam nada de bom.

As pessoas que promovem uma onda após outra de novas soluções psicológicas nunca aprenderam a interpretar as Escrituras. Não são sábias em extrair das Escrituras o que Deus depositou ali. Gastam seu tempo lendo livros sobre aconselhamento enquanto seu entendimento das Escrituras permanece superficial.

Aprendendo a interpretar as Escrituras

O que você precisa fazer para ser diferente? Se possível, frequente um curso de interpretação bíblica, hermenêutica ou exegese, termos que vou logo mais explicar. Procure orientação séria para o estudo bíblico. Se você não puder frequentar um curso, meu livro *What To Do On Thursday (O Que Fazer na Quinta-feira)* pode orientá-lo. O importante é aprender a interpretar as Escrituras.

O mau uso das Escrituras não acontece apenas porque as pessoas são *ignorantes.* Pedro diz que são também *instáveis,* sem raízes profundas. Elas se curvam a cada vento de doutrina. Esta "onda de modismo" é constante em determinados círculos devido à instabilidade das pessoas. Em vez de aprofundarem e aperfeiçoarem seu conhecimento bíblico a respeito de como viver para Deus com alegria, elas adotam um sistema de aconselhamento após outro e logo em seguida os lançam ao mar. Jamais chegam ao conhecimento da verdade (cf. 2Tm 3.7).

Não creio que eu conseguiria ir muito longe por este caminho. Por exemplo, se eu tivesse investido meu tempo em "Eu estou ok, você está ok" para depois descobrir que já estava fora de moda e que eu precisaria adquirir ferramentas de *outro* sistema, aprender seu jargão e estratégias, eu não ficaria satisfeito. Ao descobrir que este tipo de reciclagem seria necessário diante de cada uma das sucessivas ondas de teorias de aconselhamento novas, eu logo ficaria cansado. Eu começaria a colocar em dúvida se estas pessoas encontraram de fato a resposta e concluiria, a tempo, que os conselheiros, em sua maior parte, são instáveis. Tiago diz que tais pessoas são como as ondas do mar. Você pode ver uma onda, mas quando você se aproxima para tocá-la, ela já se foi! Ela é instável. Muda constantemente de forma, posição e cor. Está em movimento contínuo. Eu não seria capaz de aconselhar pessoas se estivesse continuamente em mudança. Você seria?

A Palavra de Deus é *estável.* Os conselheiros que alicerçam sua fé com firmeza sobre a Palavra tornam-se estáveis, arraigados e fundamentados em algo que não muda. À medida que seu conhecimento se aprofunda, é claro que haverá certa mudança. Mas visto que as Escrituras permanecem como a fonte e o referencial para tudo quanto crêem e fazem no aconselhamento, eles nunca precisarão fazer uma reciclagem para adotar um modelo inteiramente novo. Eles aprenderão mais a respeito daquilo em que já se firmaram. Mudança será um aprofundamento do entendimento, algo edificado sobre o mesmo fundamento. Que diferença isso faz! Você não precisa desanimar. Pode ter a certeza de que assumir uma posição ao lado da Palavra de Deus e gastar seu tempo aprendendo mais e mais a respeito dela é investir em algo sólido e digno de valor.

Há uma outra bênção que precisa ser mencionada. Você está estudando a Palavra do Deus vivo, logo é impossível fazer isto sem que resulte em benefício para você — sem que o desafie e o conduza ao arrependimento, a um maior entendimento de como viver com outras pessoas, como lidar com os aconselhados e como resolver os problemas. É maravilhoso investir seu tempo na Palavra de Deus, aprendendo mais e mais do que ela diz. E algo de grande benefício. Considero um enorme privilégio estudar a Palavra para pregar e aconselhar, e não consigo entender por que alguém gastaria tempo procurando sabedoria em outro lugar a não ser na Bíblia.

Mas de acordo com Pedro, o erro é algo que contamina. "Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza" (2Pe 3.17). Algumas destas pessoas são desprovidas e mal-informadas, embora bem intencionadas. Outras, como diz Pedro, não têm princípios morais. Algumas reconhecem o vazio daquilo que estão fazendo, mas foi tamanho o investimento feito que elas seguem adiante fingindo, praticando e propagando suas idéias, embora não estejam de fato ajudando outras pessoas.

Três elementos de interpretação

Deus nos chama a concentrar a atenção no conhecimento bíblico e crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Há três termos que são importantes para a interpretação da Bíblia.

Hermenêutica é o primeiro deles. A palavra deriva do nome de um personagem da mitologia grega, Hermes, o suposto mensageiro dos deuses gregos e intérprete de suas mensagens. Em nossos dias, a palavra perdeu sua conotação religiosa, mas ainda traz a idéia de um mensageiro que interpreta uma mensagem para outra pessoa. Ela significa simplesmente explicar, interpretar. Em Lucas 24.27, lemos: "E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, [Jesus] expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras". Jesus estava fazendo hermenêutica. Ele estava explicando.

Utilizamos hoje a palavra hermenêutica com referência à ciência da interpretação e explicação da Bíblia. Ela inclui, em seu uso mais comum, as teorias, os princípios e as práticas da interpretação da Palavra de Deus. O exercício de colocar estes princípios em ação durante o estudo da Bíblia é identificado por outra palavra, *exegese.* Este é o segundo termo com o qual precisamos nos familiarizar. É uma forma da expressão grega que significa *levar ou conduzir para fora.* Refere-se ao ato de extrair das palavras de um escritor o seu pensamento. Na exegese, você extrai os pensamentos do autor usando ferramentas da hermenêutica, de acordo com

os princípios da hermenêutica. Você colhe estes pensamentos e os transporta para seu coração e sua mente, de modo a ser capaz de apresentar aos outros as verdades da Palavra de Deus.

Em outras palavras, o que fazemos ao praticar uma boa exegese é aplicar os princípios de interpretação (a hermenêutica) de modo a extrair *da* Bíblia aquilo que Deus colocou *na* Bíblia. Não derramamos primeiramente algumas de nossas idéias na Bíblia para depois puxá-las dali. Vamos ao poço com um cântaro vazio; queremos saber o que Deus tem a nos dizer. À medida que mergulhamos na verdade de Deus, o que vem à tona são as águas vivas da Palavra. Isto é exegese.

Calvino escreveu: "A primeira tarefa de um intérprete é permitir que o autor diga aquilo que de fato diz, em lugar de atribuir a ele o que pensamos que ele deveria dizer". Isto é exegese. Em outras palavras, exegese envolve todo o entendimento, toda a experiência e toda a ajuda que possam estar disponíveis para extrair da Palavra o significado e a intenção do Espírito Santo ao escrever o texto original.

Um outro termo não-técnico, mas que nos ajuda a entender a questão, *é abrir ou expor.* Ele completa nossa lista tríplice. Esta palavra aparece em Lucas 24.32, 45, e seu sentido é o de abrir a Palavra e explicar. Você se lembra de como Jesus se referiu aos fariseus dizendo que haviam tomado a chave do conhecimento, trancado a porta e lançado fora a chave? Isso impedia que as pessoas entrassem e ganhassem conhecimento. Em contraste, *abrir é* colocar a chave na fechadura e escancarar a porta do conhecimento da Palavra de Deus diante das pessoas. É dizer: "Aqui está o que Deus diz em Seu Livro", e explicar isso aos outros.

Ministrar a Palavra durante uma sessão de aconselhamento é explicar uma passagem bíblica a alguém para que possa dizer em seu coração e em voz alta: "Ah! Eu entendo o que isso quer dizer!". Mais tarde, os aconselhados não dirão: "Esta é uma idéia do conselheiro". Dirão: "Eu entendo que isso é o que Deus está me falando em Sua Palavra. O conselheiro *abriu* essa passagem para mim de tal maneira que pude saber o que Deus está me dizendo". Isto contrasta com o uso superficial de um trecho das Escrituras, quando um conselheiro (figurativa ou literalmente) entrega um versículo a alguém e diz: "Leia três vezes ao dia, acompanhado de oração". Isto não *é ministrar* a Palavra. O bom aconselhamento implica fazer primeiramente um estudo pessoal da Palavra de Deus para compreendê-la. Depois, com o aconselhado sentado à nossa frente, *abrimos* a passagem diante dele para que ele possa reconhecer que a autoridade daquilo que estamos dizendo não vem de nós, mas de Deus — ele pode perceber isto por meio da Palavra *aberta.* Sempre que as Escrituras são plenamente expostas, os aconselhados não podem desculpar a si mesmos encolhendo os ombros e dizendo: "Muito bem, isso é apenas o que o conselheiro pensa". Se virarem as costas a uma ordem bíblica, eles o farão com pleno conhecimento.

Os alvos do intérprete

Uma vez estabelecido que o alvo é entender os pensamentos e intenções do Espírito Santo expressos por meio dos escritos inspirados de homens escolhidos por Deus, os objetivos do intérprete devem ser três: (1) nada adicionar nem subtrair aos pensamentos e intenções do Espírito Santo, mas (2) reproduzi-los com exatidão em palavras que sejam plenamente compreensíveis (3) pelo

intérprete e por aqueles que ele aconselha. Este é um pré-requisito para o verdadeiro aconselhamento bíblico.

Por que isso é importante? Por causa daquilo que Deus diz ser a tarefa de um verdadeiro conselheiro. Em Isaías 40.13, 14, Ele nos lembra que não cabe aos homens aconselhar o Espírito de Deus. Deus não precisa ser aconselhado! Todavia, no decurso de seu argumento, Isaías lista aquilo que um conselheiro normalmente faz e aquilo que um conselheiro precisa fazer. Isaías diz que um conselheiro normalmente *orienta as pessoas.* Segundo, ele *informa.* Terceiro, ele *dá entendimento ou discernimento.* Quarto, ele *ensina.* Mais adiante, em Isaías 41.28, ele acrescenta que um conselheiro *oferece respostas.* Um conselheiro, portanto, orienta, informa, dá entendimento, ensina e oferece respostas às perguntas que lhe são feitas. Se você pretende cumprir este papel biblicamente, você precisa saber como interpretar a Bíblia.

Biopsiquiatria



David Powlison[1]

Por cerca de dez anos, até a metade da década de 90, para qualquer lado que você se voltasse no mundo do aconselhamento ou em uma livraria, você ouviria mencionar como causa dos problemas da vida as experiências penosas de ser usado e abusado por outras pessoas. As emoções desagradáveis e os comportamentos destrutivos eram estimulados e orientados por um senso de mágoa e vazio proveniente de maus relacionamentos. Os livros *Codependent No More (Não Mais Codependente,* 1987) de Melody Beattie e *Homecoming (De Volta ao Lar,* 1990) de John Bradshaw foram amplamente vendidos. No mundo evangélico, as clínicas psiquiátricas particulares, que ofereciam também tratamentos com internação, prosperaram propondo essencialmente esta mesma teoria: as clínicas Minirth-Meier e Rapha, e o New Life Treatment Center (Centro de Tratamento Vida Nova). Os psicólogos e psiquiatras evangélicos escreveram *best-sellers* defendendo que a dor e o vazio emocionais desempenham um papel primordial e determinante em nossa alma: por exemplo, *Inside Out (De Dentro para Fora,* 1987) de Larry Crabb *e Love is a Choice (O Amor é uma Escolha,* 1989) de Robert Hemfelt, Frank Minirth e Paul Meier.[2]

O centro de ação estava nas experiências da infância. Visto que as nossas famílias eram disfuncionais, encenávamos o papel de um perdedor por nascença e de uma vítima infeliz - até que pudéssemos encontrar cura interior e satisfação emocional. *"Por que* meus pensamentos, sentimentos e comportamentos são maus? Eu sofri abuso. Meu pai é o responsável. Providencie relacionamentos de cura para mim e ajude-me a ter pensamentos a meu respeito que promovam a cura". Estes foram os dias de glória do "ambiente em que fui criado" e, conseqüentemente, os dias de

[1]Tradução e adaptação de *Biological Psychiatry* Publicado em *The Joumal of Biblical Counseling* v. 17, n.3, Spring 1999, p. 2-8.

[2]*Inside Out é* diferente de *Love is a Choice* em aspectos que contam a favor de Crabb. Mas ambos ensinam que o mecanismo subjacente da alma *é o* coração necessitado, ferido, cheio de anseios e vazio, que foi vitimado e não *é* devidamente satisfeito por meio dos relacionamentos.

glória da psicoterapia e dos grupos de apoio. Se a condição básica de um indivíduo era de imersão no organismo social, então manter ao seu redor pessoas melhores contribuiria para ele melhorar.

E então o mundo mudou.

O eu interior necessitado e ferido, tão marcado e desfigurado pelas experiências traumáticas vividas, desapareceu no pano de fundo. Ao longo da segunda metade da década de 90, todos descobriram que eram os genes, os hormônios e o cérebro os verdadeiros causadores dos problemas da vida. Nosso corpo era disfuncional, e não a família. As tecnologias de diagnóstico por imagem - tomografia computadorizada e outras mais - permitiram examinar atentamente o interior do cérebro para observar as descargas elétricas dos neurônios, traçar os mecanismos padrão e identificar o lugar onde os estados emocionais e as escolhas de comportamento acontecem. O Projeto Genoma Humano está gerando um relato após outro sobre o fundamento genético dos pecados comuns.

Em *It's Nobody's Fault (Não é Culpa de Ninguém,*1997), Harold Koplewicz diz que as crianças indóceis sofrem de uma deficiência nos neurotransmissores, e não há nada de errado com elas como pessoas ou com a maneira como foram criadas. Em *Listening to Prozac (Ouvindo o Prozac,* 1993), Peter Kramer diz que entramos na era da "psicofarmacologia cosmética". Podemos agora tentar um ajuste químico do cérebro de pessoas deprimidas ou ansiosas, acanhadas ou agressivas: "Prozac pode transformar um pessimista em otimista, um solitário em extrovertido".[3] A química cerebral e a genética tornaram-se a causa *eficiente* da nossa personalidade, das inclinações e problemas: um temperamento alegre ou melancólico, tendências para violência, alcoolismo, comer em excesso, preguiça, distração ou timidez, escolha de um comportamento homossexual ou promíscuo. E a causa *eficiente* é sempre a causa mais interessante, e aquela com a qual você deve lidar para realmente alcançar mudanças. Ou se algo não pode ser mudado, pois é parte da compleição genética, temos razão para aceitar um comportamento como normal e amoral.

Visto que nosso corpo é disfuncional, somos marionetes que dançam suspensas por fios de neurônios, ao som de uma melodia programada por nossos genes e a droga certa pode acalmar quando a dança torna-se espástica. *"Por que* meus pensamentos, sentimentos e comportamentos são maus? Eu sou vítima de uma malformação. Meu corpo é o responsável. Providencie medicamentos para me acalmar ou me animar para que eu possa sentir-me melhor e funcionar melhor". Estamos vivendo agora os dias de glória da "ciência" e, consequentemente, os dias de glória da biopsiquiatria. Se o indivíduo é uma máquina com partes que não funcionam bem, um mero organismo, então qualquer coisa que faça as partes funcionarem melhor contribuirá para melhorá-lo.

Evidentemente, eu simplifiquei de modo exagerado nosso contexto histórico para ressaltar meu argumento. As coisas nunca são perfeitamente distintas: as clínicas Minirth-Meier também prescreviam Prozac para todos os seus codependentes feridos. Teorias passageiras podem ter os seus quinze minutos de fama antes de sair de cena, mas geralmente levam um longo tempo para desaparecer completamente. O conceito de necessidades psicológicas e de feridas emocionais ainda está entre nós e não desva-

[3]KRAMER, Peter. *Listening to Prozac: a psychiatrist explores antidepressant drugs and the remaking of the self*. USA: Viking, 1993.

necerá tão cedo. Mas sem dúvida, o mundo mudou na segunda metade da década de 90. O campo de *ação* está agora no corpo. O que importa é o que você recebeu de seus pais, e não aquilo que eles fizeram a você. *O entusiasmo* está nas funções do cérebro, e não nas disfunções da família. *O foco* está na pesquisa sólida das ciências médicas e na psiquiatria, e não nas psicologias maleáveis que enfatizam a dor e a filosofia de vida.

A psiquiatria está de volta. A partir da década de 60, os psiquiatras afastaram-se de forma contínua do tratamento da vida cotidiana. Face às novas e numerosas alternativas profissionais no campo da psicoterapia, eles pararam de conversar com as pessoas e armaram sua barraca no terreno biomédico. Agora a biologia está repentinamente em alta, e a psiquiatria está abrindo caminho e varrendo de sua frente toda oposição. As companhias de seguro gostam disso porque as drogas psicotrópicas têm aparência de "medicina", parecem ser mais baratas que uma conversa e prometem resultados mais previsíveis. Os profissionais psicoterapeutas estão na defensiva, temerosos de ter que encontrar outra profissão, aflitos por descobrir um meio de sobrevivência no mundo das "profissões de ajuda", caindo vagamente em descrédito intelectual e vendo passar o brilho da década dourada de 80.

Enquanto a biopsiquiatria atua hoje em uma posição de força intelectual, as psicologias atuam em posição de fraqueza. As psicologias estão pagando agora o preço da confusão cognitiva em que caíram por décadas. À medida que as teorias continuaram a proliferar, a possibilidade de uma Grande Teoria Unificada da natureza humana tornou-se apenas lembrança, uma velha idéia impraticável da primeira metade do século vinte.

Não há esperança de que Freud ou Adler, Maslow ou Skinner, Kohut ou Satir possam estar de fato *certos.* Ninguém espera que no novo milênio possa aparecer algum gênio com talento para inovação e também para a grande síntese. Ninguém espera que desponte alguém com *a verdadeira* psicologia. Desta forma, "ecletismo" não é mais uma palavra feia. Tempos atrás significava falta de rigor intelectual e coragem, e uma atuação pragmática. Agora, na era do ceticismo teórico, tornou-se o único curso de pensamento e ação honesto: os terapeutas prezam pela variedade de métodos e os teóricos pelo ecletismo fundamentado. As microteorias e micropesquisas são o que resta para oferecer: "reações de tristeza em lésbicas hispânicas na faixa de trinta anos" não têm relacionamento teórico com "reações de alegria em adolescentes jogadores de futebol americano campeões estaduais em Massachusetts".

Não há uma perspectiva unificada. A pluralidade dissipa qualquer possibilidade do "um". A pós-modernidade e o multiculturalismo martelam o prego final no caixão: já que tudo não passa de uma questão de interpretação pessoal sua ou minha, então tudo se reduz a relações de poder. Sendo assim, as profissões relacionadas à psicoterapia legitimam a si mesmas apenas pelo *status* de um registro profissional e por serem pagas, e não porque possuem boa qualidade, verdade ou eficácia demonstráveis. A "psicologia", no singular, está enfrentando um problema fundamental, visto que ninguém nem mais acredita que exista tal coisa. O que resta são "psicologias".

Mas o que é verdadeiro para as psicologias e psicoterapias não é para a psiquiatria. No conjunto das profissões de ajuda que se dirigem aos problemas pessoais, o único candidato viável para a Grande Teoria Uni-

ficada não é exatamente uma "psicologia", mas a biopsiquiatria. A "psichê" torna-se um subproduto do corpo. A medicina está pronta para reivindicar a personalidade humana. Sigmund Freud, fisiologista por formação, sonhou com o dia quando o drama da vida humana seria compreendido biologicamente e curado pela medicina. Ele teceu seus mitos em meio à falta de habilidade da ciência médica para desvendar o pensamento consciente, o comportamento, o desejo, a consciência e a emoção, entre outros. Mas Freud acreditava que algum dia a ciência penetraria no *cérebro* que opera em e por meio do id, ego e superego.

A dança que acontece em público e no semiprivado - a mente consciente e inconsciente - seria um dia explicada pelo cérebro. São muitos os que acreditam que agora chegou a hora de poder colocar suas mãos no pote de ouro. O sonho do materialismo reducionista parece, de modo tantálico, muito perto de se tornar realidade. Em nossos dias, somente a biopsiquiatria (além da fé bíblica) pode reivindicar de modo plausível uma Grande Teoria Unificada do funcionamento humano.

Foi estupidez e suicídio social dizer que todos eram vítimas de abuso. É também desagradável dizer que somos pecadores diante do Deus e Pai de Jesus Cristo o único Redentor. As pessoas querem dizer que somos essencialmente corpo, porque assim podemos consertar o que nos aflige. Este é o monstro assolador que tenta esmagar tanto a psicologia e a psicoterapia como o cristianismo.

Durante anos os conselheiros bíblicos desafiaram *a psicologização* da vida humana, argumentando que os seres humanos são básica e profundamente relacionais - vivem diante de Deus e em relacionamento com Ele. A grande síntese de *todos* os fatos acerca do homem é... o cristianismo. As pessoas psicologizadas procuram explicar e consertar vidas por meio de alguma interpretação da vida humana que exclui Deus, o pecado, Cristo, a santificação e o restante da verdade bíblica. Mas é tempo de atualizarmos um pouco nossa linguagem. Atualmente, *a biopsicologização* da vida humana está surtindo um efeito amplo, tanto na cultura como na igreja. Ministramos a um número cada vez maior de pessoas biopsicologizadas, que vêem a si mesmas, seus cônjuges e filhos como *corpos* que enlouqueceram.

Um artigo publicado recentemente pela revista *The Economist* coloca bem a questão: "Muito do conhecimento novo vindo da genética, biologia molecular e ciências neurológicas é esotérico. Mas seu impacto cultural já está indo adiante da ciência. As pessoas começam a ver a si mesmas não mais como um todo com um centro moral, mas como resultado da ação combinada de partes pelas quais elas têm pouca responsabilidade".[4] A base de conhecimento pode estar exagerada ou mesmo subdesenvolvida, mas o sistema de valores está evidente: logicamente, você não é VOCÊ no momento de assumir alguma responsabilidade por aquilo que há de errado com você, mas é apenas uma máquina cujas partes não estão funcionando.[5] A prática também tende a correr muito adiante do conhecimento: o que não está funcionando pode ser substituído, reinstalado, atualiza-

---

[4]ANDERSON, Alun. *Are you a machine of many parts?* In: *The World in 1999,* London: The Economist, 1999. p. 109-110.

[5]Talvez não deva nos surpreender que as pessoas tenham a tendência de ver a si mesmas como máquinas apenas quando as coisas não estão indo bem. Muitas pessoas, inclusive cientistas, ainda recebem crédito por suas realizações, habilidades, escolhas bem sucedidas e opiniões, exatamente como faziam quando as famílias disfuncionais eram o auge da moda!

do ou lubrificado, mesmo que ainda não compreendamos totalmente o mecanismo subjacente.

A igreja está um pouco atrás do modo de pensar da cultura. Mas ela já está sendo afetada profundamente pelo sistema de valores e prática da biopsiquiatria. Se algo está estragado, ou se apenas não está funcionando com excelência, pode ser consertado de fora para dentro por uma droga psicotrópica: melhora da qualidade de vida pela química. Em seu ministério e em sua igreja, você já está provavelmente enfrentando este sistema de valores e práticas. Tanto nos bancos da igreja como no púlpito, muitos estão debaixo do efeito de drogas que alteram a mente, o humor e o comportamento. Cada vez mais, todos nós lidamos com as idéias e as reivindicações do conhecimento. A revista *Time* começa a informar em reportagem de capa sobre os questionamentos e escolhas com que os cristãos se deparam na vida diária. Por fim, tais idéias alcançam o sistema educacional em forma de sabedoria da cultura com que se deve discipular a geração seguinte.

Este artigo é limitado na abordagem do problema. Minha descrição não é mais do que uma pincelada superficial. Darei agora dois argumentos breves em resposta a este desafio à fé cristã. O primeiro é baseado em "pressuposições" e o segundo, em "evidências históricas". O primeiro é de longe o mais importante, mas não irei além de enunciá-lo, pois tem sido tratado muitas vezes e por muitos antes de mim. O segundo é somente um argumento auxiliar, mas ele oferece o conforto peculiar da perspectiva de um grande quadro - se construído sobre o primeiro argumento.

Em primeiro lugar, o que Deus disse a respeito da natureza humana, dos nossos problemas e do único Redentor é verdade. E verdade verdadeira, uma verdade confiável. O que a Bíblia diz a respeito do homem nunca será destruído por nenhuma descoberta neurológica ou genética. A Bíblia é uma bigorna que tem desgastado milhares de martelos. A neurologia e a genética estão descobrindo uma *grande quantidade* de fatos interessantes. As novas descobertas permitirão que os médicos curem algumas doenças, o que é algo genuinamente bom e que beneficiará a todos. Mas a biopsiquiatria não pode explicar, nem jamais explicará, o que de fato somos. Todo homem é criado à semelhança de Deus, com um corpo e uma alma que dependem de Deus. A própria habilidade para traçar o genoma humano ou uma tomografia computadorizada é dada por Deus.

Além isso, todos os homens são moralmente loucos pelo efeito do pecado, vivendo como se fossem deuses, ainda que Deus restrinja a manifestação lógica do pecado. Esta é a razão por que as implicações, aplicações e esperanças das descobertas da neurobiologia combinam aquilo que é bom com o que é aterrador e perverso. Os biopsiquiatras e pesquisadores da microbiologia interpretam suas descobertas e determinam as implicações de um ponto de vista deformado pelo pecado. As pressuposições e esperanças que motivam a biopsiquiatria são tão mitológicas quanto as crenças de um hindu que se inclina ante o deus Kali, ávido de sangue, ou o deus Shiva, dado à perversão sexual. Tanto a biopsiquiatria como o hinduísmo servem a uma visão fantasiosa da realidade da vida humana. Como preço por curar a poucos, os biopsiquiatras induzirão muitos ao erro. *Eles* não agem conforme o previsto pela sua teoria - como máquinas ou meros organismos. Eles agem como pessoas criadas à imagem de Deus e enganadas pelo pecado. "Seja Deus

verdadeiro, e mentiroso todo homem" (Rm 3.4). E eles podem ser redimidos, tanto no aspecto pessoal como intelectual e prático.

Os filhos de Deus *estão* em Cristo, e aprendem a amar a Cristo em um processo de mudança gradual da loucura para a sabedoria. Este é o argumento pressuposicional. As pressuposições bíblicas não contrariam os fatos da neurobiologia, assim como não contrariam os fatos do sofrimento, socialização, guerra, sexualidade, emoções ou história. O cristianismo é a grande "síntese", a "teoria" unificadora, a verdade.

Isso conduz ao meu segundo argumento contra a biopsicologização da existência humana: "Isso, também, passará". É útil ganharmos um pouco de perspectiva histórica, reconhecendo que estamos no meio da *terceira* maior onda biopsiquiatrica dos últimos 130 anos. Em cada caso, um pequeno acréscimo de conhecimento ou uma nova prática extrapolou em uma esperança enorme de resolver os males da humanidade. Em cada caso, a biopsiquiatria fez um bem pequeno e deixou muita desilusão. A primeira onda durou do fim da Guerra Civil Americana (1865) até por volta de 1910. O conhecimento neurológico novo - p. ex., a localização de determinadas funções cerebrais devido aos efeitos de lesões cerebrais ocorridas durante a guerra - foi generalizado na tentativa de definir os problemas da vida pelo modelo médico e tratar a vida pelos recursos médicos. A "neurastenia" ou o "esgotamento nervoso" tornaram-se explicação vulgar para qualquer ansiedade, depressão, perda de propósito na vida, irritabilidade e vício. Várias maneiras de fortalecimento dos nervos foram usadas: descanso, dieta, caminhadas ao ar livre, trabalho em fazendas, prevenção do estresse, medicamentos.

Por um ângulo um pouco diferente, a abordagem fisiológica da psicologia desenvolvida por Ivan Pavlov na década de 1890 foi uma tentativa inicial de reduzir a existência do homem a um mosaico de atividade neuroelétrica no córtex. Suas experiências também ofereceram uma demonstração tosca de que o comportamento e as funções glandulares podem às vezes ser manipulados. O mentor de Pavlov, Sechenov, havia definido sua filosofia materialista com a seguinte afirmação pragmática a que seu discípulo se agarrou: "O cérebro segrega pensamento". Esta é uma metáfora espantosa que demonstra a força e a lógica da cosmovisão biologizadora. A primeira onda biopsicológica desvaneceu-se à medida que suas práticas significativas provaram ser limitadas ou pouco mais do que bom senso. Seu fracasso como cura para a condição humana ficou óbvio a todos, e algo mais atraente e abrangente surgiu.

A psicologia freudiana irrompeu trazendo a primeira "cura pela fala" ou psicoterapia, com o behaviorismo e a terapia behaviorista seguindo logo de perto. Contudo, a primeira onda não desapareceu completamente. Ocasionalmente, ainda se ouve uma pessoa idosa mencionar que fulano está com "esgotamento nervoso", um eco do eufemismo dos anos de 1880 para pecados como ansiedade e murmuração.

A segunda onda biológica, nas décadas de 40 e 50, foi edificada sobre a eficácia de três novos tratamentos médicos para pessoas perturbadas descobertos na época: a terapia eletroconvulsiva e a lobotomia nos anos 40, e as drogas do grupo das fenotiazinas nos ano 50. Usando o eletrochoque, destruindo as células do cérebro ou administrando medicação estabilizadora da mente, os médicos puderam tentar um ajuste do sistema elétrico do corpo, uma vez localizadas as funções cerebrais e identificada sua química. Os processos do humor, comportamento

e pensamento foram atingidos. Mas esta onda biopsiquiátrica enfraqueceu à medida que as grandes esperanças foram frustradas pelas realidades impossíveis de tratar. Alguns sintomas foram aliviados, mas as pessoas não estavam *realmente* mudadas... e os efeitos colaterais eram terríveis. Nos anos 60, com o surgimento das novas psicoterapias e campos profissionais ligados à psicoterapia - abordagem sistêmica da família, terapia da realidade, terapia de grupo etc. - a biopsiquiatria saiu da cena pública. Os tratamentos com eletrochoque e drogas psicotrópicas do grupo fenotiazinas subsistem, mas ninguém mais deposita grande esperança neles. Fazem parte de um arsenal da psiquiatria que está disponível para quando nada mais funciona.

A terceira onda está acontecendo agora. Ela reluz com o mesmo brilho de esperança de suas antecessoras, embora certamente pareça muito mais sofisticada. (Semelhantemente, as fenotiazinas pareciam muito sofisticadas em comparação à "cura pelo descanso" e à lobotomia.) Mais uma vez, o conhecimento novo é gerado pela descoberta de novas habilidades para localizar as funções do cérebro: agora são as ressonâncias magnéticas que nos ensinam, e não mais as sequelas dos ferimentos por bala. As novas drogas não têm os efeitos colaterais incômodos e visíveis que costumavam deixar os pacientes com a boca seca, rígidos e dopados. Ninguém mais introduz pela órbita ocular um instrumento pontiagudo gelado e o movimenta ao redor do córtex cerebral (assim era feita a lobotomia).

O cérebro pode não ser uma glândula que segrega o pensamento, mas ele é um órgão eletroquímico que produz pensamentos, emoções e comportamentos. Ouvimos falar agora em estruturas genéticas, química cerebral e drogas formuladas para influenciar determinados neurotransmissores e as suas funções. De novo, há certo conhecimento real e fascinante aqui. Mas é o mesmo *tipo* de conhecimento das ondas anteriores, moldado e com suas proporções ampliadas por mitos semelhantes. A esperança de que entenderemos e curaremos o que nos aflige, localizando as funções do cérebro, ajustando o sistema neuroelétrico e a química cerebral, não morre. A biopsiquiatria curará algumas coisas, pelo que devemos louvar o Deus da graça comum. Mas ao longo do tempo, os efeitos colaterais indesejados e imprevistos estarão unidos a uma desilusão enorme. Os benefícios nunca cumprirão as promessas. E a vida de inúmeras pessoas, cujos problemas normais da vida estão sendo agora medicados, não sofrerá mudança qualitativa nem mudança de rumo.

Somente o arrependimento com entendimento, a fé viva e a obediência palpável transformam o mundo. Usando os eufemismos da década de 90, dizemos de alguém "tem" transtorno do déficit de atenção / hiperatividade, "sofre de depressão clínica" ou "é" bipolar. Sem de forma alguma minimizar a realidade dos comportamentos, emoções e processos mentais desordenados a que esta nomenclatura é atribuída, precisamos dizer que estes supostos diagnósticos têm a mesma substância de "esgotamento nervoso".

A terceira onda também passará, embora ela pareça ter potencial de conservação para um prazo de validade considerável, pois tem ciência de boa qualidade misturada com moda e mito. Mas porque a vida humana *é mais* do que isso, nenhuma biopsiquiatria jamais poderá ser satisfatória em questão de explicação nem cura. Algumas teorias novas conquistarão a opinião pública - provavelmente, uma psicoterapia pela fala, uma psicologia ou um sistema que faça sentido. Suponho que será algo "espiritual" ou "social". Na cultura ocidental do século vinte,

o interesse nas religiões orientais e ocultismo também tem se manifestado em forma de ondas, semelhantes às da biopsiquiatria, crescendo e depois desvanecendo.

Um movimento neojunguiano, sofisticado e erudito, poderia atualizar a pluralidade confusa da Nova Era e o sentimentalismo do Gaia para uma psicologia espiritualizada. Mas também estamos na expectativa de uma nova teoria ou terapia comportamental, alguma psicologia social cheia de vigor, que volte suas energias intelectuais e práticas ao condicionamento sócio cultural: educação, mídia, recreação, lazer, família, comunidade e política serão os centros de ação. Não sou um profeta, mas confio - tanto por pressuposição como por evidências históricas - que se esperarmos poucos anos ou décadas o foco não será mais a biologia, assim como não é mais o trauma de infância nem a influência do seu autopapo sobre a sua autoestima.

Mas a onda está atualmente em plena força. O Projeto Genoma Humano tem em sua equipe alguns divulgadores maravilhosamente competentes que nos alimentam a todos com uma torrente de informações de cunho tantálico, carregadas de implicações fantásticas. Na semana passada, li um artigo que falava sobre a possibilidade de sermos capazes de reverter o processo de envelhecimento e viver para sempre! Era um material hilariante, acompanhado pelas devidas considerações sobre as implicações éticas. Não posso discutir com os elementos de ciência citados, mas aqui é que a história tem seu papel em nos ativar a lembrança. Quando o mapeamento dos genes estiver completo, quando as pessoas que estão sendo tratadas com Prozac continuarem a não poder conviver bem com o cônjuge, quando a água da fonte da juventude demorar para chegar até nós engarrafada, quando o dinheiro e as realizações não satisfizerem, e quando o nossos clones passarem a nos odiar... os pecadores descobrirão que Cristo é Aquele de quem necessitam.

Sabemos que apenas a fé cristã é capaz de fazer a grande síntese, unindo o todo da vida: o corpo em sua dimensão física, os relacionamentos, os pensamentos, o sofrimento, as emoções... Biopsiquiatria? Depois de descobrir algumas maravilhas, fazer alguma coisa boa e causar muito dano, além de absorver muito tempo, atenção, dinheiro e energia, isso também passará.

Quero concluir com um desafio para todos nós. Desde o início do movimento de aconselhamento bíblico, há mais de trinta anos, os conselheiros bíblicos assumiram uma posição sobre o relacionamento entre os problemas biopsiquiátricos e os problemas morais-espirituais, que se manteve ao longo do tempo. Provavelmente, a diretriz prática mais comum era "Procure um médico para tratar do seu corpo. Procure o seu pastor ou outros conselheiros bíblicos e amigos sábios para tratar de seu coração, alma, mente, força, estilo de vida e maneira de lidar com o sofrimento".

Jay Adams freqüentemente instigou os pastores a trabalharem "ombro a ombro" com os médicos. Aqueles a quem ele aconselhava passavam em primeiro lugar por um exame médico para detectar problemas orgânicos identificáveis. Mas ele também destacou que o alcance desta diretriz prática era limitado. Esta medida não respondia a todas as ambigüidades: "a linha divisória entre os problemas causados por fatores orgânicos e não-orgânicos é geralmente tênue". Ela também não descrevia o papel que o ministério de aconselhamento sempre desempenha no lidar com o orgânico: o trabalho do conselheiro cristão "envolve constantemente a dimensão orgânica" porque os sofredores precisam de conselhos e oração ao

lado de qualquer outra forma de ajuda que seja adequada (Tg 5.13-20).[6]

Os médicos que participaram nos primeiros trinta anos do movimento de aconselhamento bíblico operaram com base na pressuposição gerada pelo bom senso de que os bons diagnósticos podem geralmente distinguir entre os problemas que são verdadeira e decididamente fisiológicos e aqueles que são morais e espirituais, independentemente destes últimos aparecerem claramente ou estarem disfarçados de sintomas psicossomáticos. Sempre houve um espírito humilde diante da complexidade com que Deus criou este todo psicossomático com um centro moral. E em todo tempo houve uma firme confiança de que o aconselhamento bíblico pode sempre oferecer esperança e direção, tanto no caso dos problemas orgânicos tratáveis pela medicina como no caso daqueles que permanecem ambíguos, sem tratamento disponível ou são terminais.

Mas o que acontece quando os médicos e os pesquisadores da medicina passam a dizer que as emoções, os comportamentos e os pensamentos *são* em sua verdadeira essência fenômenos biológicos identificáveis? Que todos os problemas da vida, ou os mais significativos, podem ser reduzidos à biologia? Que nosso corpo determina o coração, a alma, a mente, a força? Que uma droga psicotrópica pode de fato consertar aquilo ou aquilo outro que os cristãos chamam de "pecado"? Não poderemos mais dizer: "Passe por um exame médico para descobrir se há uma causa orgânica para esta ansiedade, depressão ou maneira distorcida de pensar". *Haverá* esta causa, por definição, em todos os casos. Uma pretensa causa fisiológica para tudo significará um tratamento médico para tudo, uma droga psicotrópica formulada para fazer tudo quanto for necessário para que você se sinta e funcione de forma excelente. Nem mais haverá problemas "psicossomáticos", porque os problemas relativos às emoções, à motivação, aos comportamentos, relacionamentos e pensamentos registrados em sintomas físicos serão identificados como tendo uma causa física! Eles serão somatopsicossomáticos; portanto, para que se incomodar com a variável do meio?

Os conselheiros bíblicos que têm escrito sobre estas questões sempre deixam espaço para uma "área cinzenta" entre o fisiológico e o moral-espiritual. Jay Adams descreveu causas orgânicas, causas morais e "outras" causas ambíguas ou "uma combinação de ambas" como aquilo que produz padrões de pensamento e comportamento bizarros ou "esquizofrênicos". Desta forma, o aconselhamento (sempre indicado) e o tratamento médico (algumas vezes exigido) combinaram flexibilidade em diferentes proporções.[7] Adams e outros sempre se opuseram ao uso indiscriminado de medicamentos e deixaram um certo espaço cuidadosamente reservado aos medicamentos como ajuda nos problemas com base orgânica. Adams ratificou o uso estratégico de antidepressivos: "O médico pode descobrir alguns dos casos

---

[6] Veja ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. São Paulo: Fiel, 1982. p. 37ss.

_____. *Ready to restore*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 1981. p. 32

_____. *O manual do conselheiro cristão. São* Paulo: Fiel, 1982. p. 437ss.

A discussão em *O Manual do Conselheiro Cristão* trabalha bem as sutilezas e ambiguidades no relacionamento entre os problemas morais e orgânicos e, consequentemente, entre médicos e pastores.

[7] ADAMS, Jay. The Christian approach to schizophrenia. In: *The Journal of Bíblical Counseling, v.* 14, n.1, Fall 1995, p. 27-33.

pouco freqüentes de depressão com causa química, e em casos graves ele pode ajudar o pastor a engajar-se em um aconselhamento significativo administrando temporariamente antidepressivos".[8]

Ed Welch distingue aqueles problemas que podem ter um componente orgânico misturado a fatores morais (p. ex., algumas crianças hiperativas e algumas depressões) daqueles que não são biologicamente determinados (p. ex., alcoolismo e homossexualidade).[9] Mas o que acontece quando a biopsiquiatria chega e diz: "Eureca! Identificamos o gene da esquizofrenia e da depressão bipolar. Localizamos a parte do cérebro que produz o transtorno obsessivo-compulsivo. Achamos o neurotransmissor que produz todos os estados depressivos e formulamos a droga psicotrópica que transforma todo desânimo em bom ânimo otimista. Encontramos os genes que determinam tanto a homossexualidade (é uma variação genética normal) como o alcoolismo (podemos identificá-lo em um teste pré-natal e alterá-lo com terapia genética)"? Em tal situação, nós que procuramos aconselhar biblicamente precisamos dizer algo mais. E precisamos falar com cuidado, clareza, coragem e persistência. Quando a medicina parecia ocupar-se dos seus interesses dentro do estilo antigo, a diretriz prática funcionou. Mas quando a medicina alcança alguns conhecimentos novos e opera de modo imperialista, precisamos de diagnósticos e prescrições mais perspicazes se queremos aproveitar aquilo que há de bom na medicina pela graça comum e também resistir a nos deixar colonizar.

Temos trabalho a ser feito. Precisamos desenvolver de maneira mais completa a nossa teologia prática para saber lidar com as controvérsias atuais e prover direção para o povo de Deus que estará aflito, frequentemente confuso e algumas vezes enganado. De várias maneiras, era "mais fácil" resistir ao modelo da família codependente e disfuncional do fim da década de 80 ou às terapias rogerianas com um toque de psicanálise das décadas de 50 e 60. Aquelas eram apenas psicologias ruins que ficavam aquém quando contrapostas à boa psicologia de que a fé cristã toma conhecimento por meio da Bíblia: a dinâmica da natureza humana, o significado de toda sorte de sofrimento etc. Mas a biopsiquiatria é *medicina,* que quando contraposta à fé cristã faz com que esta pareça ser apenas mais uma "psicologia" a ser eliminada com uma retroescavadeira pelo reducionismo biológico triunfante. Quando protestamos: "Mas nós podemos *aconselhar* pessoas iradas e ansiosas para que se arrependam e aprendam a viver em fé e amor", *parece* que estamos dizendo algo do gênero "Expulse o demônio do câncer" ou "E só crer em Jesus e você pode jogar fora seus óculos". Quando a ira e a ansiedade são vistas como doenças do corpo tratáveis pela medicina, parecemos pessoas bizarras que espiritualizam a vida mesmo para aqueles que estão nos bancos das igrejas ou em outros púlpitos. Temos muito trabalho a fazer para proteger e edificar o corpo de Cristo.

---

[8]ADAMS, Jay. Depressão. In: *The encyclopedia of Christianity.* Marshlton, DE: The National Foundation for Christian Education, 1972, v. 3. p. 362-3.

[9]WELCH, Edward. *Blame ir on lhe brain.* Phillipsburg, NJ: P&R, 1999.

Abrindo Olhos Vedados:
outra visão da coleta de dados



Paul D. Tripp[1]

Célia viera se aconselhar para "receber ajuda em relacionamentos". Ela se sentia "rejeitada por todos" e, em lágrimas, descreveu sua incapacidade de encontrar sequer um "amigo fiel". Deus parecia bem distante, mas ainda assim Célia mantinha firme a idéia de que não era uma pessoa "tão má"; com certeza, ela não era ruim o suficiente para receber os "pontapés" que havia recebido.

Apesar de compadecer-me de Célia, eu também procurei fazê-la olhar para si mesma. Já que rejeição era o tema de sua vida, sugeri que deveríamos perguntar se ela estava fazendo alguma coisa que contribuísse para o problema. Célia imediatamente tornou-se irritadiça e defensiva. Como conselheiro, o que eu deveria fazer em seguida? Eu precisava conhecer mais sobre ela; porém, mais importante ainda, Célia precisava saber mais sobre si mesma. Havia paredes de cegueira pessoal que precisavam ser penetradas, ou Célia jamais estaria na posição de uma verdadeira aconselhada. Ela estava ferida, frustrada e exausta, mas por causa da sua falta de visão, ela ainda não estava à procura de melhorar.

Um dos efeitos trágicos da queda é a cegueira pessoal do coração. É um efeito universal e um dos fatores que fazem o aconselhamento bíblico ser tão difícil. Ela altera radicalmente o processo de coleta de dados.

Visto que o pecado é enganoso e as pessoas caídas são naturalmente cegas aos assuntos que dizem respeito a elas mesmas, a coleta de dados deve sempre ter dois objetivos. Primeiro, o processo precisa dar ao conselheiro a informação necessária para prover um aconselhamento bíblico sábio. Entretanto, um propósito ainda mais fundamental é que sejamos instrumentos do Messias para abrir olhos que estão cegos há tanto tempo.

Dar vista aos cegos é o coração da missão messiânica de Cristo. Ansiando pela vinda do Messias, Isaías disse: "então se abri-

---

1Tradução e adaptação de *Opening Blind Eyes. Another Look at Data Gathering*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. v. 14, n.2, Winter 1996, p. 6-11.

Paul Tripp é diretor do ministério *Changing Lives* da Christian Counseling and Educational Foundation.

rão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos" (Is 35.5). A promessa de Deus vai além: "Guiarei os cegos por um caminho que não conhecem, fá-los-ei andar por veredas desconhecidas; tornarei as trevas em luz perante eles, e os caminhos escabrosos, planos. Estas coisas farei, e jamais os desampararei" (Is 42.16).

O Messias é o Único capaz de abrir os olhos dos pecadores cegos e fazê-los ver. Isaías descreve assim o pecador: "Por isso está longe de nós o juízo, e a justiça não nos alcança; esperamos pela luz, e eis que há só trevas; pelo resplendor, mas andamos na escuridão. Apalpamos as paredes como cegos, sim, como os que não têm olhos andamos apalpando; tropeçamos ao meio-dia como nas trevas". (Is 59.9, 10 a)

No Sermão do Monte, Cristo nos comissiona a ser parte da Sua missão messiânica, fazendo brilhar a luz da verdade na escuridão do pecado. Isto é exatamente o que devemos procurar fazer no aconselhamento. Nosso objetivo não é somente expor a escuridão que existe nos relacionamentos e nas diferentes situações, mas expor a escuridão do coração para que o evangelho possa ser aplicado.

Todos os nossos aconselhados estão, de alguma maneira, "apalpando as paredes.... como os que não têm olhos". Nossa coleta de dados deve considerar tal necessidade seriamente. Quero ajudar o aconselhado a ver a si mesmo no espelho da Palavra de Deus. Para tanto, farei perguntas que ele nunca faria e sondarei em lugares a que ele não saberia chegar. Minhas questões fluirão de uma perspectiva bíblica acerca das pessoas e seus problemas. Quando procuro por um fim ao tatear no escuro, eu retrato o Messias. Não estou simplesmente anunciando minhas conclusões, mas ajudando os olhos cegos a enxergar com clareza e profundidade bíblicas os pensamentos e motivações do coração.

Este é o primeiro de três artigos que focalizam o "abrir de olhos" por meio da coleta de dados. Examinaremos a natureza da cegueira que todos os pecadores experimentam e olharemos para o que precisamos incluir em nosso papel de instrumentos de Deus.

As máscaras da cegueira espiritual

A diferença entre a cegueira física e a espiritual é que a primeira é extremamente óbvia e a segunda, geralmente, passa despercebida. Uma pessoa cega fisicamente é imediatamente confrontada com sua condição e as limitações que ela acarreta. Já a pessoa cega espiritualmente, além de não reconhecer muitas vezes sua cegueira, está convencida de que tem uma excelente visão. Uma parte fundamental de ser espiritualmente cego é ser cego à própria cegueira.

Cegueira espiritual é a condição de todo pecador, todo aconselhado. Ainda assim, poucos deles percebem o impacto desta condição na visão que têm de si mesmos, de Deus, dos outros e de seus problemas. Eles são como os homens descritos em Romanos 1, que pensam que são sábios quando, na realidade, são tolos. Eles presumem que pensam corretamente, mas seus corações são caracterizados por tolice e futilidade.

A cegueira espiritual é enganosa. Como João escreveu à igreja em Laodicéia, "pois dizei: Estou rico e abastado, e não preciso de cousa alguma, e nem saber que tu és infeliz; sim, miserável, pobre, *cego,* e nu." (Ap 3.17). A cegueira espiritual é enganosa porque faz-se passar por outras coisas. Se vamos ser instrumentos de Deus para dar visão aos cegos, temos que reconhecer as máscaras

típicas que essa cegueira usa. As seguintes constituem uma lista representativa.

A máscara do senso acurado de si mesmo

Célia acreditava que conhecia a si mesma. Ficou ofendida com a simples sugestão de que poderia ter alguma responsabilidade pelo que estava acontecendo em sua vida. Uma pessoa consegue ver a si mesma como realmente é somente quando se contempla atentamente no espelho perfeito das Escrituras (Tg 1.22-25). A maioria de nossos aconselhados têm uma visão distorcida de si mesmos porque os espelhos nos quais estão se olhando são como espelhos de circo: refletem o real, mas com distorção. O espelho de circo faz com que você aparente ter um dorso longo e pequenos tocos de pernas ou uma cabeça bem grande e um corpo minúsculo. Você está se vendo, mas não como é na realidade.

Assim é também com muitos dos nossos aconselhados. O senso que eles têm de si mesmos foi desenvolvido mirando-se nos espelhos deformadores de opiniões diversas, de uma visão cultural de sucesso, da psicologia popular ou de experiências passadas. E a lista poderia continuar. O aconselhado não se dá conta de que tem um senso de si mesmo distorcido. Embora tenha a Palavra de Deus, ele a usa mais como uma enciclopédia do pensamento religioso ou uma ferramenta devocional. Mesmo ouvindo a Palavra pregada, ele perde a revelação dele mesmo ali contida; ouve as histórias ou os princípios expostos, mas não se enxerga espelhado nas passagens bíblicas.

A máscara de ter sido vítima do pecado de outros

Célia era capaz de contar detalhadamente as histórias do constante "abuso" sofrido nas mãos de outros. Mas quando Célia passava o filme da sua história de vida, ela nunca estava ativa no enredo! O foco dominante era o comportamento dos outros para com ela.

Não há uma metáfora mais poderosa para descrever como a cegueira espiritual usa a máscara do senso de ser vítima do pecado de outros como a do "argueiro e a trave", em Mateus 7. Imagine uma pessoa literalmente obsessiva por um cisco no olho de alguém, enquanto anda por aí com uma trave saltando de seu próprio olho! Seu senso de vítima é muito mais absorvente do que seu senso de ser pecadora. A mudança necessária parece-lhe ser externa a ela.

A máscara de provações e testes

Célia não tinha um senso acurado dela mesma e do seu pecado; por isso, ela tendia a chamar de *provações* as consequências naturais de suas escolhas e ações. Paulo disse: "não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para sua própria carne, da carne colherá corrupção, mas o que semeia para o Espírito, do Espírito colherá vida eterna" (Gl 6.7-8).

Já que a maioria dos nossos aconselhados não têm esta "mentalidade de colheita", eles tendem a olhar aquilo que colhem não como resultado do que plantam, mas como provações dolorosas que não merecem. Além disso, porque os pecadores tendem a "mudar a verdade em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador" (Rm 1.25), tendem também a perder as coisas boas que o Criador opera por meio de cada situação. O foco está voltado à perda de "algo criado". Uma provação é provação para mim porque põe em perigo algo que me é valioso. O maná que caía do céu tornou-se uma provação para os israelitas porque eles não estavam focando

o amor fiel demonstrado pela provisão de alimento a cada manhã, mas sim o gosto do alimento comparado ao cardápio do Egito!

Os aconselhados, em sua cegueira, chamam de "provação" as conseqüências do seu comportamento e de "provas" as boas coisas recebidas das mãos de Deus. Eles estão cegos ao fato de que Deus manda provações com propósito redentor. Ao invés de verem a si mesmos como amados por Deus e em processo de serem conformados à imagem de Seu Filho por meio das circunstâncias, vêem a si mesmos preteridos pelas dificuldades. Para eles, a vida não é justa. Sofrimento não tem propósito redentor; é um sinal de que Deus não os ama.

A máscara das necessidades

Célia via a si mesma como uma pessoa necessitada, que passou a maior parte de sua vida carente de alguma coisa. Ela sempre dizia: "se apenas tivesse_____, então eu seria capaz de _____". Seu entendimento de "necessidades" era tão obscuro quanto o da cultura a seu redor. Mesmo assim, sua interpretação da vida apoiava-se em grande parte neste termo. Em essência, ela estava dizendo que os problemas na sua vida eram o resultado direto de seu senso de necessidades. Ela carregava consigo a clássica interpretação da vida "se apenas...".

O que Célia não via era que seu estado de necessitada era o efeito trágico do pecado, que nos transforma de adoradores de Deus em pessoas que vivem "fazendo a vontade da carne e dos pensamentos" (Ef 2.3). Sua carência revelava muito mais o que ela era do que aquilo que realmente lhe faltava. O senso de necessidade de Célia revelava a cobiça do seu coração mais do que a traição de outros. E o que ela *realmente* necessitava nunca foi objeto dos seus anseios - Deus. Se você quer realmente entender o que é importante para uma pessoa, descubra as necessidades que ela sente. Valores tornam-se desejos, desejos tornam-se exigências, e exigências são expressas no aconselhamento como "necessidades".

Célia estava cega ao fato de que ela se colocava no centro do seu universo e via cada aspecto da vida do ponto estratégico daquilo que convinha para ela. Ela estava cega ao fato de que carregava essa perspectiva de necessidade aonde quer que fosse, e isso formatava todas as situações e relacionamentos. Ela adentrava as situações cheia de exigências silenciosas, e respondia com crítica irada a qualquer um que parecesse ignorar a sua pessoa ou as suas necessidades. Pensava que seu senso de necessidade era prova do egoísmo e falta de prontidão de todos ao seu redor quando, na verdade, demonstrava a profundidade de seu problema de centrar-se em si mesma.

A máscara do conselho sábio

Como todos os nossos aconselhados, Célia tinha muitas vozes ao seu redor. À semelhança de Jó, muitos dos conselhos que ela recebia não ajudavam em nada; e não ajudavam porque não eram bíblicos. Mesmo assim, Célia achava conforto nas palavras de seus conselheiros, ainda que por pouco tempo.

Embora estivesse engajada no processo de aconselhamento, Célia sempre me repetia a "sabedoria" que ela absorvera ao seu redor. Mas Célia citava somente pessoas que concordavam com sua visão de vida e apoiavam as decisões que ela tomava. Ela não citava ninguém que discordasse dela.

Outro termo bíblico para cegueira espiritual é "tolice". Os conselhos sábios que Célia recebia eram realmente tolices. Pareciam sábios para ela porque estava cega às questões reais da sua vida.

Provérbios 17:16 diz que o tolo não deseja a sabedoria. Célia pensava estar em busca de conselhos sábios, mas na verdade procurava apoio para seu ponto de vista.

A máscara de discernimento pessoal

Célia, como todos os seres humanos, estava sempre procurando compreender a sua vida. Ela queria organizá-la em categorias que ajudassem a entender os acontecimentos e o que fazer a respeito deles. Ela passava boa parte de seu tempo analisando os fatos e encontrava utilidade nisso. No entanto, se eu começasse a questionar suas interpretações, logo surgiria um clima de tensão na sala.

A cegueira espiritual pode até parecer sabedoria! Ser brilhante intelectualmente e analítico ativo não significa necessariamente ser sábio. A verdadeira sabedoria começa com humildade: o reconhecimento de que eu não tenho em mim tudo quanto necessito. Preciso ser alguém que busca a verdade que é encontrada somente na Palavra de Deus. Discernimento real não é resultado de ser analítico, mas de ser bíblico. Veja as palavras do salmista: "Os teus mandamentos me fazem mais sábio que os meus inimigos; porque aqueles eu tenho sempre comigo. Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. Sou mais entendido que os idosos porque guardo os teus preceitos" (Sl 119.98-100).

Célia estava cega ao fato de que seu senso de discernimento revelava mais sobre seu coração do que sobre a situação. Seu discernimento nascia dos desejos que distorciam sua interpretação do que estava acontecendo à sua volta. Tratava-se mais de uma perspectiva impulsionada pelo desejo do que de uma análise objetiva. Desta maneira, era mais uma expressão de idolatria do que de fé. Ainda assim, nada disso estava óbvio para Célia, porque a cegueira frequentemente usa uma máscara de discernimento.

A máscara do senso de valores

Célia pensava que sabia o que era importante, mas quanto mais eu a ouvia, mais ficava convencido de que aquilo que a motivava não eram coisas de primeira importância. Mais uma vez, Célia estava cega. Ela havia avaliado sua situação e agido de maneira consistente com seus valores; ainda assim, seus problemas persistiam. Isso a deixava confusa e frustrada.

Todos os "tesouros" que motivavam Célia tinham a ver com relacionamento humano. Ela via a amizade, o respeito, a aceitação e o amor como de extrema importância, e fazia tudo que podia para evitar a rejeição, a solidão, e a baixa autoimagem, que dizia serem o resultado. Mas quanto mais Célia examinava as pessoas e suas reações, mais ela tentava agradá-las e mais zangada ela ficava. Ela começava seus relacionamentos com uma longa lista de exigências silenciosas, mas não tomava conhecimento de como julgava e não perdoava os outros quando falhavam em viver de acordo com elas. Mateus 6 diz que aquilo que for o meu tesouro, controlará meu coração; e o que controlar meu coração, controlará meu comportamento. Em outras palavras, eu vivo para obter, manter e desfrutar aquelas coisas que são de valor para mim.

Os valores de Célia eram o seu problema. Ela havia colocado sua identidade nas mãos das pessoas. Vivia frustrada e fracassada porque o mesmo Deus que a havia chamado para Ele estava ocupado com outras coisas. O foco de Deus não estava tanto nos relacionamentos, mas em conformar Célia à imagem de Seu Filho.

Os aconselhados normalmente não reconhecem sua cegueira porque ela está mascarada por um senso falso do que é certo ou errado. O homem irado que feriu sua família durante anos com reações violentas reconhece aquilo que perdeu apenas quando é separado da família. Para ele, o que é importante é o seu direito de ver os filhos e morar na casa que sustenta. Ele sempre repete no aconselhamento: "Isto não está certo, não está certo". Ainda assim, está cego às mudanças que precisa fazer para que sua família seja restaurada apropriadamente.

O foco de uma esposa é a frieza e distância de seu marido. Ela quer que o conselheiro o transforme em um marido carinhoso, mas está cega para as constantes críticas que o afastaram dela. Ela fica furiosa quando o conselheiro começa a focar nela como alguém que necessita de mudança. Está totalmente cega para as coisas de valor eterno que Deus quer trabalhar nela.

A máscara do conhecimento teológico

Célia conhecia bastante as Escrituras e as doutrinas da fé. Apenas poucos termos teológicos e bíblicos não lhe eram familiares.

Infelizmente, o conhecimento teológico de Célia fez quatro coisas por ela. Primeiro, produziu um certo nível de confiança na própria interpretação da vida. Ela presumia que suas idéias e ações fluíam de sua crença. Segundo, produziu um reconhecimento pessoal de maturidade. Célia achava-se uma crente madura e se ofendia se alguém a tratasse como necessitada de ensino bíblico básico. Terceiro, no aconselhamento, seu conhecimento conferia-lhe uma atitude de "eu já sabia isso e já tentei". Quarto, produzia a idéia de que não era culpada pelos seus problemas; ela "sabia o que era certo e havia feito o melhor". Portanto, a causa de seu problema tinha que estar fora dela. Seu conhecimento obscurecia sua responsabilidade pessoal e convicção de pecado.

O fato era que Célia não havia sido capaz de aplicar sua teologia no dia-a-dia de uma maneira que fizesse sentido nas suas dificuldades. Era uma senhora sem sabedoria, cega ao fato de que ela não era espiritualmente madura. Maturidade espiritual resulta de praticar a verdade na vida diária, e não de conhecer a verdade intelectualmente (Hb 5.11-14). Mas Célia estava convencida de que o que havia de errado com todos os seus conselheiros cristãos era o fato de ficarem repetindo coisas que ela já sabia.

Junto com este senso de adequação teológica, estava a tendência de fazer as perguntas erradas. As perguntas de Célia não a conduziam a um entendimento mais profundo da sua situação, a uma esperança mais completa em Deus nem a um plano prático de mudança. Há um princípio aqui que consideraremos mais a fundo em um dos próximos artigos. É o seguinte: as pessoas de discernimento têm discernimento não porque possuem as respostas certas, mas porque fizeram as perguntas certas. Se você não fizer as perguntas certas, nunca terá as respostas certas. Célia encontrava-se constantemente em um beco sem saída analítico, que a levava a perder a esperança e lutar contra a depressão.

Aqui está um exemplo das perguntas erradas de Célia. Ela costumava dizer: "Eu oro e oro, leio minha Bíblia, mas Deus não me tem ajudado. Ele não responde às minhas orações". Em seguida, vinha a pergunta: "Por que Deus não está trabalhando na minha vida?" Pergunta ruim, baseada em pressuposição não-bíblica, que não pode levar a uma direção certa.

A pergunta de Célia a levava a dois tipos de resposta. Às vezes, ela concluía que

Deus não agia em sua vida porque simplesmente não a amava. Ele tinha coisas melhores para fazer além de se preocupar com sua vida insignificante. Em outras ocasiões, concluía que Deus não agia porque ela era uma pecadora miserável, e a inatividade de Deus era uma punição para a maldade dela. Respostas ruins a uma pergunta ruim produzem uma colheita de frutos maus. Como os conselheiros infames de Jó, Célia não construía pontes entre a sua teologia e as situações da vida que lhe permitissem interpretações bíblicas consistentes da sua vida.

Para formular a pergunta de Célia de uma maneira bíblica, é preciso começar com a seguinte pressuposição bíblica: Deus está sempre ativo na minha vida (Sl 46; Rm 8.18-39). Perguntar porque Ele não está trabalhando é presumir alguma coisa que não é verdade. Conclusões verdadeiras não podem vir de pressuposições falsas. Uma maneira melhor de fazer a pergunta é: "Deus está ativamente efetuando o processo de santificação na minha vida; portanto, o que Ele está fazendo e por que eu não reconheço isto?". Esta pergunta pode levar a um discernimento maior, mudança bíblica e colheita de frutos bons.

A máscara da santidade pessoal

Apesar de Célia não falar de si mesma usando uma linguagem bíblica que descrevesse santidade, era precisamente isto que ela pensava possuir. Ela cria que queria as coisas certas e fazia as coisas certas, e não podia imaginar o porquê de tudo dar tão errado. Sua crença na própria santidade repousava em uma justiça própria legalista que não tinha nada a ver com o chamado de Deus a ser "santo como Eu sou Santo".

Célia estava cega ao fato de que se assemelhava a um fariseu. Ela reduzira a Lei de Deus a um padrão humano possível de ser executado. O que Célia enfatizava não requeria confiança em Cristo - eram padrões comportamentais que não exigiam nada do coração. Célia via o Evangelho relacionado apenas com céu e inferno. Ela não sentia necessidade alguma do poder transformador de Cristo atuando no presente em sua vida, pois a "justiça" que havia atingido era humanamente alcançável.

Célia enfatizava constantemente o menos importante e se orgulhava de realizá-lo, enquanto ignorava as questões mais elevadas da lei. Orgulhava-se da casa arrumada, pontualidade, lembrança dos aniversários dos amigos, leitura de livros cristãos, controle financeiro e disposição para servir. Ainda assim, ela era ciumenta, zangada, dada a julgamentos, amarga, vingativa e sem compaixão.

Cristo disse a Seus discípulos: "porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus" (Mt 5.20). Aos fariseus, Ele disse: "ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei, a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas" (Mt 23.23). A justiça dos escribas e fariseus não era suficiente *porque não era justiça.* Era vil, orgulhosa, justiça *própria,* humana. Esse tipo de justiça sempre enfatiza o que é humanamente possível de ser feito e ignora o que só pode ser alcançado pela graça abundante de Cristo.

Talvez este seja o epicentro da cegueira espiritual. Na sua essência, ser espiritualmente cego significa pensar que se é justo quando a realidade é outra. Isto coloca fora de questão a graça de Deus e a necessidade de mudança. Se eu sou justo (de acordo com o que penso), não preciso de Cristo nem de

mudança. Isto é claramente demonstrado em Lucas 18 com o relato dos dois homens no templo. O fariseu colocou-se em pé no templo e disse a Deus que não precisava dEle. Estava lá para proclamar sua aprovação, distanciando-se dos demais pecadores e listando seus "atos de justiça" diante de Deus.

De modo semelhante, Célia costumava vir para o aconselhamento e listar suas boas ações, pedindo-me para aprová-la em tudo. Deixando passar as questões importantes do coração e enfatizando os comportamentos de possível realização, ela se via limpa, embora por dentro fosse "ossos mortos".

A máscara do arrependimento

Célia, como muitos aconselhados, pensava que só o fato de procurar aconselhamento já era um ato de arrependimento. Isso nem sempre é verdade. Muitos aconselhados acham que conversar sobre seus problemas equivale a confissão e permanecer no aconselhamento equivale a arrependimento. Para Célia, o aconselhamento assemelhava-se mais a uma forma de penitência. Ela estava cega ao fato de que, na verdade, participava de um ato de autoexpiação. Eu chamo isso de "absolvição protestante". O aconselhado confessa, examina as questões envolvidas, participa de um processo de discussão sobre si mesmo e a situação, semana após semana, e chega ao fim de cada encontro de aconselhamento sentindo-se absolvido, limpo, justo. Mas tudo isso acontece sem mudança substancial de coração nem comportamento. O aconselhado vê a si mesmo envolvido em um processo de arrependimento, mas na realidade há ocasiões em que o aconselhamento constitui-se em uma maneira de *evitar* trabalhar as questões que estão no plano de Deus.

A vida de Célia não produzia fruto do arrependimento. Primeiro, ela não estava se tornando uma pessoa pronta a dar partida em mudanças. Continuava na prática de comportamentos pecaminosos e destrutivos apesar de termos falado a respeito deles muitas vezes. Quando confrontada, admitia seu erro de má vontade, mas suas confissões raramente resultavam em novas maneiras de reagir. Segundo, Célia permanecia na defensiva e continuava a ter dificuldade para receber minha avaliação bíblica sobre ela. Acusava-me de não compreendê-la, não acreditar nela ou tomar partido de outros. Terceiro, Célia não tinha um espírito ensinável. Era difícil ela admitir sua necessidade de ser instruída pelas Escrituras e aprender a aplicá-las em sua vida. Ela costumava debater minha teologia, a interpretação de uma passagem ou a aplicação de um princípio bíblico em sua vida. Quarto, Célia completava sua tarefa de aconselhamento com indiferença, sem entusiasmo e discernimento, e também sem alcançar as mudanças que eram o alvo da tarefa.

Mas ela percebia muito pouco de tudo isso. Célia estava cegada pelo comparecimento legalista ao aconselhamento, o desejo de discutir questões pessoais e o estudo de passagens bíblicas designadas. Infelizmente, todas estas coisas (que ela pensava indicar arrependimento) serviam de máscara para a amargura e a justiça própria que controlavam o coração de Célia.

O arrependimento é apresentado na Bíblia como uma mudança radical do coração, que resulta em mudança radical da maneira de viver. Ao mesmo tempo que o coração muda e se move em direção nova, o mesmo acontece com a vida. Qualquer coisa aquém disso simplesmente não é arrependimento. Muitas pessoas vêm ao

aconselhamento em busca de autoexpiação, apesar de não perceberem isso e desejarem apoio para o que estão fazendo. Elas querem se sentir bem consigo mesmas e acham que conseguem se sentir melhor após o encontro com o conselheiro. E então continuam a vir, apesar de não terem se submetido a Deus em arrependimento profundo. Não estão orando de acordo com o Salmo 139: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos ; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno" (S1 139.23-24).

"Ir ao aconselhamento" manteve Célia cega à sua teimosia e falta de arrependimento. Ela pensava que havia confessado tudo o que tinha para confessar. Ela via a si mesma como arrependida. "Por que mais eu estaria me aconselhando?", ela diria. Por mais chocante que possa parecer, a cegueira espiritual pode até usar a máscara de arrependimento!

É de vital importância lembrar o profundo efeito que a cegueira espiritual causa em cada pecador e sua visão da vida. Nossa coleta de dados precisa ser motivada por aquilo que o aconselhado precisa ver. Além disso, precisamos lembrar que as pessoas cegas espiritualmente não acham que estão cegas, pois sua cegueira usa muitas máscaras. Precisamos reconhecer tais máscaras e adotar um processo de coleta de dados que abra os olhos do aconselhado para quem ele realmente é. Nós nos comprometemos a ser instrumentos de Deus para abrir esses olhos que estão cegos e considerar isso como função necessária da coleta de dados.

Coleta de Dados:
como o conselheiro contribui para o processo



Paul D. Tripp[1]

Em nosso artigo anterior, tratamos do problema da cegueira espiritual e seu poder para enganar. Vimos que as pessoas que estão cegas espiritualmente não reconhecem seu estado de cegueira. Portanto, nós conselheiros, devemos estar familiarizados com as várias máscaras que a cegueira espiritual usa. A cegueira espiritual é sempre um elemento presente no processo de aconselhamento e, como conselheiros bíblicos, precisamos estar preparados para lidar com ela.

Mas é importante lembrar que este não é um problema que diz respeito somente aos aconselhados. Quando prestamos atenção à admoestação bíblica de que todos nós somos por natureza pecadores e espiritualmente cegos, percebemos o quanto nós, como conselheiros, precisamos da mutualidade do ministério de uns aos outros que o Novo Testamento destaca como parte essencial da vida da igreja. Visto que o meu coração enganoso facilmente me faz cego aos meus pecados, preciso de outros crentes que me amem o suficiente para mostrar minha vida sob a perspectiva de Deus. E eles precisam que eu faça o mesmo com relação a eles. A natureza humana requer que cada um dos nossos relacionamentos tenha em vista o propósito de santificação.

Hebreus 3.12,13 resume a questão desta maneira: "Tende cuidado irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado".

Note que, de acordo com esta passagem, o que me move a este ministério interpessoal diário não é uma situação, ou seja, um pecado ou problema que exija mudança e que eu observei em você. Antes, o que determina meu envolvimento é uma condição - o pecado que habita no homem e seu poder para cegar e endurecer o coração. Enquanto o pecado perdurar, a cegueira espiritual existirá e continuará a exigir de nós

[1]Tradução e adaptação de *Data Gathering. Part 2: What the Counselor Brings to the Process*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. v. 14, n.3, Spring 1996, p. 8-14.

relacionamentos que promovam ministério mútuo, honesto e em amor.

A questão é especialmente importante para aqueles cujo ministério é o aconselhamento bíblico. Os aconselhados contam conosco para penetrar seu mundo com uma perspectiva divina que os ajude a vencer a própria cegueira espiritual. Jamais estaremos aptos para lhes oferecer o que esperam, a não ser que tenhamos submetido nossa própria vida à luz reveladora das Escrituras, guiados por irmãos e irmãs em Cristo que possam nos ajudar a conhecer corretamente nosso coração. Os conselheiros comprometidos com o processo de vencer a própria cegueira espiritual desenvolvem várias qualidades essenciais para ajudar seus aconselhados.

Você pode contribuir com objetividade

Muitos aconselhados estão cegados por sua subjetividade - sua cosmovisão é moldada por aquilo que desejam. Não conseguem perceber quando as suas exigências têm uma raiz egoísta. Estão desatentos a seu tom de voz, à expressão facial e a como sua versão do que acontece é sutilmente formatada pelo que desejam. Não percebem quando criticam outros por coisas que desculpam em sua própria vida nem quando se recusam a perdoar pecados de outros e são defensivos ao serem confrontados. Se estiverem absorvidos em uma mentalidade de vítima, não perceberão seu egoísmo. Também não perceberão quando seus atos forem manipuladores, expondo diante de outros (mas deixando de reconhecer) a falta de fé que alimenta seu estilo de vida.

Como conselheiro, não endureça seu coração para com essas pessoas. Se não fosse a graça de Deus, você estaria no lugar delas! Seus aconselhados necessitam de ajuda para enxergarem a si mesmos com clareza. É neste ponto que a objetividade bíblica do conselheiro é essencial.

Quando o conselheiro entra no mundo de um aconselhado, sua visão não está cegada pelos interesses egoístas que dominam o aconselhado, desde que ele tenha se submetido ao ministério discipulador da Palavra e dos irmãos em Cristo. Ele está apto para "restaurar" seu aconselhado porque não foi "pego" na mesma armadilha espiritual (Gl 6.1). Ele pode falar com objetividade bíblica. Em contraste, um aconselhado que está espiritualmente cego perdeu a perspectiva objetiva, se é que algum dia ele a teve. Ele está preso a uma perspectiva não-bíblica e esse ponto de partida afeta a maneira como vivencia tudo quanto lhe acontece.

Para a maioria dos aconselhados, o ponto de partida é a própria experiência. Eles tendem a ver cada aspecto da vida por meio das lentes da sua história pessoal, pressuposições e desejos. A interpretação que fizeram da própria vida até esta altura determinará também todas as interpretações futuras, além de dar a cor até mesmo à maneira de entender a Bíblia! A pessoa que interpreta a vida pelas lentes de sua experiência pessoal faz o mesmo com a Palavra de Deus. A experiência pessoal é o que controla sua cosmovisão, e não as Escrituras.

Essa pessoa precisa de alguém que esteja em posição diferente, alguém que comece com as Escrituras para depois se mover em direção à vida. A Bíblia precisa se tornar a base para a interpretação da vida, e não vice-versa. Como conselheiro bíblico, você quer trazer essa perspectiva bíblica para o seu aconselhado, pois você sabe que a vida muda quando a verdade de Deus se torna a lente pela qual tudo é examinado. No aconselhamento de casais, por exemplo, o conselheiro pode quebrar o perene "Ele disse / Ela disse" com "O que Deus disse?".

Rafael e Sandra estavam casados há quinze anos. Haviam chegado a um ponto de seu relacionamento em que lhes era quase impossível discutir alguma coisa sem que a conversa não se tornasse uma guerra de acusações. Sandra estava convencida de que o melhor de seus anos fora roubado pelo fato de Rafael deixar de tratar certas questões e estar disposto a fazer concessões ao mundo. Rafael via Sandra como severa, pronta a julgar e tomada de justiça própria. Em suas conversas, lançavam um contra o outro as granadas de amargura que haviam estocado em seus corações ao longo dos anos. Estavam presos a visões opostas da vida conjugal e incapazes de resolver seus problemas. Sandra e Rafael precisavam da intervenção radical de uma perspectiva bíblica em três níveis.

Quanto ao comportamento, precisavam perguntar: "O que Deus diz a respeito de como falamos um ao outro?". Seu estilo de comunicação não promovia amor, entendimento, esperança e soluções. Pelo contrário, era um dos seus maiores problemas. Há princípios claros de comunicação em Efésios 4.25-5.2 que, se obedecidos, podem trazer não só uma perspectiva nova para esse problema, mas uma mudança permanente também.

Quanto aos seus pensamentos, Sandra e Rafael precisavam fazer a seguinte pergunta: "O que Deus disse ser o Seu alvo para nós como Seus filhos?". O Novo Testamento, em passagens como Romanos 8.28.29, Gálatas 5.16-26, Colossenses 3.1-14 e 2 Pedro 1.3-9, ensina que o alvo de Deus para Sandra e Rafael é maior que o desejo de Sandra de ver um ministério pessoal sendo realizado e o desejo de Rafael de ter uma esposa respeitosa. O alvo de Deus é torná-los cada vez mais participantes da Sua natureza divina. Rafael e Sandra estavam cegos ao fato de que a maneira como brigavam pelas questões da vida cristã demonstrava que eles tinham uma visão limitada daquilo que Deus tencionava alcançar por meio de tudo quanto Ele permitia na vida do casal. Deus estava procurando conformá-los à imagem de Cristo.

Finalmente, quanto aos seus desejos, eles precisavam perguntar: "O que Deus quer que busquemos de todo coração?". Rafael ansiava por "apenas um pouco de respeito". Esta era sua exigência silenciosa a cada interação com Sandra. Por sua vez, Sandra ansiava por "ter um marido que quisesse servir ao Senhor o mesmo tanto que ela". Perguntas baseadas em Tiago 4.1-10, Filipenses 3.1-16, e Colossenses 3.1-17 revelaram o jogo "ele quer / ela quer" característico do seu relacionamento. Esta era a fonte da sua incapacidade de resolver os problemas conjugais.

Sandra e Rafael precisavam da ajuda de alguém que partisse do ponto de vista estratégico das Escrituras para interpretar o que estava acontecendo no seu relacionamento. Precisavam de alguém para dar exemplos de como fazer as perguntas corretas (ou seja, bíblicas), que levariam às soluções que podem ser encontradas somente quando alguém examina seu comportamento, os pensamentos e os desejos à luz das Escrituras.

Quando procedo à coleta de dados, tento estruturar as perguntas de uma maneira completamente nova para o aconselhado, pois mesmo as perguntas mais profundas feitas pelo aconselhado ainda estão sob o impacto de sua cegueira. Há certas perguntas que ele nunca formularia, mas que devem ser feitas. Há certas perguntas que ele fará a respeito de outras pessoas, mas que precisa fazer a respeito de si mesmo. Quando faço perguntas, quero lidar com o mesmo conjunto de fatos com que meus aconselhados lidam, mas de modo que eles aprendam a pensar biblicamente sobre sua vida.

Você pode contribuir com sabedoria

Na Carta aos Romanos, Paulo fala sobre o coração insensato e obscurecido dos pecadores. O insensato é alguém espiritualmente cego. Ele pensa que vê, que é sábio, que entende, quando na realidade é cego, tolo e confuso. A descrição do insensato em Provérbios retrata alguém que:

- está convencido de estar no caminho certo (12.15);
- revela rapidamente sua ira (12.16);
- é temperamental e imprudente (14.16);
- despreza a disciplina e a correção (15.5);
- desperdiça dinheiro (17.16);
- deleita-se em dar a própria opinião (18.2);
- é rápido para entrar em contendas (20.3);
- zomba da sabedoria (23.9)
- é sábio aos próprios olhos (26.5)
- confia em si mesmo (28.26)
- enfurece-se e zomba, não há paz ao seu redor (29.9);
- dá total vazão à sua ira (29.11).

O insensato precisa da intervenção da Palavra de Deus porque suas escolhas, respostas, perspectivas, ações e atitudes manifestam a todos que ele é cego. Ele precisa das lentes da sabedoria bíblica para ajudá-lo a ver e entender a vida à semelhança de Deus.

O conselheiro bíblico pode oferecer a perspectiva sábia de Deus por meio das Escrituras. Ele traz mais do que apenas opiniões e pesquisas, experiência ou treinamento. Ele traz confiança na Palavra de Deus (e submissão a ela), que revela e penetra a cegueira do aconselhado. A sabedoria bíblica que ele oferece é pura, pacífica, indulgente, tratável, plena de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento (Tg 3.17). Resumindo, pela graça de Deus, ele é exatamente o oposto do insensato.

Muitos daqueles a quem aconselhamos revelam sua insensatez por meio de um senso de valores distorcido. Não possuem um sistema bíblico de valores que possa ajudá-los, na prática, a saber o que é de fato importante e o que não é. Somente as Escrituras podem ajudar o aconselhado a entender como os diferentes aspectos da sua vida relacionam-se uns com os outros.

O conselheiro pode fazer perguntas que levem o aconselhado a olhar a vida de uma perspectiva que não está limitada pela sua subjetividade habitual. Ele pode perguntar o que realmente é importante e qual a verdadeira relação entre os vários aspectos da sua vida, do ponto de vista de Deus. Tais perguntas podem desafiar a antiga visão de vida, familiar ao aconselhado, encorajando-o a se submeter à visão de Deus.

Vamos olhar de novo para Rafael e Sandra. Rafael está convencido de que Sandra é seu problema, e todas as perguntas que ele faz provêm dessa interpretação. Sandra está convencida de que Rafael é o seu problema, e todo seu diagnóstico foi feito a partir dessa perspectiva. Ambos compartilham a crença de que o problema é serem muito diferentes um do outro na abordagem da vida e em seus alvos. Entretanto, os princípios de Provérbios mostram que a ira e a falta de união e de esperança que Rafael e Sandra experimentam não são resultado de serem diferentes, mas resultado da maneira insensata com que lidaram com suas diferenças. As Escrituras ainda nos dizem que essas reações fluem dos

desejos do coração que eles trazem consigo sempre que se encontram. Mesmice e concordância não são os ingredientes essenciais de unidade, mas sim o amor (a Deus acima de tudo, e ao próximo como a mim mesmo) que nos faz humildes, mansos, pacientes e capazes de suportar a diferença e as provocações (Ef 4.1,2).

Se Rafael, por exemplo, começasse a fazer sua própria coleta de dados, fazendo perguntas a respeito de si mesmo com base na descrição do insensato em Provérbios (listada acima), ele desenvolveria um novo esquema para resolver seus problemas conjugais.

Aqui estão alguns exemplos de perguntas que Rafael poderia fazer a si mesmo. Em quê ele se firmava para ficar tão convencido de estar certo, a ponto de não ouvir a perspectiva de Sandra nem reexaminar seus próprios pontos de vista? Qual era seu modo típico de reagir quando seus pensamentos e decisões eram desafiados por Sandra (Pv 12.15)? Em quais situações ele tendia a se irritar e a se aborrecer rapidamente, respondendo impulsivamente com raiva? Qual o impacto que esta demonstração de ira tinha sobre Sandra e seu desejo de continuar a manter um diálogo aberto e sincero (Pv 12.6, 14.6, 15.1)? O que ele queria de Sandra que não estava recebendo e o deixava tão bravo? Quais eram os "tesouros" pelos quais ansiava e que pensava que Sandra estivesse roubando dele (Mt 6.19; Tg 4.1)? Estas perguntas levariam Rafael a encarar a si mesmo diante de Deus, a reconhecer sua necessidade da misericórdia de Jesus, e a buscar essa misericórdia. Ele começaria a identificar as muitas coisas diferentes que poderia fazer para ver uma mudança concreta acontecer.

A pessoa que desenvolve uma perspectiva bíblica, ampla e constante da vida, pode escapar da falta de esperança do seu antigo sistema de valores e da paralisia, da confusão ou do entusiasmo mal direcionado que este sistema de vida geralmente produz. Desta forma, quando Rafael aprender a ver as situações biblicamente, poderá identificar as novas opções para mudança e não ficar mais preso à própria subjetividade. Ele não mais crerá que está atolado em um casamento derrotado e sem saída, mas começará a ver os pensamentos e desejos do coração que estão na raiz dos seus problemas. Mais adiante, verá como esses desejos moldavam cada reação que tinha para com Sandra, em qualquer situação. Também não se julgará mais preso em uma armadilha ou sempre o dono da verdade. Pelo contrário, poderá ver com clareza o que deve abandonar e o que deve colocar em seu coração e comportamento para transformar o casamento.

Você pode contribuir com a claridade do evangelho

As pessoas são intérpretes por natureza, sempre procurando compreender o sentido da vida. Não é difícil os aconselhados se sentirem muito confusos quando são incapazes de entender o que está acontecendo, por que está acontecendo e o que fazer.

Há também muitos aconselhados confusos que não sabem que estão confusos! Eles pensam que suas próprias interpretações são ricas de insight e que suas ações são lógicas. O problema é que eles não vêem a si mesmos nem a sua situação com clareza.

Uma das áreas mais significativas de cegueira espiritual que observo no aconselhamento é a cegueira à realidade do evangelho na vida de um aconselhado. A pessoa está confusa e paralisada porque deixou fatos significativos fora do seu sistema de interpretação.

Há três perspectivas essenciais que o evangelho nos dá sobre as lutas humanas.

Sem o entendimento prático proporcionado por tais perspectivas, a vida não fará sentido ou será entendida de maneira não-bíblica e, portanto, incorretamente. O evangelho nos dá a verdadeira noção de nós mesmos, de Deus e do processo em que estamos.

A noção de si mesmo

Nossa reação diante de qualquer situação está sempre baseada no entendimento que temos da nossa identidade. Consequentemente, precisamos do evangelho para nos informar e corrigir nossa definição de quem realmente somos e quais são as nossas lutas verdadeiras. O que o evangelho me ensina é que minha luta é mais profunda do que os problemas do meu passado, as dificuldades nos meus relacionamentos e as situações do cotidiano. Pedro diz que a corrupção no mundo é causada pelos desejos maus do coração. Este é o lugar onde a mudança precisa acontecer.

Muitas das pessoas que aconselho têm pouca noção da presença e poder do pecado que habita em nós. Têm pouca noção dos pensamentos, desejos, e escolhas do coração que estão na raiz de suas dificuldades pessoais. Portanto, continuam a culpar pessoas e situações, cegas à luta do coração que está presente em todas as situações da vida. O evangelho apresenta a luta interior (Romanos 7 e Tiago 4) como o primeiro alvo do processo de santificação de Deus (2Pe 1.3,4).

A noção de Deus

Aqui também fico impressionado ao ver como meus aconselhados têm pouca noção do Deus do evangelho - o Redentor sempre presente e ativo, o Todo-poderoso, cumpridor de promessas. A Bíblia apresenta Deus como meu ajudador sempre presente em todos os problemas (Sl 46), que controla todas as coisas (mesmo as aparentemente caóticas e sem propósito) para o meu benefício (Ef 1.22,23). Ele está operando em cada situação para me livrar da escravidão dos pecados do coração, para me ajudar a experimentar as riquezas da graça que Ele derramou sobre mim em Cristo, e para me conformar à imagem de Seu Filho (Rm 8.28 e Ef 1.3-7). Ele é o Deus que perdoa, o Reconciliador, Libertador, Restaurador e Aquele que conforta.

Por causa de Sua atividade santificadora incessante, cada situação da vida - mesmo aquelas que são escuras, confusas, e que me causam medo - é santificada, cheia de significado, propósito e esperança.

Os aconselhados, frequentemente, têm pouca noção do Deus do evangelho, que reina sobre o mundo de tal maneira que Ele não está longe de cada um de nós e que a qualquer momento podemos procurá-lO, alcançá-lO e encontrá-lO (At 17.26, 27). Sem esta noção, os aconselhados tendem a ter pouca esperança quando chegam ao fim de sua sabedoria e força própria. Seu Deus funcional é pequeno, fraco, desinteressado e distante - não é alguém a quem confiar o que há de mais precioso e frágil em sua vida pessoal. Suas reações à vida, e a confusão em que se encontra, estão diretamente relacionadas à noção de quem é Deus.

A noção do processo

O evangelho não apenas declara que Deus está ativo, mas descreve o que Ele está fazendo e como Ele está operando. É esta noção do processo de santificação que falta a muitas pessoas que aconselho. Elas não têm um modelo da santificação progressiva para compreender melhor sua vida atual e os problemas.

Deus instituiu um processo com o alvo de "que o vosso amor aumente mais e mais

em pleno conhecimento e toda percepção, para aprovardes as cousas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o dia de Cristo, cheios do fruto de justiça, o qual é mediante Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus" (Fp 1.9-11). O alvo principal de Deus não é que eu experimente felicidade pessoal no presente. Seu alvo não é nada menos que eu me torne participante da Sua natureza divina (2Pe 1.4). Além disso, os próprios relacionamentos com os quais luto e as situações difíceis de que gostaria de me livrar são os instrumentos que Ele usa para produzir a mudança fundamental do coração, que resultará em uma vida frutífera para a Sua glória.

O sofrimento não deveria ser uma surpresa nem deveria ser recebido como indicação de distância de Deus e falta do Seu cuidado. O sofrimento é instrumento propositado do amor santificador de Deus. Para que entendam biblicamente os seus problemas, nossos aconselhados precisam cultivar a confiança no processo ativo e progressivo de santificação estabelecido por Deus.

Sem o entendimento do pecado que habita em nós e da luta que o acompanha, e sem compreender a presença, o caráter e a atividade de Deus, bem como seu processo santificador, a vida não faz sentido. O aconselhado fica confuso porque lhe falta sabedoria, discernimento e entendimento prático para estabelecer propósitos que resultam de uma visão de si mesmo e das circunstâncias do ponto de vista do evangelho.

Silvia vivia em função de ser aceita pelas pessoas, mas não foi isso o que a trouxe para o aconselhamento. Ela veio porque estava deprimida devido a vários relacionamentos quebrados. Entretanto, Sílvia estava cega às suas exigências, ao seu medo e à maneira como manipulava as pessoas. Também estava cega às reações de vingança e condenação que tinha para com aqueles que falhavam com ela. Ela não percebia que sufocava outros com suas necessidades. Seus amigos eram seus deuses funcionais, de quem dependia para viver. Quando procurou ajuda, sentia-se sozinha, esquecida por Deus e pelos amigos. Confusa e incapaz de compreender porque tudo aquilo estava acontecendo, ela se tornou cada vez mais absorta em si mesma e depressiva. Não via nenhuma esperança de mudança duradoura. De onde estava, via apenas que tudo de bom que tentava fazer acabava se voltando contra ela.

Sílvia falou sobre como Deus possivelmente a odiava. Ela disse que não era tão má pessoa, e não podia entender porque as pessoas "usavam e abusavam" dela. Havia parado de ler sua Bíblia e de orar, e sua frequência à igreja era esporádica. Acreditava ter sido injustamente escolhida para sofrer. Tudo o que ela queria é que aquelas situações tivessem um fim.

O evangelho não fazia sentido para a vida de Sílvia, que também não tinha noção funcional do Deus do evangelho que é soberano, santo, perdoador, restaurador, reconciliador, sempre presente, sempre ativo, reinando sobre todas as coisas para o seu bem, e que derramava sobre ela a riqueza da Sua graça em Cristo Jesus (Ef 1.3-9).

Ela não via a si mesma como uma pecadora a quem o evangelho foi dirigido, e também não via a idolatria do seu coração que a fazia entrar em situações e relacionamentos repletos de expectativas egoístas e exigências silenciosas. Ela não via como todas essas expectativas idólatras determinavam o desapontamento constante que ela experimentava, e também não tinha noção do sistema de vingança declarada ou disfarçada com o qual reagia às pessoas que a faziam sofrer. Não percebia que assumia o papel de deus como legisladora e juíza.

Finalmente, Sílvia não tinha noção do processo de santificação progressiva. Não reconhecia a mão de Deus nas suas circunstâncias. Deus estava operando com propósito santificador em cada situação e relacionamento, mas Ele não estava comprometido em dar a Sílvia a aceitação pela qual ela tanto ansiava. Deus estava ativo em suas experiências dolorosas para expor seu coração e comportamento pecaminoso, e por meio dessas experiências conformá-la à imagem de Cristo. Aquelas mesmas circunstâncias que serviam de exemplo para a "infidelidade" de Deus eram, na verdade, administradas por Seu cuidado e amor fiel que operavam para o bem de Sílvia. Ela estava confusa porque excluiu da avaliação da sua vida os fatos essenciais, ou seja, os fatos do evangelho.

Sílvia representa todos aqueles que aconselhamos. Se seus olhos estão cegos às realidades de quem são como pecadores, ao caráter e atividade de Deus, à herança que têm como Seus filhos e ao processo de redenção (santificação) que está em andamento, não há como nossos aconselhados interpretarem corretamente o que está acontecendo. Não há como eles se comportarem de uma maneira bíblica apropriada.

Este é o distintivo central do aconselhamento bíblico. Os conselheiros bíblicos não vêem a Bíblia como uma enciclopédia de princípios de vida que apenas precisam ser seguidos para se ter uma existência feliz. Pelo contrário, as Escrituras nos dão uma visão radical da vida com raízes no evangelho; toda perspectiva e princípio das Escrituras têm raízes no evangelho.

A perspectiva bíblica é que somos pessoas escolhidas por um Deus soberano e amoroso que, em Cristo, perdoa-nos e nos adota em Sua família. Ele está trabalhando em cada situação para nos conformar à imagem do Seu Filho, suprindo tudo quanto precisamos para fazer aquilo que Ele nos chamou para fazer. Portanto, não devemos cair na falsa esperança de nos tornarmos por nós mesmos indivíduos fortes, saudáveis, entendidos e felizes. Tudo quanto fazemos e esperamos está enraizado no fato de que somos vasos de barro, frágeis, mas cheios do poder infinito da presença de Deus. Olhamos para o futuro com esperança, preparando-nos para um tempo quando não haverá mais doenças, tristeza, pecado ou morte, pois estaremos com Ele e seremos como Ele eternamente. Eis a razão por que, mesmo nos dias escuros de sofrimento neste mundo caído, não perdemos a esperança (2Co 4.7-18).

Não se pode "descristianizar" os princípios das Escrituras sem violentá-los. Tudo o que Deus nos chama para fazer baseia-se naquilo que Ele está fazendo. Se o evangelho não estiver no centro do sistema interpretativo do aconselhado, os princípios bíblicos não farão sentido para ele, e ele não reagirá de maneira apropriada.

A claridade que trazemos para a vida do aconselhado é o próprio evangelho. O evangelho é o que queremos que ele veja, talvez pela primeira vez. Todo problema pode ser enfrentado por meio da provisão multiforme de Cristo. Considere a oração de Paulo pelos efésios:

> Iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos, e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo

> principado, e potestade, e poder, e domínio, e de todo nome que se possa referir não só no presente século, mas também no vindouro. E pôs todas as cousas debaixo dos seus pés e, para ser o cabeça sobre todas as cousas, o deu à igreja, a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as cousas. (Ef 1.18-23)

Paulo orou que esses cristãos vissem a si mesmos e toda sua vida pelo ângulo das verdades radicais do evangelho. Sua oração é que fossem capazes de ver o poder e a riqueza que lhes pertenciam como herança em Cristo. Nossos aconselhados também não viverão como Deus os chamou para viver se estiverem cegos ao poder e à presença de Cristo que opera em suas vidas. Em vez disso, suas vidas serão "inativas e infrutuosas" (2Pe 1.8,9).

Esta claridade do evangelho deve dar forma à nossa coleta de dados à medida que também oramos para que "os olhos do coração (do nosso aconselhado) sejam iluminados". Faremos, então, perguntas que procedem do evangelho, levando nossos aconselhados a orientarem o olhar para as coisas que não viam antes. À medida que responderem a essas perguntas, a claridade do evangelho começará a afastar as nuvens da confusão.

Coleta de Dados:
estratégias para abrir olhos vedados



Paul D. Tripp[1]

O Salmo 36.2-4 retrata poderosamente a realidade da cegueira espiritual e seu efeito na maneira de viver de uma pessoa:

> Porque a transgressão o lisonjeia a seus olhos e lhe diz que a sua iniquidade não há de ser descoberta nem detestada. As palavras de sua boca são malícia e dolo; abjurou o discernimento e a prática do bem. No seu leito maquina a perversidade, detém-se em caminho que não é bom, não se desapega do mal.

Esta realidade do coração humano leva o conselheiro bíblico a ver o processo de coleta de dados não apenas como meio de conhecer o aconselhado, mas também de ajudar o aconselhado para que comece a ver a si mesmo com uma clareza bíblica nova. O pecado não é apenas intencional, ou seja, um passo consciente além dos limites traçados por Deus. O pecado também tem a ver com cegueira, ou seja, o fato de não ver o que precisa ser visto para que eu possa viver como Deus me chamou para viver. O pecador é ao mesmo tempo *intencionalmente cego e cegamente intencionado.* Sendo assim, nós conselheiros estamos sempre lidando com a cegueira espiritual no nosso aconselhamento, quer o percebamos ou não.

O Salmo 36 tem muito a nos ensinar a este respeito. Primeiro, dá-nos uma noção de como a cegueira espiritual funciona: "Porque a transgressão o lisonjeia a seus próprios olhos e lhe diz que a sua iniquidade não há de ser descoberta". O indivíduo espiritualmente cego "pensa de si mesmo além do que deveria pensar", e sua justiça própria faz com que fique cego ao pecado em sua vida. Ele não odeia o seu pecado porque não se considera capaz de praticar tais coisas. Em vez disso, defende-se, desculpa-se, racionaliza, reformula e justifica seu pecado. Alguém espiritualmente cego não tem sensibilidade bíblica ou aversão ao pecado.

O Salmo 36 também mostra que se eu não for sensível a meu pecado, odiando-o e abandonando-o, persistirei nele cada vez

[1]Tradução e adaptação de *Strategies for Opening Blind Eyes: Data Gathering Part3.*
Publicado em *The Journal of Biblical Counseling* v. 15, n.l, Fall 1996, p. 42-51.

mais. A cegueira espiritual nos deixa sem nenhum sistema interno de restrição do pecado. Em minha cegueira, continuarei a mentir e enganar. Viverei na insensatez e não farei bem algum. Mesmo nos meus momentos de meditação na Palavra, meus pensamentos serão dirigidos para coisas que escapam à vontade de Deus para mim. O resumo do salmista é: a pessoa espiritualmente cega não rejeitará o que é errado. Isto é verdade para *todos* os pecadores. Todos nós lutamos com áreas de cegueira espiritual, na qual não vemos, não odiamos nem rejeitamos nosso próprio pecado.

É esta realidade espiritual significativa que temos considerado nos dois artigos anteriores. O primeiro artigo propôs que a cegueira espiritual é enganosa porque se esconde atrás de máscaras. Pessoas cegas espiritualmente são cegas à sua cegueira! Isto exige que o conselheiro bíblico conheça as máscaras características da cegueira espiritual para poder ser usado por Deus no expor a cegueira e abrir os olhos do aconselhado.

O segundo artigo considerou nossa constante necessidade do ministério mútuo para que possamos viver com os olhos abertos biblicamente. Se nos submetermos à luz perscrutadora das Escrituras e ao ministério fiel e diário de irmãos e irmãs em Cristo, vamos trazer para a interação com nossos aconselhados os frutos desse ministério. Isto nos capacitará a ajudá-los a ultrapassar sua cegueira espiritual.

Este artigo descreve algumas das estratégias que o conselheiro bíblico pode usar para atingir esse alvo.

Três estratégias na coleta de dados

2Coríntios 10.3-5 fornece a estrutura para o uso que faço do processo de coleta de dados como meio de expor a cegueira espiritual daqueles que aconselho. Falando sobre seus alvos ministeriais, Paulo diz:

> Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas; anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo.

Meu propósito não é fazer uma exegese profunda deste texto, que tem sido muitas vezes aplicado à batalha espiritual e apologética, mas observar implicações importantes para aquilo que pensamos sobre cegueira espiritual e estratégias práticas para mudança.

Localize as fortalezas

Em primeiro lugar, a metáfora de uma fortaleza é muito útil. Uma fortaleza é um lugar fortificado contra ataques. Ela foi construída com solidez e é defendida ativamente, sendo particularmente difícil destruí-la. Quero dar um exemplo de como isto se manifesta na vida do aconselhado.

Susana não via a si mesma como pecadora, mas como uma pessoa necessitada, cujas necessidades eram constantemente insatisfeitas. A idéia de ser uma pessoa necessitada constituía a sua fortaleza, provendo-lhe a segurança de não ter que enfrentar as responsabilidades características de uma vida nos moldes bíblicos, dando-lhe uma desculpa para seu estilo de vida e permitindo que Susana constantemente transferisse a culpa para outras pessoas. Era nesta fortaleza bem construída que Susana se escondia habitualmente.

Algo mais precisa ser dito aqui. Susana não somente se escondia atrás da idéia de ser uma pessoa necessitada, mas a defendia ativamente, ficando irada e defensiva sempre

que era levada a crer que eu estivesse "atacando" sua perspectiva de vida. Ela se defendia acusando-me de falta de amor e cuidado, e de reagir como todos os outros homens insensíveis que ela conhecia. Sua noção de necessitada era uma fortaleza fortificada e defendida ativamente, que precisava ser derrubada. Ao defendê-la, Susana estava sendo *intencionalmente cega.* Todo pecador tem fortalezas de cegueira espiritual, lugares onde a cegueira é fortificada, lugares que providenciam um esconderijo e são ativamente defendidos. Nestes lugares, a cegueira estrutura toda a maneira de pensar e agir daquela pessoa.

A primeira coisa que quero fazer na minha coleta de dados é localizar tais fortalezas. Onde esta pessoa está deixando de ver o que Deus quer que ela veja? Qual o efeito que isto tem sobre como ela lida com Deus, consigo mesma, com outros e com as circunstâncias?

Destrua os sofismas

Em segundo lugar, Paulo diz que ele procura "destruir fortalezas; anulando sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus". O que é um sofisma? É uma alegação plausível, algo que parece ser verdadeiro, mas que na realidade é falso. A cegueira espiritual envolve acreditar no que é falso como se, de fato, fosse verdadeiro. A cegueira espiritual significa crer em mentiras.

Paulo diz que estes sofismas se levantam contra a verdade de Deus. Quando acredito em uma mentira, não estou mais aberto à verdade. A mentira no Jardim do Éden não foi apenas uma opinião alternativa; ela se levantou contra a verdade que Deus havia falado para Adão e Eva. Mentiras posicionam-se *sempre* contra a verdade. Quando aceito uma mentira, fico incapacitado para saber aquilo que preciso saber, e como Deus quer que eu saiba. Meu mundo passa a ser moldado por mentiras, e não pelo conhecimento de Deus que dá vida, liberdade e sabedoria. Paulo zela por colocar um fim ao domínio e reino da falsidade na vida daqueles a quem escreve. Ele também é zeloso em expor e demolir a incredulidade e a fé falsa.

No aconselhamento, lidamos constantemente com sofismas - coisas que parecem ser verdades, mas, de fato, são fundamentalmente falsas. As necessidades de Susana eram um sofisma. Tinham a aparência de verdade validada por uma experiência de vida em que outros pecavam contra ela, e pareciam razoáveis também pelo reforço da cultura "psicologizada" que a cercava. Mas crendo de maneira não-bíblica que o seu problema mais básico era a sua noção de necessitada e não o seu pecado original, Susana estava *cegamente intencionada.*

As fortalezas de cegueira, assim como a justiça própria e a atitude defensiva que rodeiam estas fortalezas, têm seu fundamento nas mentiras plausíveis e enganosas que se levantam contra a verdade. Esta é a razão por que a segunda estratégia que deve ser usada na coleta de dados é expor e demolir esses sofismas. Trabalhamos para descobrir e destruir as mentiras.

Traga todo pensamento cativo

Em terceiro lugar, Paulo diz que seu alvo é "trazer todo pensamento cativo a Cristo". Esta frase retrata o aspecto instrutivo e corretivo da coleta de dados. Nosso alvo não é apenas ajudar as pessoas a reconhecerem que estão cegas, mas também ajudá-las a ter visão bíblica. A coleta de dados pode ser maravilhosa e relevantemente corretiva à medida que a pessoa ouve nossas perguntas, aprende a fazer perguntas certas a si mesma, e aprende a pensar biblicamente a respeito da vida. Somos chamados a libertar

pessoas das fortalezas e sofismas da cegueira espiritual *para que* possamos capturá-las para Cristo, e ter cada um de seus pensamentos submisso a Ele e à verdade dEle.

A mente de Susana, antes controlada pelas mentiras que ela defendia ativamente, tornou-se cada vez mais controlada pela verdade de Cristo. Ela se tornou mais e mais sensível a sofismas sutis, à atitude defensiva e à justiça própria. A coleta de dados foi usada por Deus para capturar e transformar a mente e o coração de Susana. Todos os pecadores precisam deste ministério.

Em resumo, são três as coisas que faço na coleta de dados para conhecer o aconselhado e abrir seus olhos para que ele conheça a si mesmo.

1. Localizo as fortalezas funcionais de cegueira espiritual e identifico como elas costumam ser defendidas.
2. Exponho as mentiras (sofismas) e identifico como elas parecem plausíveis ao aconselhado.
3. Ajudo o aconselhado a estabelecer uma perspectiva de vida cativa a Cristo, e reconheço a necessidade que tenho de ser modelo para o aconselhado e ensiná-lo a pensar biblicamente.

As estratégias específicas que uso para alcançar estes alvos serão tratadas no decorrer deste artigo.

Como localizar as fortalezas

No primeiro artigo desta série, listei as dez máscaras características da cegueira espiritual que afeta o aconselhado:

1. O aconselhado acredita que tem uma noção exata de si mesmo.
2. Ele vê o fato de ser vítima do pecado de outros como o seu principal problema.
3. Ele vê as dificuldades em sua vida como provações, e não como consequências de suas escolhas e comportamento.
4. Ele vê os problemas de sua vida como resultado direto de ser alguém necessitado.
5. Ele pensa que é sábio e que recebeu muito conselho sábio.
6. Ele analisou sua vida e crê que tem discernimento sobre o que está acontecendo e o porquê.
7. Ele pensa que tem uma noção clara do que é valioso e importante.
8. Ele vê a si mesmo como alguém com conhecimento maduro das Escrituras e da teologia.
9. Ele vê a si mesmo como santo; isto é, alguém que quer e faz aquilo que é certo.
10. Ele já vê a si mesmo como arrependido.

Em cada caso, o aconselhado crê que sua avaliação é verdadeira quando, na realidade, não é. Entretanto, poucos aconselhados terão todas essas fortalezas de cegueira espiritual presentes em sua vida ao mesmo tempo.

Como, então, localizar estas áreas em que a cegueira espiritual é particularmente forte e influente no comportamento da pessoa, e também muito bem defendida? Presto atenção a várias coisas.

Presto atenção àqueles assuntos que fazem o aconselhado ficar irado ou defensivo durante a coleta de dados.

Em que momento o aconselhado sente-se acusado por uma pergunta que, na verdade, é aberta e requer que ele seja transparente, mas não traz uma acusação implícita? Pode ser que o aconselhado se sinta "apontado" ou acusado porque a pergunta tocou em uma fortaleza da qual ele não quer se desfazer, mesmo que ele não esteja ciente de sua atitude defensiva. Considero esses momen-

tos cruciais. São ocasiões em que Deus está trabalhando para revelar o coração enganoso. Não me apresso com a coleta de dados; paro, e procuro ajudar o aconselhado a perceber sua ira ou atitude defensiva. Procuro ajudá-lo a descobrir o que está querendo proteger e como isso se encaixa na sua vida.

Susana ficava aflita quando eu lhe fazia perguntas sobre seu passado. Logo no início, ela disse: "Por que eu haveria de esperar que você fosse diferente dos demais conselheiros que tive? Ninguém leva a sério o que aconteceu comigo". A esta altura, eu nada tinha comentado sobre seu passado e, com certeza, também não tinha feito nenhuma acusação. Eu entendi, entretanto, que a afirmação dela revelava alguma coisa muito importante.

Parei, e alertei Susana para o fato de que eu não havia feito nenhuma acusação. À medida que fiz mais perguntas sobre sua reação defensiva, questões importantes para o aconselhamento começaram a surgir - coisas que eu precisava saber e Susana precisava ver. Ela compreendia a si mesma como uma pessoa que era forçada a viver com necessidades muito significativas não satisfeitas. Esta perspectiva fazia uma coisa muito importante por ela: isentava-a da responsabilidade pelas coisas erradas que fazia e pelas consequências que provocava na vida de outras pessoas. E por ser algo tão importante em sua vida, Susana defendia-se ativamente quando desafiada por quem quer que fosse, e acusava a pessoa de falta de amor e compreensão. Mas agora, na coleta de dados, Deus começou a mostrar-lhe a realidade desta fortaleza.

Como conselheiros, precisamos ser bons ouvintes e bons observadores enquanto fazemos perguntas. Precisamos perceber os momentos de raiva ou atitude defensiva e mostrá-los ao aconselhado para que possamos ajudar a desembrulhá-los. Às vezes, os momentos tensos e desconfortáveis no aconselhamento são os melhores para mudança. Eles tendem a ser os momentos em que Deus está colocando sobre a mesa as questões do coração, para que possam ser vistas. Não são momentos que devem ser evitados, mas oportunidades transformadoras que devem ser usadas criativamente.

Segundo, fico atento aos momentos em que a pessoa está fechada ou protegendo a si mesma durante a coleta de dados.

Note as perguntas para as quais você esperaria uma resposta pronta do aconselhado, mas que ele luta para responder, ficando em silêncio, falando que não sabe o que dizer, ou dando uma resposta que não esclarece nada a respeito de si mesmo ou da situação.

Preste atenção, também, em *como a* pessoa conta sua história. Uma das maneiras mais sutis de auto-proteção é como as pessoas contam o que lhes aconteceu. Tenho observado que as pessoas geralmente estão ausentes da própria história de suas vidas! O que quero dizer é que sua narrativa contém muito do comportamento de outros e das dificuldades da situação, mas não descortina muito sobre seus próprios pensamentos, desejos, escolhas e ações.

Para esclarecer este fato aos aconselhados, costumo fazer a seguinte analogia: "Estamos assistindo ao filme da sua história, e notei uma coisa interessante: você não está nela! A câmera fixa-se nos outros e na situação difícil, mas nunca em você. Eu gostaria de voltar e falar sobre os mesmos relacionamentos e situações, só que desta vez eu quero fixar a câmera em você. Quero focalizar o que você estava pensando, querendo e fazendo enquanto essas coisas estavam acontecendo".

Tenho aprendido que é importante eu não preencher os silêncios quando as

pessoas estão lutando para responder. Deixo que saibam que estou disposto a esperar, e que é importante que elas respondam. Paro, e as ajudo a entender o porquê da sua dificuldade. Deus usa estes momentos para expor dados.

Também tenho aprendido a não ficar satisfeito com respostas vagas. Em amor, digo às pessoas que suas respostas não me disseram nada. Então reformulo as perguntas e as faço novamente, pois meu alvo é expor o coração que se esconde atrás da autoproteção. Geralmente faço duas coisas quando uma pessoa não é transparente ao falar sobre sua vida. Primeiro, costumo usar um estudo de caso. Traço, em linhas gerais, uma situação problemática ou um relacionamento difícil e pergunto o que o aconselhado pensaria se fosse a pessoa em questão. Pergunto quais seriam os seus alvos e o que faria para os alcançar. Então tento estabelecer conexões entre as respostas ao estudo de caso e a vida diária do aconselhado. Este exercício costuma ser extremamente útil para expor o coração.

Em seguida, dou uma tarefa destinada a revelar para mim e para o aconselhado as motivações do coração. (No final do artigo, dou uma amostra para você adaptar aos seus aconselhados.) Peço ao aconselhado que leia os textos bíblicos, responda às perguntas, e traga as respostas por escrito no encontro seguinte. Quando nos vemos novamente, pergunto à pessoa o que ela aprendeu sobre si mesma. Há temas que apareceram vez após vez? Conversamos, então, sobre estes temas que surgiram das respostas dadas na tarefa. Isto é muito útil para abrir os olhos do conselheiro e do aconselhado. Em tudo isso, o conselheiro está procurando maneiras de tirar a pessoa da "trincheira" da autoproteção.

Terceiro, procuro identificar ocasiões em que o aconselhado culpa outros pelo próprio comportamento.

Uma das fortalezas mais poderosas da cegueira espiritual é a da culpa. *Todos nós* encontramos maneiras criativas de culpar outros pelo que fizemos - da criança que ao ser corrigida diz "Ele fez primeiro!" ao homem que diz ter cometido adultério porque sua esposa não lhe dava a atenção devida. Nós pecadores tendemos a nos esconder na fortaleza do pecado alheio. Também justificamos com todo vigor nosso próprio pecado, alegando os maus-tratos recebidos.

Nessas ocasiões, eu paro para perguntar: "Você está realmente dizendo que ...?" Quero que a pessoa encare as implicações de suas palavras. Pergunto ao homem adúltero: "Você está dizendo que há uma conexão direta entre a negligência da sua esposa e a sua infidelidade?" Ou peço-lhe: "Explique-me a ligação que você vê entre o seu adultério e a atitude da sua esposa para com você". Ou ainda: "Quais são as outras respostas que você poderia ter dado à conduta ofensiva de sua esposa?". Quero que meu aconselhado pare de se esconder atrás do pecado de outros para que possa começar a ter ações e atitudes construtivas.

Quarto, presto atenção a quando o aconselhado ergue claramente uma defesa lógica do seu ponto de vista e ações.

As pessoas que procuram aconselhamento nem sempre estão prontas a submeter suas atitudes e ações a uma avaliação bíblica. Com frequência, elas vêm pedir ajuda sem realmente querer ajuda, e buscam conselhos aos quais viram as costas, rejeitando. Muitas são como o fariseu que estava no templo

orando a Deus e dizendo-Lhe que, na realidade, não precisava dEle.

Ouço com atenção quando uma pessoa revela seus pensamentos ou ações não com a intenção de compreendê-los, mas apresentando argumentos para defendê-los e discutindo ativamente quando questionada. Com frequência, as pessoas vêm ao aconselhamento armadas de defesas bem ensaiadas. Elas podem argumentar com base em experiências passadas, citar uma passagem ou uma história bíblica, citar um livro ou artigo, fazer referência ao que ouviram de um especialista ou argumentar simplesmente que já pensaram muito a respeito do assunto e estão convencidas de que estão certas.

Tento alcançar três coisas com a minha resposta. Primeiro, procuro ajudar a pessoa a perceber que argumentar não é uma atitude própria de quem busca ajuda, mas uma maneira de defender o que já fez. Segundo, incentivo a pessoa para que se disponha a expor todas as áreas de sua vida a um exame bíblico. Deus usará isso como meio de bênção, e não de condenação. Terceiro, faço perguntas para ajudá-la a examinar seus pensamentos e ações de acordo com a perspectiva das Escrituras.

Como expor e destruir sofismas

Paulo usou uma linguagem forte em 2Coríntios 10.3-5 porque ele entendia o poder da mentira plausível. Para muitos pecadores, é uma parte significativa do sistema de incredulidade. Todos nós já acreditamos em mentiras, e a maioria delas parece ter um halo de verdade. A falsidade é sedutora simplesmente porque se veste de verdade. Afinal, o inimigo de nossas almas é chamado de "pai da mentira", e seu trabalho básico é seduzir-nos com mentiras disfarçadas.

Um esclarecimento importante precisa ser feito aqui. Paulo não nos diz para destruir a pessoa a quem fomos chamados por Deus para ministrar, mas o sistema de mentiras que a escraviza. Expor as mentiras plausíveis não deve ser um exercício sonoro, duro ou insensível. Devemos *sempre* falar a verdade em amor. Ao mesmo tempo, devemos odiar fortemente a falsidade e a safra de destruição que ela traz à vida das pessoas que acreditam nela.

A mentira plausível tende a distorcer a perspectiva que um indivíduo tem da vida (sua teologia funcional) em três pontos chaves: a visão de si mesmo, de Deus e da situação. Se o aconselhado acreditou em uma mentira em qualquer destas três áreas, isso afetará radicalmente sua reação à situação na qual Deus o colocou soberanamente. Procuro identificar evidências de falta de fé funcional, incredulidade ou falsidade em cada uma dessas três áreas. À medida que uso a coleta de dados para localizar as áreas em que a pessoa está cegamente rebelde, procedo da seguinte forma:

Procuro descobrir evidências de uma visão de si mesmo distorcida.

Pecadores tendem a não ter uma visão acurada acerca de quem são. Sua tendência é pensar de si mesmos além do que são na realidade. O orgulho é muito mais endêmico que a aversão a si mesmo. Portanto, procuro identificar aquelas áreas nas quais a visão que o aconselhado tem de si mesmo simplesmente não coincide com as atitudes que ele expressa nem com as suas ações.

Procuro expor essas distorções de duas maneiras primárias.

Primeiro, descobri que um diário com foco dirigido pode ser usado por Deus para abrir os olhos da pessoa que tem uma visão distorcida de si mesma. Não peço ao aconselhado que anote tudo quanto está acontecendo. Para muitos, isto intimidaria

de tal forma que a tarefa nunca seria feita. Estabeleço um foco para o diário, ou seja, peço aos aconselhados que registrem somente determinadas situações importantes e que respondam a cinco perguntas específicas:

1. O que estava acontecendo naquela situação?
2. O que você estava pensando e sentindo?
3. O que você fez em resposta?
4. O que você queria ou o que procurava conseguir com o que fez?
5. Qual foi o resultado?

Peço ao aconselhado que mantenha o diário por duas ou três semanas e, então, eu o leio atentamente procurando identificar temas e padrões de comportamento. Em seguida, pego um marcador de texto e identifico onde estes temas aparecem. Durante um encontro com o aconselhado, devolvo o diário e peço-lhe que leia, naquele momento, prestando atenção aos pontos que foram destacados. Finalmente, pergunto ao aconselhado o que aprendeu a respeito de si mesmo enquanto relia seu diário. Deus tem usado muito este exercício para abrir olhos vedados. Parece ser particularmente efetivo porque o aconselhado não está reagindo às minhas opiniões, mas às suas próprias palavras!

Raquel era uma mulher muito irada que estava completamente cega à sua ira. Ela acreditava ser essencialmente bondosa, paciente, e compreensiva. Vivia com sua avó idosa, de quem cuidava; portanto, via a si mesma como uma serva amável. Mas Raquel estava muito amarga por essa tarefa ter sido colocada sobre seus ombros. Acusava seus irmãos, que nunca lhe ofereciam ajuda. Ela se considerava paciente e compreensiva porque havia trabalhado no mesmo emprego, com os mesmos colegas, por 12 anos. Mas tinha rusgas regulares com seu chefe e relacionamentos marcados pela irritação com a maioria dos seus colegas de trabalho.

A visão que Raquel tinha de si mesma não incluía ira, de modo que havia vários aspectos de sua vida que ela não havia encarado. O diário foi penetrante para Raquel. Depois de três semanas, eu o li. Na ocasião, eu não tinha em mãos um marcador de texto. Tinha uma caneta vermelha, com que sublinhei cada ocorrência de ira e amargura no diário de Raquel. As páginas ficaram literalmente vermelhas de ira. No encontro seguinte com Raquel, pedi que ela lesse o seu diário, explicando o que eu havia feito. Depois de completar cerca de metade da leitura, Raquel começou a chorar. Ela olhou para cima e disse: "Eu sou uma mulher irada - muito mais irada do que jamais pensei!". A mentira plausível da visão imprecisa que tinha de si mesma havia sido exposta.

Aquilo que chamo de "momento real" na coleta de dados também pode expor a visão imprecisa que o aconselhado tem de si mesmo. Na sessão de aconselhamento, chego a conhecer a pessoa como ela de fato é. A pessoa controladora tenderá a controlar no aconselhamento. A pessoa irada tenderá a expressar sua ira a certa altura. A pessoa que tem justiça própria tenderá a ser defensiva e não ensinável. A pessoa medrosa lutará para ter confiança. Descobri que é muito importante fazer o aconselhado examinar a dinâmica de seu relacionamento comigo. Durante o encontro comigo, é mais difícil que consigam se esconder, pois eu estou participando daquele momento com eles. Peço-lhes que sejam bem honestos a respeito de suas lutas no relacionamento comigo, e eu sou muito honesto sobre minha experiência no relacionamento com eles. Enquanto desembrulhamos a dinâmica do nosso relacionamento e os

temas despontam, as mentiras plausíveis em que a pessoa acreditava sobre si mesma são expostas.

Procuro descobrir as distorções funcionais na perspectiva que o aconselhado tem de Deus.

As pessoas desenvolvem uma teologia com base na experiência, que lhes parece plausível porque vem de sua interpretação dos fatos da vida. Quanto mais esta interpretação - e não as Escrituras - molda a perspectiva que elas têm de Deus, maior é a distância entre a teologia que confessam (oficial) e a sua teologia funcional (do dia-a-dia). Ainda assim, a sua teologia funcional parecerá ter um halo de lógica e verdade porque se encaixa em sua visão da vida.

Por exemplo, o Deus de Joel mantinha-se distante, sem envolvimento em sua vida. Joel disse que nos seus momentos de maior depressão, quando mais ele precisava de Deus, ele nunca sentia que Deus estava próximo. Ele disse que sabia que Deus operava milagres, mas lutava com a falta de respostas de Deus às suas orações. Joel via Deus como um juiz duro, pronto a aplicar doses de consequências a todos quantos "fazem bobagens na vida". Mesmo assim, Joel dizia-se crente.

Como eu cheguei a conhecer o conteúdo da teologia funcional de Joel e como eu o ajudei a ficar ciente da distância entre o que ele *dizia* acreditar e aquilo em que ele *realmente* acreditava? Prestei atenção a como Joel fazia perguntas a respeito de Deus, e o ajudei a entender o impacto destas perguntas na sua maneira de viver. Por exemplo, Joel costumava dizer: "Eu não entendo. Por que Deus não opera em minha vida'?" (Este problema tem sido levantado por muitos dos meus aconselhados.) Esta pergunta baseia-se em uma pressuposição não-bíblica: Deus, por alguma razão, abandona alguns de Seus filhos. Ela não contribui para que aquele que a faz adquira um melhor entendimento da situação ou uma fé bíblica mais robusta e prática.

Minha estratégia foi a seguinte: à medida que Joel fazia perguntas a respeito de Deus, eu o ajudei a ver as pressuposições falsas em que estas perguntas estavam baseadas. Aqui estão algumas delas: os sentimentos são um indicador confiável da presença de Deus; o sofrimento é um sinal de punição divina; se eu não vejo evidência da mão de Deus operando em minha vida, isto significa que Ele não está respondendo às minhas orações; Deus está distante de mim, e não próximo. Ajudei Joel a perceber a natureza não-bíblica de suas perguntas fazendo as mesmas perguntas, mas reformulando-as com pressuposições bíblicas. Por exemplo: "Deus declara que Ele está presente, Joel; por que Ele lhe parece estar tão distante?" ou "Joel, Deus está operando em sua vida; o que o impede de ver isto?" ou ainda "Joel, vamos dar uma olhada nas coisas pelas quais você orou e ver como Deus respondeu". Cada uma destas perguntas lida com a preocupação de Joel, mas cada uma delas foi reformulada com base em pressuposições bíblicas, expondo as mentiras plausíveis acerca de Deus nas quais Joel acreditava e destacando, em seu lugar, a verdadeira fé bíblica.

Escute aquilo que seus aconselhados falam a respeito de Deus. Escute as perguntas que fazem a respeito da Pessoa de Deus e de Sua obra. Procure identificar mentiras teológicas plausíveis. Poucos rejeitarão repentinamente o Deus das Escrituras para se tornarem ateus declarados. Todavia, muitos caem em um cinismo teológico frio e distante à medida que o Deus da sua teologia funcional não mais é digno de adoração e respeito.

Procuro evidências de que a pessoa tenha deixado de lado os meios de graça e crescimento cristão como, por exemplo, tempo devocional diário, participação nas ocasiões em que o corpo de Cristo está reunido, amizade e comunhão cristãs, ensino da Palavra e adoração em conjunto com o corpo. Procuro compreender por que ela se afastou, esperando expor e entender as mentiras que têm levado a um enfraquecimento da fé em Deus e à perda da motivação para buscar uma comunhão mais profunda com Ele e Seu povo.

1Coríntios 10.13 pode ser a base para uma tarefa prática útil para expor as mentiras que o aconselhado abraçou a respeito de Deus e Sua obra. Por meio de quatro declarações a respeito de Deus e Sua obra, Paulo parece tratar de quatro mentiras plausíveis a respeito de Deus, nas quais somos tentados a acreditar. Costumo montar a tarefa da seguinte maneira:

1. **Declaração:** "Não lhe sobreveio tentação que não fosse comum"
   Pergunta: Em que circunstância você foi tentado a pensar que a sua situação é única e que você foi separado para sofrer de modo especial?
2. **Declaração:** "Deus é fiel"
   Pergunta: Em que momento você foi tentado a crer que Deus está sendo infiel nas promessas feitas a você?
3. **Declaração:** "Ele não permitirá que você seja tentado além das suas forças"
   Pergunta: Em que momento você pensou que estivesse passando por algo maior do que aquilo com que pode lidar ou que as fortes pressões da situação fossem a causa de você pecar?
4. **Declaração:** "Ele proverá livramento, de sorte que você possa suportar a tentação".
   Pergunta: Quando você foi tentado a se sentir preso em uma armadilha, sem nenhum recurso possível para lidar com a situação?

Esta é uma tarefa orientada para revelar ao conselheiro e ao aconselhado as mentiras sobre a Pessoa e a obra do Senhor, nas quais o aconselhado acredita.

Procuro descobrir distorções naquilo que a pessoa pensa a respeito da situação.

À medida que você prossegue na coleta de dados, tenha em mente que a pessoa não está fazendo uma recitação mecânica e objetiva de sua situação. Ela não está relatando meros "eventos, lugares e pessoas". Visto que cada ser humano é um intérprete, cada aconselhado procurou compreender aquilo que aconteceu em sua vida. Cada um tem uma visão própria a respeito da vida e das circunstâncias em que está envolvido, independentemente de estar ou não ciente disso. Na verdade, é impossível a alguém contar com isenção uma história ou dar um resumo do que está acontecendo no momento. Sempre haverá uma visão personalizada dos fatos. Portanto, preciso saber o que devo ouvir. A seguir, dou alguns dos indicadores mais comuns de uma perspectiva distorcida (mais uma vez, as mentiras plausíveis).

Procuro identificar **interpretações —** os momentos em que o aconselhado diz: "Eu acho que isso significa tal coisa". Nenhum aconselhado interrompe o que está falando para dizer: "Bom, Dr. Tripp, eu agora vou compartilhar com o senhor a noção que formei a respeito deste acontecimento". As interpretações vêm em meio à conversa, e numa variedade infinita. Você precisa estar alerta e de ouvidos atentos. Por exemplo, se alguém diz: "Eu pensei a esse respeito e decidi que devo...", esta pessoa está lhe

dando uma interpretação. Pare, investigue e procure entender. Alguém pode dizer: "Eu sei exatamente por que isso aconteceu comigo..." Mais uma vez, não estamos recebendo fatos puros, mas uma interpretação que pode revelar distorções naquilo que a pessoa pensa a respeito da vida.

Também procuro identificar **avaliações** em todos os julgamentos de bom e ruim, certo ou errado, verdadeiro ou falso, importante ou sem importância, bem-sucedido ou mal-sucedido, possível ou impossível. Faço constantemente perguntas que procuram extrair as avaliações do aconselhado. Posso perguntar: "O que você acha que seria certo fazer em tal situação?" ou "O que você considerou mais importante quando tal coisa aconteceu?" ou "O que você identificou como verdadeiro ou mentiroso naquilo que lhe disseram?" ou ainda "O que o levou a pensar que tal situação fosse impossível?". Cada uma destas perguntas investiga as avaliações que são base para as decisões e ações do aconselhado. Estas perguntas têm a intenção de revelar o coração que está por trás das reações às diferentes situações enfrentadas.

Em seguida, procuro identificar **propósitos e objetivos.** O que a pessoa quer conseguir em meio a esta situação ou por meio dela? Qual o alvo que ela tem? Procure identificar o propósito. Procure identificar os objetivos. Procure afirmações que lhe digam o que o aconselhado está procurando alcançar - todos estão vivendo em função de alguma coisa. Faça perguntas que cheguem aos objetivos do aconselhado na situação. Verifique se são de fato os objetivos de Deus.

Por exemplo, quando o aconselhado nos conta o que ele fez ou como reagiu, precisamos perguntar o que ele estava tentando alcançar com aquele comportamento. Peça ao aconselhado que identifique quais são os seus "tesouros" e como estes tesouros moldam a sua maneira de responder. Faça perguntas que exijam que o aconselhado pense em motivações e responda de coração.

Procuro identificar **doutrina ou teologia.** Não quero dizer com isso que verifico se a pessoa leu recentemente a *Teologia Sistemática* de Berkhof. Procuro identificar declarações formais e informais que revelam aquilo que ela crê. Procuro identificar a teologia funcional do aconselhado. Ouço com muito cuidado cada vez que ele cita um texto bíblico. (Como ele usa o texto? Que sentido dá ao texto?). Ouço com muito cuidado cada vez que ele se refere a uma questão de doutrina. (Como ele está entendendo esta verdade bíblica, e como a está aplicando à sua situação?) Ouço com muito cuidado cada vez que o aconselhado faz alusão a uma história bíblica. (Como ele está se identificando na narrativa bíblica? Que ligação está estabelecendo com a sua situação?) Ouço com muito cuidado quando ele cita um pregador, um professor ou autor cristão. (O que ele extraiu dali que o ajudou a compreender a própria vida?)

Todos dão interpretações teológicas às suas situações de vida, embora a maioria das pessoas não esteja ciente do que faz! E a maioria dos aconselhados não fará observações teológicas diretas. Estas virão em meio às histórias contadas e, portanto, precisamos ouvir com cuidado e fazer perguntas que extraiam este material.

Procuro identificar **emoções.** É importante notar os sentimentos expressos quando o aconselhado fala sobre a situação. Alegria, ira, medo, esperança, desânimo, frustração, tristeza, gratidão, amargura, desespero e contentamento são janelas que permitem ver o coração. Todas precisam ser abertas, pois se relacionam a como o indivíduo interage com aquilo que Deus coloca em sua vida. Tenho o

hábito de parar e comentar a respeito de uma emoção assim que o aconselhado a expressa. Em seguida, com o aconselhado, eu a "tiro da embalagem" para que eu possa entendê-la e ele possa ver como aquela emoção relaciona-se à sua maneira de ver a vida.

À medida que procuro identificar emoções, pergunto a mim mesmo se elas são apropriadas. Ou seja, estas emoções procedem de uma maneira de pensar bíblica a respeito da situação? Por exemplo, quando os israelitas murmuraram a respeito do maná providenciado por Deus e olharam para trás ansiando pela comida do Egito, suas emoções não eram apropriadas. Elas não procediam de fé e confiança em Deus nem de uma perspectiva da vida moldada pela Sua Palavra. Uma das maneiras mais fáceis de expor as mentiras plausíveis que um indivíduo abraçou é prestar atenção às suas emoções e fazer perguntas que revelem os seus sentimentos.

Nós pecadores somos indivíduos cegamente intencionados. Nossa tendência é crer em mentiras plausíveis. Há sofismas encravados na vida de cada um de nós que precisam ser descobertos e destruídos. Este era um dos alvos centrais do ministério de Paulo, e deve ser um dos nossos alvos também. À medida que procuramos conhecer o aconselhado por meio da coleta de dados, também devemos nos envolver na missão de trazer à luz todas as mentiras sutis do inimigo que seduzem as pessoas para que se afastem do caminho de Deus.

Como levar cada pensamento cativo a Cristo

Este é o resumo final que Paulo faz de seu ministério: "levamos cativo todo pensamento à obediência de Cristo". Este deve ser o alvo de tudo quanto nós também fazemos no ministério. Quando fazemos boas perguntas que procedem de uma perspectiva de vida distintamente bíblica, exigimos que nossos aconselhados pensem sobre si mesmos como nunca pensaram antes. Ao fazermos as perguntas que eles não haviam feito e de uma maneira que eles não haviam feito, Deus pode nos usar para quebrar os muros da cegueira espiritual e promover entendimento bíblico.

Lembro-me de uma mulher que, após responder a uma série de perguntas, disse: "Estou aprendendo muito a respeito de mim mesma, de Deus e das escolhas que tenho feito!". Eu não tinha usado minha Bíblia para instruí-la formalmente. Seu aprendizado resultou da coleta de dados. O processo havia confrontado sua cegueira espiritual, e foi o ponto de partida para levar seus pensamentos cativos a Cristo.

A cegueira espiritual tenta enxergar sem Cristo, o que é tão impossível quanto tentar enxergar fisicamente sem os olhos. Paulo diz em Colossenses 2.8: "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo". Se os meus pensamentos acerca de mim mesmo, de outros, de minha situação e de Deus não são levados cativos a Cristo, eles estão cativos à filosofia vã e enganosa do mundo. Quando os seus aconselhados perceberem esta verdade e virem padrões de pensamento específicos que precisam ser renovados, eles serão mais receptivos ao seu ensino e confrontação. Eles entenderão como as soluções bíblicas são realmente apropriadas para os problemas que eles enfrentam.

Perceba como Paulo descreve a filosofia do mundo: "vã e enganosa". Ela é enganosa. Ela parece certa. Ela parece atraente, com bons argumentos e lógica rigorosa. Ela parece ter base firmada em anos de estudo

e pesquisa. Ainda assim, é vã. Ela não tem substância. Ela não oferece respostas reais. Ela não leva a uma percepção verdadeira. Ela não dá aquilo que oferece. Ela é vazia. Por quê? Porque ela não está submissa a Cristo. Tudo quanto ela pode oferecer é aquilo que indivíduos vêem - indivíduos que são pecadores e lutam com a cegueira espiritual - e esta é a razão por que ela sempre estará aquém. No fim, ela sempre se mostrará deficiente.

No aconselhamento, reconhecemos que "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos em Cristo" e procuramos levar todo pensamento cativo a Ele. Reconhecemos que toda a visão verdadeira começa com Jesus, mas também sabemos que aqueles que aconselhamos pensam que vêem, mas são cegos, pensam que entendem, mas suas percepções são vãs e enganosas.

Por esta razão é que procuramos expor e destruir as fortalezas da cegueira espiritual. bem fortificadas e ativamente defendidas Procuramos revelar e demolir os sofismas. aquelas mentiras plausíveis que iludem todo pecador. E feito isto, ainda não acabamos Nosso alvo principal é levar o intencionalmente cego e o cegamente intencionado cativos a Cristo, para que possam ver com claridade bíblica e viver em obediência por gratidão a Ele. Quando dependemos dEle. Deus pode usar nossas perguntas para expor e invadir a escuridão espiritual, capturando os pensamentos dos nossos aconselhados para que possam obedecer a Cristo.

"Como águas profundas são os propósitos do coração do homem,
mas o homem de inteligência sabe descobri-los" (Pv 20.5).

Como ajudar os aconselhados a ficarem cientes das inclinações que orientam sua vida

(Descobrindo os propósitos do coração)

Perguntas que revelam o coração (em busca de temas comuns e padrões de comportamento)

As Escrituras nos ajudam a ganhar entendimento sobre o coração e aquilo que controla o seu funcionamento. Damos aqui alguns exemplos. Estas perguntas têm o propósito de ajudar os aconselhados a examinar os temas comuns em seus pensamentos, motivações e desejos para que comecem a reconhecer o(s) verdadeiro(s) tesouro(s) de seu coração e como esses tesouros moldam a maneira de reagir a Deus, outras pessoas e situações da vida.

1. Quais as ocasiões em que o aconselhado (AC) costuma ter medo ou lutar com preocupação e ansiedade (Mt 6.19-34)?

2. Em que circunstâncias o AC luta com desapontamento (Pv 13.12,19)?

3. Quais as situações em que o AC luta com ira (Tg 4.1,2; Pv 11.23)?

4. Em que situações de relacionamento o AC enfrenta problemas (Tg 4.1-10)?

5. Que situações da vida o AC considera particularmente difíceis (1Co 10.13, 14)?

6. O que o AC tem o costume de procurar evitar? Quais os seus hábitos neste sentido?

7. Em que circunstâncias o AC experimenta com regularidade problemas em sua vida espiritual ou em seu relacionamento com Deus (Sl 73)?

8. Em que circunstâncias e quando o AC tende a duvidar das verdades da Palavra (Rm 1.25)?

9. Qual é o propósito real do AC com relacão a outras pessoas? Como ele define um bom relacionamento? Quais as suas expectativas com relação aos outros? Quais exigências ele coloca silenciosamente sobre as pessoas ao seu redor (Tg 4.1,2)?

10. Em que áreas da vida o AC luta com amargura (Ef 4.31; Pv 18.19)?

11. Em que situações o AC luta com remorso, sendo tentado a dizer "Se ao menos..."?

12. Quais experiências do passado o AC reluta em deixar para trás?

13. Quando o AC tende a ter problemas em sua vida de oração e adoração pessoal a Deus (Tg 4.3,4)?

14. Em que situações o AC tende a lutar com inveja? O que ele costuma desejar ardentemente (Pv 14.30)?

Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico:

uma base teórica para sua formulação e uso



Paul D. Tripp[1]

Uma das marcas metodológicas do aconselhamento bíblico é o uso frequente de tarefas práticas. Tarefas bem preparadas e apropriadas podem desempenhar um papel significativo no aconselhamento e no processo de mudança. Jay Adams escreveu: "Os conselheiros bíblicos descobriram que as tarefas práticas são uma das forças mais vitais e eficazes que eles têm a seu dispor no aconselhamento".[2] Mas por que usar tarefas práticas? Certamente não encontramos textos bíblicos que ordenem diretamente o seu uso. Jesus não disse ao jovem rico para listar seus erros diários durante uma semana e voltar na semana seguinte! Será que o uso de tarefas práticas não passa da mera descoberta de uma técnica pragmática?

Tarefas práticas têm sido uma ênfase constante no aconselhamento bíblico porque seu uso é motivado pelas doutrinas centrais das Escrituras. Para o conselheiro bíblico, teologia não é apenas uma questão de *conteúdo* de fé e prática. A teologia bíblica e exegeticamente fundamentada também trata do *processo* de mudança de crenças e comportamentos no que diz respeito tanto aos métodos de aconselhamento (do ponto de vista do conselheiro) como à santificação progressiva (do ponto de vista do aconselhado). Os métodos de aconselhamento bíblico têm seu alicerce em uma teologia bíblica. O que o conselheiro bíblico *faz* no aconselhamento - e pede ao aconselhado para fazer - deve ter a mesma consistência bíblica daquilo que ele *diz*. As tarefas são uma extensão lógica e prática das crenças que distinguem o aconselhamento bíblico dos demais sistemas de aconselhamento.

Neste artigo, trato de cinco doutrinas que nos incitam ao uso de tarefas práticas. Uma vez estabelecida a base teórica para o uso e a formulação de tarefas, em outro artigo trabalharei tipos específicos de tarefas apropriadas para as diferentes fases do processo de aconselhamento e mudança.

---

[1]Tradução e adaptação de *Homework and Biblical Counseling*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling* v. 11, n.2, Winter 1993, p. 21-25.

[2]ADAMS, Jay E. *Ready to restore*. Phillpsburg, N.J.: *Presbyterian and Reformed*, 1981, p. 72.

1. A doutrina das Escrituras

João, um membro bastante antigo da igreja, está enfrentando dificuldades ultimamente: sua esposa morreu após uma longa enfermidade; sua farmácia está tendo problemas com a concorrência; uma antiga lesão na perna, herança do campo de futebol, voltou a se manifestar e o deixou meio manco; a igreja comprometeu-se com um projeto de construção, votando contra a posição verbalmente expressa por ele. João foi ficando cada vez mais mal-humorado, à medida que a vida não lhe era favorável. Ele está amargurado, desiludido, triste, cheio de queixas, de mal com Deus, com os vizinhos e com as circunstâncias. Como ajudar João? Que papel podem ter as tarefas práticas?

Por definição, os conselheiros bíblicos estão comprometidos com a autoridade e suficiência das Escrituras. Com base neste compromisso, eles procuram olhar de um ponto de vista bíblico para os inúmeros problemas atuais do ser humano. Por exemplo, a Palavra de Deus trata detalhadamente do problema de João em várias passagens sobre a "murmuração" motivada por aquilo que desejamos ardentemente ou tememos em situações de tensão.[3] Consequentemente, os conselheiros bíblicos querem ajudar seus aconselhados a pensar biblicamente sobre as questões da vida. A mente de João precisa ser renovada. Ele precisa trabalhar diferentemente as dificuldades que está enfrentando, de acordo com o capacitação de Deus.

O conselheiro bíblico oferece muito mais que um ouvido atento e palavras de conforto ou compreensão. Ele ouve. Ele é compreensivo diante de um homem como João - "tentado, provado e falho". Mas ele também conduz o aconselhado à compreensão bíblica de si mesmo e dos seus problemas, à luz de quem Cristo é: "Mesmo quando meu coração está partido, Ele, meu Consolador, socorre a minha alma".[4] A compreensão bíblica conduz à ação, ou seja, a fazer aquilo que é biblicamente apropriado em cada situação. E o que as tarefas práticas têm a ver com isso? O conselheiro bíblico esforça-se desde o início para promover uma imersão do aconselhado na Palavra de Deus, de modo que aquilo que o aconselhado planeja alcançar com o aconselhamento seja cada vez mais condizente com o plano bíblico. João talvez quisesse desabafar suas queixas e provar para si mesmo e para você que não há esperança na vida. Mas Deus quer que João se arrependa de suas murmurações e viva para a glória dEle, mesmo em tempos difíceis.

As tarefas práticas permitem que o aconselhado sonde as riquezas das Escrituras em busca de entendimento, convicção, promessas e orientação. Quando concebidas biblicamente, elas dão ao conselheiro a oportunidade maravilhosa de surpreender o aconselhado com a sabedoria prática das Escrituras que lida singularmente com os detalhes da vida pessoal - vamos olhar para pessoas que passaram por dificuldades, e ver como foram tentadas a reagir (Nm 11-21); vamos ver o que Deus fez em meio a dificuldades que levaram pessoas a perceber a fragilidade de sua vida (Dt 8); vamos atentar para o que Deus quer que façamos para lidar com a murmuração e o distanciamento, retornando a Ele (Fp 2.1-16).

As tarefas práticas bíblicas exigem compromisso por parte do aconselhado. Desde o início do aconselhamento, elas o colocam sob a autoridade de Deus, por meio das Escrituras. Todos os caminhos de

[3]Números 11-21; Filipenses 2.14-16 etc.

[4]Versos de *Jesus, What a Friend for Sinners! (Jesus, que Amigo para os Pecadores)*. Tradução livre.

Deus são retos e todas as Suas palavras são verdadeiras, de modo que as tarefas práticas convocam o aconselhado a aprender a testar cada questão à luz das Escrituras. Isso requer por parte dos aconselhados um investimento sólido no estudo bíblico, que resulta em uma sabedoria bíblica funcional a respeito dos problemas da vida. As tarefas práticas chamam o aconselhado a deixar de lado uma interpretação pessoal da vida e assumir a interpretação de Deus. Isso requer que o aconselhado tenha uma vida motivada e moldada pelos princípios bíblicos e não mais pelas emoções e desejos pessoais.

Em resumo, as tarefas práticas aplicam a doutrina da autoridade e suficiência da Palavra à vida do aconselhado. Elas convidam a pensar e agir em compatibilidade com os ensinos das Escrituras. **Nossa doutrina das Escrituras requer tarefas práticas que levem os aconselhados à Bíblia.**

2. A doutrina da responsabilidade do homem

Quando Antônio e Francisca entraram em meu escritório, este era o quadro: Antônio mantinha-se rígido e distante, enquanto Francisca já estava em prantos antes mesmo que eu lhes dirigisse a primeira pergunta. Passei os olhos no Inventário de Dados Pessoais[5], apresentei-me e fiz minha primeira pergunta. "Digam-me o que os trouxe aqui hoje; o que pensam ser o problema?" Ambos pronunciaram ao mesmo tempo uma palavra apenas que resumia sua avaliação do problema conjugal. Antônio disse: "Francisca"; Francisca disse: "Antônio". Como conselheiro, eu me deparava com um problema! Nem Antônio nem Francisca estavam diante de mim com a intenção de assumir o papel de aconselhado. Olhavam um para o outro como o problema. Cada um dizia que tudo ficaria acertado se o outro mudasse.

Esta é uma situação difícil para um conselheiro, pois é como se não houvesse um aconselhado na sala. Nem um nem outro está pronto a assumir a responsabilidade pelos problemas no relacionamento ou pelas mudanças que devem acontecer. O aconselhamento não vai a lugar nenhum, a menos que cada um deles comece a aceitar a responsabilidade pelos problemas existentes e mudanças necessárias. Como as tarefas práticas podem ajudar a dar uma nova orientação para a maneira de pensar dos aconselhados?

Obviamente, a questão da responsabilidade pessoal é de suma importância para o aconselhamento bíblico. A Bíblia diz que cada um de nós é responsável perante Deus e prestará contas de toda palavra e ação. Deus nos chama ao autoexame, confissão e arrependimento honestos. Ele também nos chama a participar integralmente de Sua obra de mudança. As Escrituras convocam cada um de nós a estar mais preocupado com a trave que há no próprio olho do que com o cisco no olho do irmão. Deus pede que substituamos o ato de apontar o dedo por um exame do próprio coração.

Se a doutrina das Escrituras requer tarefas práticas que levem os aconselhados a ouvir a Deus, a doutrina da responsabilidade humana envolve um outro gênero de tarefa: olhar para si mesmo. Tarefas práticas têm a função de orientar o foco do aconselhamento. O autoexame apropriado dá uma nova direção, tirando o foco de atenção de sobre as ações dos outros e orientando-o para a reação do próprio aconselhado diante das circunstâncias. As tarefas práticas conduzem o foco de atenção para longe do aconselha-

[5]NdT. Ficha de dados pessoais preenchida pelos aconselhados antes do primeiro encontro com o conselheiro.

mento "profissional" e da crença mágica de que a mudança acontece supostamente durante aquela hora de encontro semanal. As tarefas práticas fazem com que Antônio e Francisca assumam responsabilidade pela participação no processo de mudança a cada momento, a cada dia.

As tarefas práticas dão uma nova orientação à esperança. Elas afastam a esperança de que outras pessoas ou circunstâncias mudarão e farão com que a vida se torne mais fácil. Elas afastam a esperança de que o conselheiro terá uma atuação poderosa que resultará em mudança. Olhar para a responsabilidade pessoal focaliza a atenção na esperança em Deus e no poder do evangelho para mudar o aconselhado.

As tarefas práticas requerem que o aconselhado, já nos primeiros estágios do aconselhamento, comece a compreender a si mesmo diante de Deus, confie nEle e caminhe responsavelmente diante dEle. Elas ajudam a manter o aconselhado responsável por mudanças que precisam acontecer no relacionamento com Deus e com o próximo. O aconselhado não vem ao aconselhamento para se sentar passivamente diante de um guru. Pelo contrário, o conselheiro é um guia, um mestre que indica ao aconselhado a parte que lhe cabe no processo de mudança.

Os seres humanos são responsáveis, e desta verdade resultam boas tarefas práticas. É algo importante a considerar, visto que a força motriz da queda do homem e da cultura atual caminha em direção oposta. Antônio e Francisca vivem em uma cultura que institucionalizou a transferência da culpa. A "criança interior", a "codependência", a "família disfuncional", o "filho-adulto de pais problemáticos" são sistemas que lançam sobre outros a culpa pelas atitudes e comportamentos do aconselhado. Acrescente a estas vozes, já tão divulgadas entre nós, a inclinação natural do coração pecaminoso para construir argumentos bem desenvolvidos para desculpar a si mesmo e culpar a outros, fechando os olhos aos próprios erros. Você começará, então, a entender quão importantes as tarefas práticas podem ser para que o aconselhado envolva-se ativamente no autoexame e em mudanças com base na esperança e dependência em Deus. **Nossa doutrina da responsabilidade do homem requer tarefas práticas que induzam os aconselhados a pararem para avaliar a si mesmos apropriadamente.**

3. A doutrina de Deus

Jane estava com a voz trêmula ao reconhecer sua ansiedade a respeito de "tentar, mais uma vez, um aconselhamento. Estou uma pilha de nervos. Já consultei oito terapeutas. Fui hospitalizada e submetida a eletrochoque. Já tomei mais medicamentos do que posso me lembrar. Já experimentei fazer *biofeedback.* Tentei tomar decisões de ano novo. Tirei férias. Tentei me ocupar em empregos na esperança de que isso fosse ajudar. Já participei de grupos de apoio. Também participei de encontros de cura interior para ver se conseguiria encontrar cura espiritual para minhas feridas interiores. Fui tão chata com meus amigos, que queimei todas as amizades. Tentei..." Como as tarefas práticas poderiam ajudar Jane?

Os conselheiros bíblicos distinguem-se de todos os demais conselheiros por acreditarem que Deus é quem opera mudança nos aconselhados. O que distingue o aconselhamento bíblico é a confiança em um Deus Redentor que tem poder para transformar radicalmente o coração do homem. O conselheiro bíblico vê a si mesmo não como o gerador de mudança, mas como um mero instrumento nas mãos dAquele que é capaz

de gerar mudança além do que qualquer conselheiro ou aconselhado poderia pedir ou imaginar.

O problema é que as pessoas perdem de vista a Deus em meio às pressões circunstanciais e ao egocentrismo de seu coração. Este não é um fenômeno novo. Israel, acampado diante do Mar Vermelho, ficou aterrorizado quando percebeu que o exército egípcio o estava perseguindo. Israel perdeu de vista a Deus, Seu controle amoroso e Seu propósito redentor. Os primeiros versos de Êxodo 14 deixam evidente que a situação não escapara ao controle de Deus, que Israel não estava entregue a si mesmo e que Deus tinha um propósito em toda aquela circunstância.

Jane não era diferente do povo de Israel. Como os israelitas, ela perdeu de vista a Deus, Seu senhorio sobre as circunstâncias e Seu poder para capacitá-la na execução de tudo quanto Ele a havia chamado a fazer em meio à situação que ela estava enfrentando. Com frequência, os aconselhados deixam de interpretar as circunstâncias pela perspectiva bíblica básica: Deus existe e Ele mantém todas as coisas sob Seu controle amoroso e redentor. Por deixarem de olhar para a situação do ponto de vista de Deus, Seu caráter e Sua obra, eles respondem ao que está acontecendo como se estivessem sozinhos. O fato de ignorarem a Deus molda seu pensamento e seu comportamento.

As tarefas práticas oferecem uma oportunidade maravilhosa para trazer Deus de volta à lembrança. As tarefas que apontam para Deus e Sua obra em favor de Seu povo dão a Jane uma interpretação radicalmente diferente das circunstâncias. As tarefas que a levam a estar ciente da presença de Deus ajudam-na a perceber com clareza quais aspectos da situação são de sua responsabilidade e quais ela deve entregar a Deus. As tarefas centradas em Deus tendem a afastá-la da dependência no conselheiro e levam-na a uma dependência de Deus cada vez maior e mais profunda. Esta noção de Deus permite-lhe enfrentar sem medo os próprios erros, sua fraqueza e incapacidade, pois a sua esperança está em Deus. Livre da ansiedade, Jane está apta para disciplinar sua atenção para aquilo que Deus a chamou para fazer e confiar em Deus com respeito àquilo que ela é incapaz de fazer.

Os nossos aconselhados precisam ver a Deus de acordo com quem Ele realmente é. Jane precisa entender o envolvimento de Deus em sua vida e o Seu plano para ela como Sua filha. A existência e a atuação de Deus devem se tornar a base principal para o aconselhado interpretar a experiência pessoal. Os estudos bíblicos que contribuem para formar uma perspectiva correta de Deus são vitais, incluindo aspectos como:

1. quem é Deus: Seu caráter e Seus atributos;
2. como Deus opera: o processo de santificação, Seu controle soberano, Sua graça e perdão;
3. o relacionamento do aconselhado com Deus: identidade em Cristo e adoção como filhos; como encontrar-se com Deus; como servir a Deus pela capacitação do Espírito Santo;
4. estudos de caso nas Escrituras: Deus operando em favor de Seu povo e Deus como cumpridor de Suas promessas.

As tarefas práticas que focalizam estas verdades a respeito de Deus colocam as circunstâncias e problemas do aconselhado dentro de uma perspectiva bíblica apropriada.

A verdade dirige os olhos do aconselhado para longe dos dilemas do momento e leva-o a olhar com confiança e esperança para Aquele que é o Autor e Consumador da fé. É importante fazer algo mais que sim-

plesmente falar sobre estas verdades com os aconselhados. Eles precisam se envolver no processo de examinar as Escrituras para que a presença poderosa de Deus fique marcada para sempre em seus corações. **Nossa doutrina de Deus requer tarefas práticas que conduzam os aconselhados a um encontro com Deus.**

4. A doutrina do pecado

Quando Jorge e Maria procuraram-me para um aconselhamento conjugal, ficou evidente que os problemas com que estavam lidando não eram novos. Seu casamento sempre fora caracterizado por conflitos. Jorge era um trabalhador inveterado, exigente e perfeccionista, que via o fracasso como uma maldição e as horas vagas como um sinal de irresponsabilidade. Seu hábito era exigir muito de Maria e julgá-la severamente sempre que o trabalho dela não resultasse em um sucesso tremendo. Suas conversas com Maria e os filhos eram negativas e cínicas.

Maria era uma mulher que nutria muita ira e relembrava diariamente os erros cometidos contra ela por Jorge. Ela era capaz de lembrar estes incidentes nos mínimos detalhes. Em sua maneira de agir, ela travava uma guerra diária contra Jorge e o atacava repetidamente. Mesmo assim, Maria não se considerava uma pessoa irada. Ela não via erro em si mesma, e se considerava uma vítima desamparada que suportava uma vida infernal. Como entender o problema de Maria? Como as tarefas práticas contribuiriam para uma melhor compreensão do problema por parte de Maria e do conselheiro?

Os problemas dos aconselhados vão além do mero comportamento. São mais profundos que os sentimentos. São mais profundos que os rótulos que nossa cultura lhes atribui: baixa autoestima, codependência, compulsão, personalidade *borderline,* transtorno de controle dos impulsos, filhos-adultos de pais problemáticos, e assim por diante. Há problemas mais profundos que hábitos, ações, palavras e autopapo. O conselheiro bíblico preocupa-se com muito mais que a mera substituição de comportamentos, sentimentos ou pensamentos. O conselheiro bíblico preocupa-se em alcançar a raiz do problema do aconselhado.

A preocupação com o "coração", conforme definido pela Bíblia, é própria do conselheiro bíblico. Trata-se de uma ênfase radical diante de uma cultura que nem mesmo acredita na existência do coração. Na psicologia moderna, o termo "coração" é um anacronismo. Nas psicologias cristianizadas, o termo "coração" vem carregado de todo tipo de bagagem secular: ouvimos falar em "coração ferido" ou "coração necessitado", e no coração como um "depósito de feridas reprimidas e memórias traumáticas". Nenhuma destas definições é verdadeira. A causa dos problemas do homem é inevitavelmente mal diagnosticada quando as categorias seculares controlam o diagnóstico.

Os nossos aconselhados certamente estão debaixo da influência do atual debate cultural a respeito do "problema" do homem. Se queremos que uma mudança profunda e duradoura aconteça, o aconselhado precisa entender o problema biblicamente. O aconselhado precisa chegar a uma definição bíblica de pecado, e esta definição não pode deixar de incluir uma abordagem do coração.

As Escrituras declaram que a raiz dos problemas do homem está no coração. As raízes do pecado estão lá. São as raízes do coração (Hb 4.12; Gn 6.5) que produzem os frutos que vemos em ações e palavras. Aquilo que controla o coração molda o

comportamento. Aquilo que controla o coração influencia cada aspecto da vida de uma pessoa.

Cristo expressou essa verdade em linguagem clara e simples: o bem vem daquilo que há de bom no coração, e o mal procede daquilo que há de mau no coração. Os problemas evidentes nos frutos estão diretamente relacionados a problemas nas raízes. Ainda assim, poucos aconselhados vêm a nós com intenção de examinar o coração. Na maioria das vezes, planejam lidar apenas com o exterior. Eles querem que o "problema" circunstancial seja removido ou contornado para que possam voltar a ser felizes. Ou talvez planejem lidar com o interior apenas para remover sentimentos desagradáveis.

Ezequiel 14.5 diz que a intenção de Deus é diferente: "apanhar o próprio coração" daqueles que se afastam dEle. Deus recaptura o coração daqueles que Lhe pertencem para que O sirvam, e O sirvam com exclusividade. O conselheiro bíblico deve ter em mente esta mesma intenção.

Mais uma vez, as tarefas práticas assumem papel de importância. As Escrituras funcionam como um espelho. À medida que o aconselhado olha atentamente para a Palavra, ele vê a si mesmo como de fato é. Hebreus 4.12 diz que a Palavra é o melhor instrumento para revelar os mistérios do coração. Ela é capaz de penetrar e expor os pensamentos e intenções que há no coração e que moldam o comportamento do aconselhado.

O aconselhado precisa reconhecer que seu coração interage com tudo quanto acontece ao seu redor, e se seu coração estiver controlado por algo que não seja Deus, ele não responderá às circunstâncias conforme Deus ordena. Por exemplo, Tiago apresenta os desejos que militam no coração como causa dos conflitos interpessoais. Devido a estes desejos "acampados" no coração, as pessoas lutam umas contra as outras. É vital que o aconselhado reconheça e assuma responsabilidade pelos pensamentos e intenções do seu coração, pois estes determinam a maneira como ele responde à vida. Como podemos criar tarefas práticas específicas a partir da doutrina do pecado?

Pedi a Maria para registrar num diário as suas interações com Jorge. Eu lhe disse que queria que ela fizesse as anotações durante algumas semanas, e depois eu ficaria com o diário por uma semana para estudá-lo. Eu sabia que a ira seria um dos temas registrados, e eu estava certo. Peguei o diário e marquei em vermelho todos os lugares onde a ira era evidente. O diário ficou, literalmente, vermelho de ira. Enquanto Maria estava fazendo suas anotações, eu lhe pedi para estudar Ezequiel 14.1-5, Lucas 6.43-44 e Tiago 4. Ela começou a olhar para o próprio coração, e perceber a ira que a dominava e como esta ira moldava seu comportamento para com Jorge.

Os registros cuidadosos num diário, associados ao estudo bíblico sobre o coração, despertam e orientam o aconselhado para que assuma responsabilidade por uma mudança profunda na raiz do problema. Eles atuam corrigindo as falsas pressuposições culturais a respeito da causa do problema e dissipam a cegueira causada pelo engano do pecado.

O pecado é identificado à luz de suas alternativas: retidão, ação pacificadora, amor, obediência e solução de problemas. À medida que Maria identificava o que estava errado (despojar-se), ela também começava a ver o que Deus queria que ela fizesse (revestir-se), acolhendo o evangelho de Cristo. As tarefas práticas lidaram especificamente com a habilidade de ser pacificadora: buscar o perdão, aprender a confrontar com amor e

humildade e praticar atos tangíveis de amor mesmo quando o próximo estivesse agindo como inimigo.

As tarefas práticas são ocasião para planejar aquelas "boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" em situações específicas. **Nossa doutrina do pecado requer tarefas práticas que ajudem os aconselhados a repensar a maneira de compreenderem seus problemas, e os dirijam a mudanças específicas em sua vida.**

5. A doutrina da santificação progressiva

Josué disse: "Mas eu tenho tentado, eu tenho feito tudo quanto Deus manda fazer para lidar com a cobiça, e nada funciona. Já me arrependi. Orei e me submeti totalmente ao Senhor. Eu já repreendi Satanás. Às vezes penso que o problema está resolvido, de uma vez por todas, e um mês depois acabo caindo de novo". O conselheiro fez mais perguntas sobre aspectos diversos: as circunstâncias que envolviam as quedas de Josué na imoralidade, o quanto Josué já havia compartilhado as suas lutas com algum cristão maduro, e se ele estava à procura de uma solução definitiva. As respostas eram previsíveis. Josué não conhecia praticamente nada sobre o andamento da vida cristã e os meios de graça que Deus usa.

Quais são os meios que Deus usa para a santificação de Seus filhos? Os três que mais se destacam no Novo Testamento são: a Palavra de Deus, a providência de Deus e o ministério de edificação do corpo de Cristo. O aconselhamento nada mais é que isto: o ministério da Palavra, de crente para crente, no contexto daquilo que Deus está operando em cada situação pessoal. O aconselhamento bíblico reconhece a autoridade da Palavra, a soberania de Deus sobre as circunstâncias e o chamado do corpo de Cristo ao ministério pessoal.

O que tudo isso tem a ver com as tarefas práticas? Elas oferecem uma oportunidade para que o aconselhado compreenda o propósito divino de santificação e participe deste processo. As tarefas fazem com que o aconselhado seja ativo nas disciplinas da santificação, particularmente o estudo da Palavra, a consistência no aplicar a Palavra em atos de fé e obediência, e a submissão ao ministério de edificação, encorajamento e admoestação do corpo de Cristo.

As tarefas práticas ensinam ao aconselhado que o crescimento na graça não vem por meio de raios, trovões e encontros milagrosos, mas pela aplicação humilde, honesta, obediente e prática da Palavra de Deus a detalhes específicos da vida diária. No processo de santificação, Deus chama Seus filhos a nada mais que seguir, permanecer firmes, abandonar, confiar, despojar-se e revestir-se, correr, obedecer, mortificar, estudar, fugir, resistir etc. As tarefas práticas aplicam este chamado de Deus a situações específicas da vida do aconselhado. Elas transportam de um plano abstrato para um plano concreto a ordem para resistir, abandonar, seguir e revestir-se. No contexto de uma situação pessoal, as tarefas práticas levam o aconselhado a fazer aquilo que Deus o chamou a fazer como participante de Sua misericórdia santificadora.

As tarefas práticas também combinam bem com a natureza prolongada do processo de santificação. As metáforas de santificação nas Escrituras - participar de uma corrida, deixar de ser uma criança para ser um adulto, e desenvolver-se de semente para planta madura - retratam a santificação como um processo demorado. Na realidade, é um processo que se estende ao longo de toda a nossa vida. As tarefas práticas ajudam a afastar o

aconselhado da esperança de uma "solução instantânea". Elas ajudam o aconselhado a abraçar o processo divino de mudança passo-a-passo. As tarefas práticas mapeiam cada passo significativo dado pela graça de Deus, colocando marcos para os quais o aconselhado pode voltar a olhar em espírito de louvor a Deus. Um diário ou caderno de tarefas funciona como um registro encorajador do progresso alcançado à medida que Deus usa o aconselhamento para dar continuidade à Sua obra santificadora.

Por último, as tarefas práticas desafiam a atitude de "direito à privacidade" que muitos crentes procuram defender na vida cristã. Com frequência, a santificação é vista como uma questão particular, entre a pessoa e Deus. Mas é impossível ler Efésios 4 e 1Coríntios 12 e concluir que a santificação é uma preocupação individual. A natureza das tarefas práticas requer prestação de contas e submissão a outro crente, exigindo que o aconselhado seja honesto diante de Deus e também diante de um dos Seus instrumentos de redenção - o conselheiro. Um ótimo exemplo é o livro devocional de Jay Adams, *Four Weeks with God and Your Neighbor* (Quatro Semanas com Deus e seu Próximo), planejado para ser usado pelo aconselhado durante a semana e compartilhado com o conselheiro no encontro. Sua leitura chama o aconselhado a abandonar o orgulho e o medo que fazem com que ele se esconda daqueles que Deus levantou para o ajudar, ser honesto e agradecer a Deus pelos recursos de ajuda que Ele providenciou.

Nossa doutrina da santificação progressiva requer tarefas práticas que encorajem os aconselhados no processo de mudança e que os leve a interagir com outras pessoas ao longo do percurso.

Resumo

- Nossa doutrina das Escrituras requer tarefas práticas que levem os aconselhados à Bíblia.
- Nossa doutrina da responsabilidade do homem requer tarefas práticas que induzam os aconselhados a pararem para avaliar a si mesmos apropriadamente.
- Nossa doutrina de Deus requer tarefas práticas que conduzam os aconselhados a um encontro com Deus.
- Nossa doutrina do pecado requer tarefas práticas que ajudem os aconselhados a repensar a maneira de compreenderem seus problemas, e os dirijam a mudanças específicas em sua vida.
- Nossa doutrina da santificação progressiva requer tarefas práticas que encorajem os aconselhados no processo de mudança e que os leve a interagir com outras pessoas ao longo do percurso.

Tarefas práticas são uma parte essencial do aconselhamento bíblico. Usá-las é coerente com as doutrinas que constituem o fundamento do aconselhamento verdadeiramente bíblico, conforme ilustrei com os cinco exemplos acima. As tarefas práticas são oportunidade para que estas doutrinas passem a ser princípios operantes na vida diária de cada aconselhado.

Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico:

exemplos de tarefas práticas para diferentes fases do processo de aconselhamento



Paul D. Tripp[1]

O medo controlava a vida de Sílvia. Quando ela procurou aconselhamento, contou que havia eliminado de sua casa as facas, pois tinha muito medo de se levantar como sonâmbula e ferir seu marido ou os filhos. Ela estava constantemente preocupada com contrair alguma doença fatal. Alimentava uma desconfiança irracional com relação ao marido. Temia ter dito ou feito alguma coisa para ferir, irritar ou afastar seus poucos amigos. Ela estava com medo do aconselhamento porque "ninguém entenderá aquilo que estou passando" e "eu serei internada". *Como as tarefas práticas poderiam penetrar neste pesadelo e ajudar Sílvia a aprender a confiar em Deus e em seu conselheiro?*

O Salmo 37 oferece aos aflitos e temerosos Alguém em quem confiar, Alguém cujo cuidado excede seus problemas. O Salmo 37 fala abertamente sobre circunstâncias de vida amedrontadoras, e desafia as pessoas temerosas para que examinem a própria vida. No final de nosso primeiro encontro, eu pedi a Sílvia que lesse este Salmo várias vezes durante a semana seguinte e perguntasse a si mesma: "O que Deus está me dizendo?". Durante as semanas que se seguiram, o Salmo 37 forneceu-me um instrumento para entrar no mundo de medo em que Sílvia vivia e construir um relacionamento para o aconselhamento. Tarefas posteriores sobre este Salmo acabaram com as experiências de medo de Sílvia, confrontando-as com as promessas de Deus. Ela lidou de frente com a causa de seus medos destrutivos: a sua maneira de reagir aos pecados das pessoas ao seu redor revelava os próprios pecados e a falta de fé de Sílvia.

Nem Francisca nem Antônio procuraram aconselhamento para serem aconselhados.[2] No primeiro encontro, quando lhes perguntei o que viam de errado em seu casamento, eles imediatamente falaram o nome um do outro. Ambos vieram ao

[1]Tradução e adaptação de *Homework and Biblical Counseling: Parte 2,* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. v. 11, n.3, Spring 1993, p. 5-18.

[2]Francisca e Antônio foram apresentados no artigo anterior, *Tarefas Práticas no Aconselhamento Bíblico: uma Base Teórica para sua Formulação e Uso.*

meu escritório para me dizer como mudar o outro. *Como poderiam as tarefas práticas direcionar nosso levantamento de dados e abrir caminho em meio à acusação mútua e a uma atitude defensiva?*

Durante nosso segundo encontro, falamos sobre o "princípio da trave e do cisco", a graça de Deus e o arrependimento.[3] Pedi a cada um deles que fizesse uma lista de "traves": o que *você* está fazendo de errado que prejudica a união que Deus ordenou para seu casamento? Francisca e Antônio fizeram a tarefa. Naquela semana, ambos começaram a assumir a posição de aconselhados-discípulos do Senhor Jesus Cristo. Nos encontros que se seguiram, a solução dos problemas deu-se a partir de suas listas e dos princípios das Escrituras envolvidos.

"Você não acredita o que eu descobri na minha tarefa prática esta semana!". Estas foram as primeiras palavras de Juliana no início de nosso quinto encontro. Eu havia pedido que Juliana fizesse um diário do relacionamento com seu marido. Seu casamento era um campo de batalha, e Juliana estava convencida de que a única causa era "a resposta tipicamente egoísta que João dá a praticamente tudo". Juliana tinha orado "durante anos, sem ver nenhuma mudança". *Como as tarefas práticas ajudaram Juliana a olhar para si mesma biblicamente?*

Juliana registrou em seu diário todas as discussões entre ela e João, olhando especificamente para o que ela estava pensando, desejando, sentindo e fazendo em cada ocasião. Juliana foi fiel em suas anotações durante três semanas. Na quarta semana, sua tarefa foi ler o diário várias vezes, procurando identificar hábitos de pensamento, motivação e comportamento. Ela comparou suas descobertas com passagens bíblicas sobre relacionamentos: Tiago 4.1-6; Efésios 4.25-32; 1 Coríntios 13. Eu *já* sabia o que Juliana havia descoberto naquela semana; a verdade de Deus havia trabalhado em sua vida. Eu podia ouvir em suas palavras uma humildade nova e uma esperança renovada; eu podia ver em seu rosto e ouvir em sua voz que as palavras não eram meras palavras.

Roberto fora ignorado por sua família durante muitos anos. Ao longo do aconselhamento, sua amargura e a indiferença fria cederam à graça de Deus. *Como as tarefas práticas deram partida às mudanças no coração e na atitude de Roberto?* Como tarefa prática, ele escreveu uma carta de reconciliação para sua mãe, com quem ele não tivera contato por mais de dez anos. Eu lhe pedi que não enviasse a carta, mas que a trouxesse ao nosso encontro seguinte para que a avaliássemos juntos. Roberto e eu queríamos estar certos de que aquela carta expressasse o plano de mudança de Deus para o relacionamento de Roberto com a família, mudanças que procediam da mudança do relacionamento de Roberto com Deus.

Você viu nestas histórias quatro exemplos de tarefas práticas, uma bem diferente da outra, cada uma buscando alcançar um propósito diferente. A tarefa que dei a Sílvia era um meio para derrubar os muros de autoproteção e construir seu relacionamento com Deus e comigo. Para Francisca e Antônio, a tarefa foi o instrumento principal para orientar o processo de levantamento de dados. A tarefa de Juliana foi autoreveladora: contribuiu para que ela pudesse ver a si mesma no espelho das Escrituras. A tarefa de Roberto foi um exemplo de aplicação concreta do plano de Deus no cotidiano.

As tarefas práticas são mais que um estudo bíblico dirigido, reforçando o aspecto de ensino do aconselhamento. Para o conselheiro bíblico, as tarefas práticas não

[3]Mateus 7.1-5; Lucas 6.37-42

se limitam a uma única direção e propósito. Quando concebidas criativamente e usadas apropriadamente, elas auxiliam em cada fase do aconselhamento. Bem usadas, as tarefas práticas não funcionam como um adendo ao processo de aconselhamento, mas como parte integral deste. Cada passo do processo de aconselhamento tem prosseguimento, mesmo quando o conselheiro e o aconselhado não estão juntos, porque a boas tarefas práticas mantêm o andamento do processo.

O conselheiro bíblico deve perguntar durante cada fase do aconselhamento: "Que tipo de tarefa é apropriada e útil? Como a tarefa poderia reforçar, apoiar e levar adiante aquilo em que estamos trabalhando no momento?".

Para o propósito deste artigo, quero dividir o processo de aconselhamento em quatro "fases". É evidente que estas fases nunca são tão distintas nas situações reais de aconselhamento como parecem ser aqui. As quatro fases do aconselhamento que orientam a minha argumentação são:

1. Boas-vindas: construir um relacionamento cristão com o aconselhado.

2. Entendimento: colher dados orientados às questões do coração.

3. Confrontação e consolo: ajudar o aconselhado a olhar para si mesmo biblicamente e a abraçar as promessas de Deus.

4. Ação: colocar em prática na vida cotidiana mudanças de acordo com o propósito de Deus.

Para cada fase darei um alvo e exemplos de tarefas que derivam deste alvo. Meu propósito com este artigo é abrir seu apetite para boas tarefas práticas. Cabe a você desenvolver um cardápio completo e diversificado para o seu ministério de aconselhamento.

Boas-vindas

Alvo: construir um relacionamento de compreensão e confiança com o aconselhado, e também firmar a esperança em Deus.

Aconselhamento é um relacionamento entre duas (ou mais) pessoas. Aconselhamento é um relacionamento que Deus, em Sua soberania, proporcionou para alcançar Seu propósito santificador.

O quanto são importantes no aconselhamento a vida e o amor do conselheiro? Preste atenção no exemplo de Cristo, o Maravilhoso Conselheiro. Ele entrou em nosso mundo e se familiarizou intimamente com a nossa experiência. Ele se tornou nosso Sumo Sacerdote compassivo e compreensivo, sensível às nossas fraquezas, tentações e sofrimentos. Podemos nos achegar a Ele com confiança porque sabemos que Ele será misericordioso e gracioso em nossos momentos de necessidade.[4] Preste atenção ao exemplo de Paulo: seu amor evidente por aqueles a quem ministrou e a honestidade com que ele viveu diante das pessoas conferiram integridade e força de persuasão ao ministério da Palavra.[5]

Em poucas palavras, o que é aconselhamento *bíblico?* Podemos responder: "Seguindo a verdade em amor, cresçamos

[4]Hebreus 4.14-5.9 é uma passagem marcante que motiva à confiança em Cristo pela identificação dEle conosco.

[5]2Coríntios 1.2-2.4; 1Tessalonicenses 2.1-20 e Atos 20.17-38 são três passagens em que o amor e a honestidade pessoal foram base para um ministério efetivo da Palavra. Paulo construiu constantemente o relacionamento com seus ouvintes, mesmo naquelas epístolas que são relativamente mais "impessoais" e "objetivas" (p. ex. Efésios, Colossenses, Romanos).

em tudo naquele que é a cabeça, Cristo".[6] Os aconselhados precisam saber que você está falando a verdade de Deus. Eles precisam saber que podem confiar em você, pois você está a favor deles. Se você quer que os aconselhados comecem a colocar em suas mãos aquilo que lhes é precioso, você precisa demonstrar compaixão, entendimento e humildade à semelhança de Cristo. Será que os aconselhados sabem que o conselho que recebem vem de alguém que entende seu mundo e se compadece de sua fraqueza? Isso atrai os aconselhados a uma participação confiante no processo de aconselhamento.

Como isso se relaciona com tarefas práticas? Um dos alvos das tarefas práticas durante a fase inicial do aconselhamento é construir relacionamentos que sejam canais da graça transformadora. Eu quero que o aconselhado saiba desde o início que "Deus fala às minhas lutas". Quero que o aconselhado saiba desde o início que "o conselheiro me ouviu e entende a minha luta".

Quando começo a aconselhar, procuro *portas de entrada* que permitam que meu retorno inicial e as tarefas práticas sejam relevantes. As portas de entrada costumam ser aqueles "problemas imediatos" com os quais o aconselhado está lutando no momento. Podem não ser a questão central com a qual finalmente teremos de lidar, mas abrem uma porta de acesso à vida da pessoa. As *portas de entrada* precisam ser trabalhadas se queremos que o aconselhado se comprometa com mudança e se torne participante do processo de discipulado. Eu me pergunto: "Com o que esta pessoa está lutando neste momento? Que tarefa prática posso dar para alcançá-la em sua luta?" Exemplos de *portas de entrada* são: medo, falta de ânimo, ira, amargura, solidão e falta de esperança.

Se forem bem trabalhadas pelo conselheiro, as *portas de entrada* com frequência conduzem a problemas mais fundamentais. Por exemplo, Sílvia, cuja vida estava se desintegrando pelo medo, precisava de uma garantia inicial: seus problemas eram compreensíveis; ela não estava louca; Deus se importa; o aconselhamento bíblico poderia ajudá-la. Mais adiante, problemas mais elementares vieram à tona: ira, exigências, temor do homem, egoísmo, perfeccionismo e falta de fé. Desde o início, criamos um contexto de confiança e verdade que, mais adiante, permitiu-nos lidar com estas questões.

Quando planejo e dou tarefas práticas para lidar com as questões de entrada, quero transmitir duas coisas aos aconselhados. Primeiro, "Eu ouvi o que você me disse e estou procurando entender aquilo que você está enfrentando para que eu possa ajudá-lo". Segundo, "Deus se importa com você; você pode depositar nEle a sua esperança". Com frequência, os aconselhados vêm ao aconselhamento com pouca ou nenhuma esperança. Tarefas práticas que dão esperança oferecem um caminho de entrada natural para o relacionamento com o aconselhado e estimulam a confiança em Deus.

Sara era uma moça solteira, beirando os trinta anos. Ela descreveu a si mesma na Folha de Informações Pessoais[7] como "uma gorda solitária e introvertida". Sara odiava o seu trabalho, sentia-se pouco à vontade e incompreendida em sua igreja, rejeitada pela família. Ela disse que seu amigo mais chegado era seu gato! Ela estava convicta de que sua vida era terrível, que ela era "um dos erros de Deus", e que não havia outra saída

[6]Efésios 4.15

[7]Um exemplo de Folha de Informações Pessoais pode ser encontrado no livro de Jay Adams O *Manual do Conselheiro Cristão* (São Paulo: Fiel, 1982. p. 395-7).

senão a morte. Que tarefa prática poderia encorajar Sara mostrando que tanto Deus como o seu conselheiro a compreendiam? Pedi que ela fizesse uma tarefa sobre esperança, baseada em 1Coríntios 10.13 (veja na página seguinte).

Antes que o aconselhado possa fazer esta tarefa, é preciso que o conselheiro o prepare com cuidado para o trabalho. Isso implica estudar o texto de 1Coríntios 10.1-14 com o aconselhado durante o encontro em que a tarefa será pedida. O texto fala a pessoas que estão passando por provações, identifica reações pecaminosas que são comuns diante das provações e fala de como Cristo o Senhor está presente para abençoar em meio à tentação.[8] O que esta tarefa realizou na vida de Sara? Em primeiro lugar, ajudou-me a entrar na experiência de Sara. Em segundo lugar, ajudou Sara a ver que sua falta de esperança tinha uma causa identificável: estava associada àquilo que ela pensava a respeito de Deus, de si mesma e da situação, e estava também intimamente ligada à sua maneira de reagir. E em terceiro lugar, ajudou Sara a começar a reinterpretar as lutas que ela estava enfrentando. À medida que ela passou a olhar para seus problemas biblicamente, sua esperança cresceu. Aplique esta tarefa a você mesmo. Faça cópias do original e use em seus aconselhamentos, ou faça adaptações.

Há outras tarefas práticas que servem como *porta de entrada* e ajudam a construir relacionamento.

1. A esperança cresce ao identificar o que Deus está operando em meio a seus sofrimentos e dificuldades. Por exemplo, estude Romanos 5.1-11; 8.18-39; Tiago 1.2-27; 1Pedro 1.1-2.3.
2. Concentre a atenção em seus recursos e sua identidade como filho de Deus. Por exemplo, estude o livro de Efésios e o significado de estar "em Cristo".
3. Estude narrativas bíblicas que enfatizam a importância de ver a Deus na sua situação. Por exemplo, Êxodo 13-14; Números 11, Números 20, 1Samuel 17 destacam ocasiões em que o povo de Israel esqueceu-se ou lembrou-se de Deus. Faça as seguintes perguntas a respeito das narrativas: Que dificuldades eles estão enfrentando? O que as pessoas pensavam a respeito da situação? Quais eram seus sentimentos? Como elas reagiram? O que queriam? O que Deus estava fazendo? Quais eram as indicações de que Deus estava envolvido na situação? Como aquelas pessoas teriam reagido diferentemente se tivessem "visto a Deus" na situação?
4. Estude a vida de personagens bíblicos que ficaram desanimados como, por exemplo, Elias em 1Reis 19, Samuel em 1Samuel 8, Moisés em Números 11. Concentre-se em três perguntas: Qual foi a causa do desânimo? Qual foi a resposta de Deus em meio ao desânimo? Qual foi a solução para o desânimo?
5. Lide com o medo e a ansiedade como experiências comuns ao homem. Estude Filipenses 4.4-10, Salmo 37, Salmo 46 e responda às seguintes perguntas: O que causa o medo? Quais os resultados do medo na vida de uma pessoa? Quais os resultados do medo na sua vida? Que soluções estas passagens oferecem para o medo? Como o seu relacionamento com Deus afeta o seu

[8]Esta folha de tarefa pode ser útil em combinação com o livreto de jay Adams *Seus Problemas e Cristo* (Brasília: Refúgio, 1985), que faz uma exposição de 1 Coríntios 10.13.

1 Coríntios 10.13

A Mentira do Inimigo	A Verdade de Deus
"Seus problemas são singulares, maiores e mais difíceis que os de outras pessoas" (Liste problemas em sua vida a respeito dos quais você está pensando assim).	"Você está lidando com tentações comuns" (Liste as tentações diárias que você enfrenta que não são diferentes das que outras pessoas enfrentam.).
"Deus esqueceu-se de você" (Liste os momentos em que você tende a se sentir esquecido).	"Eu sou fiel" (Liste evidências da fidelidade de Deus em sua vida).
"Você tem mais problemas do que pode suportar" (Em que ocasiões você se sentiu sobrecarregado?).	"Eu não permitirei que você seja tentado além do que pode suportar" (Quais os recursos para lidar com os problemas que estão presentes em sua vida?).
"Você está preso em uma armadilha e não há meio de escape" (Liste os problemas que você está enfrentando e que lhe parecem não ter solução).	"Eu darei um meio de escape para que você possa permanecer firme" (Identifique mudanças pessoais que podem capacitá-lo para lidar com aspectos difíceis em sua situação).

medo? O que seria diferente em sua vida se você estivesse livre do medo?

Você encontrará na vida dos aconselhados questões que servem de *porta de entrada* e ao redor das quais é possível construir tarefas práticas. Este tipo de tarefa comunica ao aconselhado: "Eu ouvi a sua luta. Eu levei você a sério. Estou procurando entender aquilo com que você está lidando. Deus está envolvido. NEle é possível encontrar esperança e auxílio". Quando Sara foi embora, ao término de nosso encontro, ela se sentia compreendida e encorajada porque a tarefa prática a atingiu em suas lutas.

Entendimento

Alvo: Conhecer o aconselhado, a situação em que Deus o colocou, como ele está respondendo à situação e quais questões do coração moldam estas respostas, e ser usado por Deus para trazer ao aconselhado uma maior percepção de si mesmo.

As tarefas práticas devem servir ao alvo duplo da fase de coleta de dados: ganhar conhecimento em primeira mão e dirigir a atenção para aquilo que de fato é importante. Primeiro, é vital obter um entendimento detalhado da pessoa e da situação em que ela está envolvida. Pecado e obediência nunca são algo genérico. Eles são sempre respostas específicas a situações específicas em que Deus coloca determinada pessoa. O aconselhamento bíblico tem como alvo aplicar a Palavra de Deus de modo específico. Isso o distingue da pregação. O conselheiro colhe dados para entender suficientemente bem o aconselhado como pessoa e os detalhes de sua situação, e então poder fazer aplicações concretas das Escrituras. A coleta de dados tem a ver com entrar no mundo do aconselhado, familiarizar-se com os detalhes deste mundo e ser tocado por suas realidades.

Segundo, a coleta de dados focaliza a atenção naquilo que é de fato importante. Ela proporciona uma oportunidade natural de ensino interativo. Quando eu faço perguntas que surgem de uma perspectiva bíblica das pessoas e seus problemas, os aconselhados são forçados a pensar com maior precisão bíblica a respeito de si mesmos e das situações que enfrentam. Meu alvo aqui é levar o aconselhado a uma autopercepção bíblica. À medida que a coleta de dados prossegue, o aconselhado já deve estar aprendendo coisas novas mesmo antes que algum ensino propriamente dito tenha lugar. Não estou apenas coletando dados para descobrir quais mudanças precisam acontecer. Pelo contrário, a coleta de dados, quando bem feita, torna-se parte do processo de mudança. A coleta de dados é uma forma de instrução, visto que perguntas bem formuladas começam a ensinar o aconselhado a organizar, interpretar e explicar o mundo biblicamente.

Quero que as tarefas práticas, durante esta fase do aconselhamento, projetem estes dois propósitos para além dos encontros semanais. Uma das melhores ferramentas para coletar dados é um diário. Seria pesado e contra produtivo pedir que o aconselhado registrasse toda e qualquer ocorrência do seu dia. Mas pode ser muito útil pedir que ele faça registros específicos. Vou dar um exemplo de como planejei isto com Juliana, a aconselhada que pensava que todos os seus problemas eram resultado de falhas do marido.

1. Pedi que ela comprasse um caderno de tamanho tal que pudesse caber em seu bolso ou em sua bolsa. Esse caderno serviria para fazer anotações rápidas para consulta posterior. Eu queria que Juliana tivesse o caderno às mãos o tempo todo. Ela poderia rabiscar

poucas palavras que, no fim do dia, quando ela se sentasse para redigir o diário, poderiam ajudá-la a lembrar a situação.

2. Pedi a Juliana que focalizasse o seu diário nas situações de conflito com seu marido, João.
3. Pedi que ela respondesse cinco perguntas a respeito de cada incidente:
   - O que aconteceu?
   - O que você sentiu?
   - O que você estava pensando?
   - O que você queria?
   - O que você fez?
4. Pedi que ela fizesse anotações em seu diário durante três semanas. Terminado este prazo, Juliana leu seu diário como tarefa, procurando temas e padrões que se repetiam. No encontro seguinte, comparamos aquilo que ela descobriu com o que as Escrituras dizem.

O diário de Juliana forneceu-me todo tipo de dados detalhados a respeito dela e de suas lutas. Ele também ajudou Juliana a parar e começar a pensar devidamente sobre sua situação e como ela estava interagindo com esta situação.

Há muitos outros tipos de tarefas práticas úteis para coletar dados. Por exemplo, costumo usar com frequência listas e questionários que guiam o aconselhado a uma autoavaliação:

- listas de "traves", conforme mencionei no caso de Francisca e Antônio, no início do artigo;
- "Que mudanças eu gostaria de ver no meu casamento";
- "Meios que tenho identificado para lidar com este problema";
- "Se eu pudesse apertar um botão mágico e minha vida passasse a ser do jeito que eu quero, como ela seria?";
- o livro de Wayne Mack *Tarefas Práticas para Uso no Aconselhamento Bíblico*[9] inclui várias tarefas muito úteis para a avaliação do relacionamento conjugal.

Uma redação costuma ser útil para fazer com que as pessoas descrevam e avaliem sua vida:

- Estou descontente com minha vida porque...
- Aquilo que considero mais importante em minha vida agora é...
- Minha infância em casa foi...
- Meu casamento seria melhor se...
- Aquilo que eu mais temo na vida é...

Use estes exemplos e crie tarefas sob medida para as pessoas com as quais você está trabalhando.

Para alguns aconselhados, histórias e desenhos permitem comunicar dados que eles teriam tido dificuldade para expressar em palavras. Quando estou colhendo dados do passado, com frequência peço ao aconselhado que escreva a respeito de sua família de origem em forma de história "Minha vida na Família _____". Desenhos também podem ser úteis. Por exemplo, peça ao aconselhado que desenhe um quadro que represente o relacionamento em sua família de origem. Durante o encontro seguinte, ele pode explicar e interpretar o quadro.

Uma de minhas tarefas preferidas para colher dados é aquilo que chamo de "O Grande Quadro" (veja na página seguinte). Como introdução a esta tarefa prática, abro com o aconselhado Lucas 6.43-45 e apresento-lhe o conceito de "fruto e raízes".

---

[9] MACK, Wayne. *Tarefas práticas para uso no aconselhamento bíblico.* 2. ed. São José dos Campos, SP: Fiel, 1992.

Lucas 6.43-45

"O Grande Quadro"

SITUAÇÃO:

O QUE ESTÁ ACONTECENDO? (Circunstâncias, comportamento de outras pessoas)

FRUTO:

COMO VOCÊ ESTÁ RESPONDENDO À SITUAÇÃO? (emoções, ações, reações)

RAÍZES:

O QUE VOCÊ PENSA A RESPEITO DA SITUAÇÃO? (o que pensa a respeito de Deus, de você mesmo, de outros, da vida)

O QUE VOCÊ QUER? (alvos, desejos, exigências)

Esclareço que não quero que o aconselhamento se concentre em olhar apenas para as situações e as dificuldades, para outras pessoas ou para o comportamento. Quero que guardemos distância e olhemos para o grande quadro: situação, fruto e raízes. Para isso, peço que o aconselhado responda às quatro perguntas que aparecem na folha da tarefa prática. Você pode fazer cópias desta página ou adaptar às necessidades do seu aconselhado.

Escrever uma carta pode ser um instrumento de ajuda para fazer com que o aconselhado expresse honestamente o que está acontecendo. Não se trata de uma carta para enviar a alguém. Ela é escrita unicamente com o propósito de coletar dados. É um meio de fazer com que o aconselhado coloque no papel os seus planos, e funciona bem quando ele está lutando com determinado relacionamento. Eu lhe peço que escreva "a carta dos seus sonhos", sendo honesto acerca de seus pensamentos e sentimentos com respeito àquele relacionamento. Por razões óbvias, é muito importante que esta carta não seja enviada. Ela é de uso do conselheiro e do aconselhado como meio de coletar dados sobre os verdadeiros desejos e intenções do aconselhado.

Cláudio, um rapaz solteiro de vinte anos, bastante irado, escreveu uma carta para sua mãe conforme lhe pedi. Foi uma carta de dez páginas! A carta foi muito útil para mim como instrumento para eu conhecer o que motivava Cláudio. Mas algo mais aconteceu: Cláudio passou a se conhecer melhor quando viu algumas coisas escritas no papel. A carta e algumas perguntas que eu lhe fiz a partir daquele texto começaram a abrir janelas para que Cláudio conhecesse melhor a si mesmo e ganhasse algumas convicções. A tarefa de coleta de dados conduziu Cláudio ao primeiro passo para a mudança: "Eu sou uma pessoa irada. Como posso mudar?".

As tarefas práticas oferecem oportunidade para manter a continuidade da coleta de dados, mesmo fora do escritório de aconselhamento. Elas envolvem o aconselhado em um processo ativo de autoexame. As tarefas práticas mantêm o aconselhado envolvido no aconselhamento, não apenas no processo de ser conhecido por outra pessoa, mas assumindo responsabilidade por um autoexame e aprendendo a ver a si mesmo sob uma nova perspectiva bíblica.

Confrontação e consolo

Alvo: ajudar o aconselhado a olhar para si mesmo biblicamente e acolher as promessas de Deus.

Devido ao engano do pecado, todos nós precisamos ser confrontados. Devido ao poder do pecado e ao estado de culpa e miséria a que ele conduz, todos nós precisamos do consolo que há em Cristo. Precisamos de pessoas que levem a sério o chamado de Deus para "falar a verdade em amor". Confrontação passou a ser um nome feio em nossa cultura, ganhando a conotação de aspereza. Mas as Escrituras apresentam a confrontação como um ato de amor: palavras amorosas, perceptivas e sinceras, motivadas pela necessidade do meu próximo e não pela minha conveniência.

Semelhantemente, consolo e encorajamento adquiriram conotações enganosas: tolerância irrestrita, relatividade, afirmação plena, reforço de autoestima, aceitação incondicional. Mas o consolo bíblico é cheio de verdade, baseado no evangelho do Salvador crucificado e no poder do Espírito Santo para nos transformar.

Três aspectos de como falar a verdade biblicamente devem guiar o seu pensamento

a respeito do processo confrontação-consolo e do uso de tarefas práticas como parte deste processo. Primeiro, promova o engajamento de seu aconselhado. Segundo, mostre e ofereça a Palavra de Deus. Terceiro, coloque à prova as questões do coração bem como as de comportamento.

Em primeiro lugar, como podemos engajar o aconselhado, visto que ele pode ser alguém que resiste à verdade? 2Samuel 12.1-25 nos fornece um exemplo. O profeta Natã confrontou Davi por seu adultério e homicídio. Preste atenção à metodologia que Natã usou para confrontar: ele estabeleceu primeiramente um diálogo, em lugar de colocar Davi imediatamente na área de defesa. Sua história engajou a consciência de Davi, penetrando os muros do autoengano e proteção. Natã, então, disse: "Você é o homem". Esta confrontação franca e oportuna não encontrou uma atitude defensiva nem desculpas. Os Salmos 32 e 51 retratam a dinâmica interior da resposta de Davi expressando arrependimento diante da confrontação habilidosa de Natã.

Natã foi um confrontador habilidoso, em tempo oportuno. Ele não ofereceu a Davi uma mensagem de aceitação incondicional, tolerância ou desenvolvimento da autoestima. Mas ele amou Davi e levou a ele a esperança de Deus: "o SENHOR te perdoou o teu pecado; não morrerás". Davi creu de todo coração. Mais tarde, Natã entregou a Davi outra mensagem de consolo da parte de Deus: "O SENHOR ama Salomão". Portanto, Salomão ganhou um segundo nome, Jedidias, "amado do SENHOR".[10] Os Salmos 32 e 51 retratam a fé de Davi nas promessas de graça que Natã lhe ministrou. A confrontação e o consolo que você oferece no aconselhamento podem se beneficiar do modelo interativo de Natã.

O segundo aspecto do processo bíblico de confrontação-consolo é encontrado no primeiro capítulo de Tiago: mostre os padrões de Deus e ofereça as promessas de Deus. O texto de Tiago 1.22-24 compara as Escrituras a um espelho, descrevendo maravilhosamente o papel da confrontação no aconselhamento bíblico. Na fase do aconselhamento em que "falo a verdade", quero ajudar os aconselhados para que possam ver a si mesmos refletidos com exatidão na Palavra de Deus. Com frequência, eles têm se olhado em espelhos deformadores, espelhos do autoengano ou da opinião de outros. Desta forma, têm uma visão distorcida de si mesmos. A confrontação coloca diante do aconselhado o espelho da Palavra de Deus para que ele possa ver a si mesmo como de fato é. Os conselheiros bíblicos efetivos nem sempre precisam usar palavras de repreensão. Eles levantam o espelho, usando as Escrituras de forma tal que a Palavra de Deus penetre a cegueira e convença. Um autoconhecimento verdadeiro conduz ao arrependimento verdadeiro e à confissão.

Tiago 1 contém também consolo em abundância.[11] O âmago do consolo bíblico não é uma afirmação humana para elevar a autoestima— um substituto fraudulento do mundo: "Estou a seu favor. Eu acredito em você. Você está ok". O consolo, assim como a confrontação, vem de Deus. Se a confrontação levanta o espelho de Deus, o consolo oferece as promessas de Deus. "Se alguém de vós necessita de sabedoria — se a sua estultícia e o pecado vêm a tona quando você é provado — peça sabedoria a Deus, que dá generosamente e não o repreende

[10] 2Samuel 12.24-25

[11] Por exemplo, versículos 2-5, 12, 17, 18, 25

por precisar da ajuda que apenas Ele pode dar." Esta é uma promessa que os aconselhados podem acolher como encorajamento e colocar em ação.

O terceiro aspecto crucial da fase do aconselhamento que chamamos de confrontação-consolo também está presente em Tiago 1. Os versículos 14 e 15 mostram como os desejos pecaminosos geram um estilo de vida pecaminoso, que resulta na miséria da maldição de Deus. Sílvia, Francisca e Antônio, Juliana e Roberto, todos eles experimentaram tristeza e confusão. Todos eles se expressaram por meio de pecados específicos em suas atitudes, ações e palavras. Todos eles se afastaram de Deus em seu coração, servindo a crenças falsas e à cobiça da carne. Você precisa expor estas questões do coração bem como os comportamentos resultantes.

Qual o plano de Deus para estas vidas? Considere Joel 2.12-13:

> Convertei vos a mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns, com choro e com pranto. Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei vos ao SENHOR, vosso Deus, porque ele é misericordioso, e compassivo, e tardio em irar se, e grande em benignidade.

O profeta refere-se ao costume do Antigo Testamento de rasgar suas roupas em sinal de luto. Vestimentas rasgadas eram um sinal exterior de uma resposta do coração. Deus não quer "arrependimento" apenas no comportamento, mas arrependimento que começa com e flui do coração que retorna a Ele. Deus quer reconquistar e controlar o coração do seu aconselhado, mudando o estilo de vida. O consolo oferecido pelo aconselhamento convida as pessoas a voltarem ao Deus misericordioso de todo seu coração. A verdade falada no aconselhamento deve se dirigir ao coração bem como ao comportamento.

O aconselhamento precisa ser interativo, bíblico e penetrante. Como as tarefas práticas podem ajudar? As tarefas que peço nesta fase do aconselhamento pertencem a duas categorias: tarefas de instrução e tarefas de autoconhecimento. Vou tratar de ambas, e dar alguns exemplos.

Uso as tarefas de instrução porque muitos dos meus aconselhados não receberam ensino suficiente. Eles não conhecem ou não entendem conceitos fundamentais, categorias, princípios, mandamentos e promessas da Palavra de Deus. Entender a verdade é vital para que o aconselhado interprete e responda à vida biblicamente, por isso preciso ensinar à medida que confronto e ofereço consolo.

A tarefa "O Que é a Vida Cristã?" (veja na página seguinte) é um exemplo de tarefa prática que instrui o aconselhado. Ela é especialmente encorajadora em seu ensino e também desafia sugestivamente os aconselhados. Na verdade, o aconselhamento bíblico não faz uma grande divisão entre confrontação e consolo; os dois trabalham lado a lado para completar os propósitos de Deus.

Por que um estudo como este pode ser útil? Muitos aconselhados não entendem os pontos básicos do processo de santificação progressiva: "Deus está operando em sua vida. O discípulo percorre um caminho de transformação progressiva — ele não é ainda perfeito, pode errar, mas está sempre crescendo na fé e na obediência". Poucos entendem que a vida cristã é um processo de mudança, não de perfeição nem derrota. Muitos aconselhados procuram algum "segredo" da vida cristã para remover a luta, enquanto simplesmente desistem de mudar e se entregam a um caminho de pecados e miséria. Enquanto alguns nunca ouviram

O Que é a Vida Cristã?

1. Estas perguntas refletem diferentes perspectivas da vida cristã:
   a. Você acredita na existência de um "segredo" para a vida cristã, que põe fim às lutas e faz com que a vida corra mais facilmente?
   b. Você já se resignou com o fato de ser um fracasso como cristão, pois lhe parece muito difícil mudar?
   c. Você já se tornou um "discípulo", alguém que está mudando de modo consciente, aprendendo a pensar e a agir à semelhança de Cristo em cada situação da vida?
   d. Quando você se torna ciente de falhas em sua vida, você as trata como uma grande crise, seja para se desculpar, para se desesperar ou para procurar perfeição e livramento instantâneos?

2. Leia esta descrição da vida cristã normal:

   Esta vida, portanto, não é retidão,
   mas crescimento em retidão,
   não é saúde, mas cura,
   não é ser, mas se tornar,
   não é descanso, mas exercício.
   Ainda não somos o que viremos a ser,
   mas estamos crescendo nesta direção;
   o processo ainda não está concluído,
   mas em andamento;
   este não é o fim, mas o caminho.
   Nem tudo já refulge em glória,
   mas tudo está sendo purificado.
   Martinho Lutero

   a. A que se assemelha a vida?
   b. Quais as promessas reafirmadas para o presente e o futuro?
   c. Esta visão condiz com a sua visão da vida cristã? No que você foi desafiado? De que forma foi encorajado?
   d. Em que pontos específicos você precisa mudar?

3. Lutero escreveu estas palavras como resultado de seu estudo da Palavra. Estude as seguintes passagens das Escrituras: Tiago 1.2-5; Filipenses 1.6, 1.9-11, 2.12-13; 2Pedro 1.3-11. Para cada um dos texto, faça as mesmas perguntas que fez para a citação de Lutero.
   a. A que se assemelha a vida?
   b. Quais as promessas reafirmadas para o presente e o futuro?
   c. Esta visão condiz com a sua visão da vida cristã? No que você foi desafiado? De que forma foi encorajado?
   d. Em que pontos específicos você precisa mudar?

que o senhorio de Cristo abrange todos os crentes, e não apenas uma elite que deu um segundo passo de consagração, outros ainda nunca compreenderam que Deus nos salvou não apenas da condenação do pecado (justificação), mas também do domínio do pecado (santificação e discipulado). A citação de Lutero e os textos bíblicos são simultaneamente um chamado a despertar, um desafio e um encorajamento. Use a folha "O Que é a Vida Cristã" para um estudo pessoal e também para auxiliar as pessoas que você aconselha, ou adapte as perguntas para que sejam apropriadas a cada caso.

Os sistemas de pensamento não-bíblicos devem ser substituídos por uma visão da vida distintamente bíblica. Costumo pedir como tarefa, vez após vez, o seguinte estudo:

1. O que as Escrituras dizem a respeito do coração? (Pv 4.23; Lc 6.43ss.; Tg 4.1-5)
2. O que é idolatria? (Ez 14.1-6; Rm 1.18-32; 1Co 10.1-14; Ef 5.3-7)
3. Qual é a sua nova identidade em Cristo? (Rm 6.1-14; Efésios; 2Pe 1.3-9)
4. Quem é Deus e como Ele está agindo? (Sl 34; Sl 46; Is 40; Rm 8)
5. Como você deve entender as provações e o sofrimento? (Rm 5.1-5; Tg 1.1-8; 1Pedro)
6. O que você deve fazer quando outros pecam contra você? (Mt 5; Mt 18.15-35; Rm 12.9-21)

Esta lista não esgota o assunto, mas exemplifica o tipo de tarefa prática instrutiva que pode ser pedida durante a fase de confrontação-consolo. Estas tarefas permitem usar o tempo do aconselhamento com maior eficiência, pois o aconselhado já vem ao nosso encontro com o estudo dirigido feito sobre as verdades cruciais que precisam ser discutidas durante nosso tempo juntos e incorporadas em sua vida.

O segundo tipo de tarefa prática de confrontação-consolo que costumo usar são tarefas de autopercepção. Elas focalizam as questões do coração, visto que o coração modela o comportamento. A luta com o engano do pecado acontece no interior do homem, bem o como o arrependimento e a fé.

Uma tarefa que dou com frequência vem de Tiago 4.1-6. Tiago afirma que os conflitos interpessoais têm como causa os desejos que governam o coração - as pessoas dirigem-se uma às outras com determinada intenção, com exigências expressas ou não. Peço ao aconselhado que responda por escrito à seguinte pergunta: "O que eu realmente quero obter na vida?" ou "O que realmente quero das pessoas ao meu redor?" Em seguida, peço-lhe que liste como estes desejos têm afetado os seus relacionamentos. Uma forma de fazer a pergunta é: "Como as intenções do seu coração (desejos dominadores) moldaram a sua maneira de sentir e agir para com outros?".

Obviamente, o alvo desta tarefa é levar o aconselhado a reconhecer os ídolos do coração que persistem em distanciá-lo do comportamento que Deus exige. Muitos aconselhados não discutem a lógica do seu comportamento. Na verdade, eles nem pensam que o comportamento tem um sentido, ou seja, que nossas ações expressam os pensamentos e intentos do coração. Por isso, costumam pensar que não têm escolha a não ser fazer aquilo que estão fazendo. Quando os aconselhados entendem que há escolha, a promessa de Tiago 4.6 ganha sentido: "Antes, ele dá maior graça; pelo que diz: Deus resiste aos soberbos, mas dá graça

aos humildes". O conhecimento de si mesmo e o conhecimento de Deus conduzem a um encontro com Deus (Tg 4.7-10).

Quero ajudar os aconselhados a pensar nas motivações. Quero ajudá-los para que sejam capazes de falar a partir do coração. Um instrumento para isso é a tarefa "Respostas às Situações da Vida" (página seguinte), em que escrevo um parágrafo ilustrativo de um problema enfrentado pelo aconselhado e, em seguida, peço ao aconselhado que reaja à minha ilustração, listando cinco possíveis respostas acompanhadas da razão por que alguém escolheria cada uma delas. Esta última parte da tarefa ajuda-o a reconhecer a natureza estratégica do comportamento. Peço-lhe então que aponte para as características da sua resposta a uma determinada situação com que estamos lidando no aconselhamento e examino o que isso revela sobre os desejos e propósitos do seu coração.

O estudo de narrativas bíblicas pode ser de ajuda nisto, e pode ser facilmente incluído na tarefa "Respostas às Situações da Vida". Peço ao aconselhado que examine a resposta de um personagem bíblico diante de determinada situação - Jonas; Moisés em Números 11; Gideão em Juízes 6; Pedro em Gálatas 2; Herodes em Marcos 6; Ester em Ester 4-5 - e depois procure pistas do que estaria motivando tal resposta. Esta tarefa prepara o terreno para o desafio de responder de modo piedoso, motivado por gratidão a Deus e preocupação com a glória de Deus.

Outra tarefa que uso com frequência a esta altura do aconselhamento baseia-se em Mateus 22.37-40. Costumo preparar o aconselhado conversando sobre o texto bíblico durante o encontro. Peço ao aconselhado que medite nos dois grandes mandamentos e em como eles estabelecem um plano para lidar com as diversas situações de vida e os relacionamentos diários. Em seguida, ele deve fazer duas listas com os seguintes títulos: "Se eu amar a Deus verdadeiramente, acima de tudo mais, eu irei..." e "Se eu amar ao meu próximo verdadeiramente, como a mim mesmo, eu irei..." Na semana seguinte, conversamos sobre as listas e as mudanças específicas que elas exigem.

O alvo da fase de confrontação-consolo é o verdadeiro arrependimento que inclui pensamentos, motivações e comportamentos. O conselheiro bíblico precisa traçar tarefas que engajem o aconselhado no processo de autoexame à luz da Palavra, conduzindo a uma confissão sincera a Deus, à aceitação de Cristo como modelo e mudanças práticas no estilo de vida.

Ação

Alvo: Ajudar o aconselhado a aplicar às situações específicas da vida as verdades aprendidas a respeito de Deus, de si mesmo e de outros, fazendo as correções necessárias com base na Bíblia e adquirindo novos hábitos bíblicos.

O aconselhamento não acaba no momento em que o aconselhado adquire *insight* sobre a situação. A percepção que ele ganha de si mesmo à luz da Palavra de Deus é a base para as mudanças fundamentais que devem acontecer em sua vida. As Escrituras têm um propósito funcional: que o aconselhado seja "perfeitamente habilitado para toda boa obra". O conselheiro bíblico precisa permanecer alerta à medida que o aconselhado começa a aplicar o que aprendeu às realidades frequentemente duras da vida diária.

A esta altura do aconselhamento, várias coisas significativas já foram aprendidas e precisam ser aplicadas. A descrição de trabalho do conselheiro é variada. Primeiro, ele funciona como um *guia espiritual,* ou pastor de almas, dirigindo o aconselhado no processo de aplicar verdades que talvez sejam novas

Respostas às Situações da Vida

Leia cuidadosamente a história abaixo.
(O conselheiro escreve uma história ilustrativa, relacionada a uma situação vivida pelo aconselhado).

Liste cinco possíveis reações que alguém poderia ter à situação acima e, para cada resposta, estabeleça uma razão ou o propósito a alcançar.

REAÇÃO	RAZÃO
1.	1.
2.	2.
3.	3.
4.	4.
5.	5.

COMO VOCÊ REAGIU QUANDO _____?

O QUE ISSO LHE REVELA A RESPEITO DOS DESEJOS E PROPÓSITOS DO SEU CORAÇÃO?

para ele. Em seguida, o conselheiro funciona como um *amigo,* oferecendo consolo, apoio e encorajamento enquanto o aconselhado procura lidar com as velhas pressões de um modo novo. Terceiro, o conselheiro funciona como *pastor,* chamando o aconselhado à responsabilidade diante dos padrões de Deus nos momentos em que surge a tentação de voltar atrás ou desistir. Quarto, o conselheiro funciona como uma *sentinela,* ciente da realidade da tentação, advertindo o aconselhado dos ataques do inimigo e ajudando a traçar meios de defesa contra as estratégias inimigas. Quinto, o conselheiro funciona como *professor.* As aulas não acabam quando o discípulo ganha novos *insights* bíblicos. A vida real é a aula prática, o laboratório. O professor precisa reforçar com continuidade as verdades que foram aprendidas.

Quero lançar mão destas cinco funções como estrutura para que examinemos os tipos de tarefa prática apropriados para a fase de ação no aconselhamento.

1. Guia espiritual

O aconselhado deve traçar um *Plano Pessoal* bíblico. Primeiro, eu peço que ele estabeleça *alvos* em áreas onde precisam ocorrer mudanças. O aconselhado precisa perguntar a si mesmo: "Onde Deus está querendo ver mudanças na minha vida diária?" (por exemplo, mudança em hábitos, mudança nos relacionamentos, mudança em situações específicas da vida). Segundo, peço ao aconselhado que liste abaixo de cada alvo maneiras específicas de alcançá-lo, criando uma *lista de tarefas estratégicas.* As mudanças a serem instituídas têm um propósito: aproximar o aconselhado dos alvos de Deus. Terceiro, peço ao aconselhado que priorize os alvos e as tarefas listadas debaixo de cada alvo. No encontro seguinte, trabalhamos no aprimoramento do plano para que o aconselhado o coloque em prática.

Outra maneira de ajudar um aconselhado a manter o foco certo na fase de ação do aconselhamento bíblico é trabalhar aspectos do despojar-se e revestir-se. Quero que o aconselhado pergunte a si mesmo: "Que aspectos de minha vida — hábitos pessoais, relacionamentos e situações do cotidiano — precisam ser abandonados? O que não estou fazendo, mas agora preciso me comprometer a fazer?". Peço esta tarefa prática ao aconselhado porque quero que ele assuma responsabilidade por esse tipo de autoexame bíblico e planejamento. Planos específicos conduzem a obediência específica.

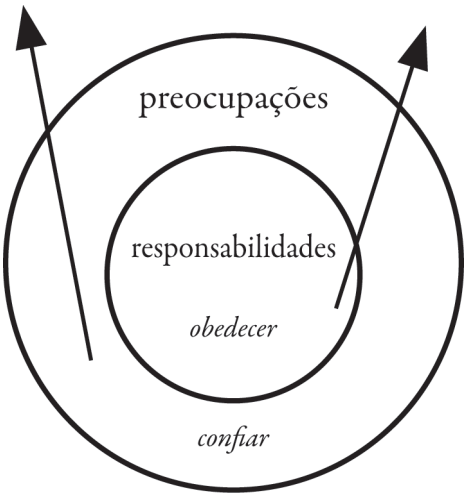
Definir as responsabilidades também é muito importante. Vários aconselhados estão confusos sobre quais são ou deixam de ser as suas responsabilidades. Para esclarecer esta questão, uso a tarefa prática "Esclarecendo as Responsabilidades" (veja na página seguinte), baseada no chamado de Deus para "confiar e obedecer". A maioria das pessoas às quais aplico esta tarefa reconhecem sua utilidade. Para apresentar o assunto de maneira simples, costumo dizer: "Na vida de cada um de nós é possível identificar dois círculos — um círculo limitado de responsabilidades e um círculo mais amplo de preocupações. Nosso círculo de responsabilidades contém todas as coisas que Deus nos manda fazer e às quais cabe-nos simplesmente obedecer. Não podemos transferir estas responsabilidades para mais ninguém. São ordens que recebemos de Deus nas situações em que Ele nos coloca pela Sua soberania. O segundo círculo é o das preocupações. Este reúne coisas que são importantes para nós e parte das nossas preocupações diárias, mas que não são nossa responsabilidade em termos de execução nem estão debaixo do nosso controle.

Esclarecendo as Responsabilidades

Preocupações que fazem parte de minha vida, mas que escapam à minha esfera de responsabilidade. Estas coisas eu devo entregar a Deus.

Responsabilidades que Deus atribui a mim e que, portanto, não podem ser transferidas para ninguém mais.

1 1
2 2
3 3
4 4
5 5
6 6
7 7
8 8
9 9
10 10



Mudanças que preciso fazer:

São coisas que precisamos entregar a Deus. Quero que você considere tudo quanto faz parte da sua vida e coloque cada aspecto no círculo apropriado".

Este método tem-se provado simples e útil para esclarecer as questões de responsabilidade. Ele também esclarece a causa de pecados como ira, ansiedade, medo, manipulação, passividade e outros mais: tentar controlar aquilo que somos chamados a entregar e fracassar em agir onde somos chamados a obedecer resulta em toda sorte de problemas.

Uma das maneiras de preparar o aconselhado para esta tarefa é orientá-lo no estudo de Romanos 12.17-21. Paulo fala sobre as circunstâncias em que outros pecam contra nós, e faz uma distinção entre a responsabilidade de Deus e a nossa: não é nossa tarefa pagar mal por mal, pois a vingança pertence a Deus. Nossa tarefa é vencer o mal com o bem. Paulo diz: "Dê lugar à ira de Deus". O que ele está dizendo é: "Não tente fazer o trabalho de Deus; fique fora disso. Entregue a vingança a Deus e faça aquilo que Ele claramente exige de você". Paulo também diz: "O quanto depender de você, tenha paz com todos os homens". Sua tarefa é ser um pacificador, mas você não é responsável por mudar as outras pessoas ou transformar um inimigo em amigo. Você precisa entregar a Deus o resultado dos seus esforços — sejam estes resultados bons ou maus. Este texto bíblico provê uma maneira simples de preparar o aconselhado para a tarefa de identificação de responsabilidades. Use a tarefa conforme proposta ou adapte-a àqueles que você está aconselhando.

2. Amigo

A ênfase aqui é encorajar e apoiar o aconselhado com a verdade bíblica durante o trabalho árduo de aplicação prática. Em geral, peço que o aconselhado faça estudos dirigidos de passagens das Escrituras que destacam sua identidade como filho de Deus, a esperança do evangelho, as promessas de Deus, os recursos que Deus providenciou, o poder que Deus deu para mudar e obedecer, o ministério atual do Espírito Santo, uma perspectiva das lutas atuais tendo em vista a eternidade, e o poder de Deus sobre o maligno. Preparo as tarefas de acordo com as necessidades específicas de cada aconselhado, entrego a ele para que leve para casa e trabalhe durante a semana, e então discutimos juntos o assunto no início do encontro seguinte.

3. Pastor

Em Hebreus 13, o pastor é descrito como alguém que "vela" pelo rebanho de Deus "como quem deve prestar contas". Aconselhar é mais que advertir. Aconselhar tem uma função pastoral. Devo prestar contas pessoalmente perante Deus das pessoas que ele colocou sob os meus cuidados. O pastor não apenas oferece a verdade ao povo de Deus, mas ele chama à responsabilidade de crer e obedecer. No papel de pastor, costumo pedir dois tipos de tarefas práticas. A primeira é uma tarefa de avaliação:

- O que aprendi (a respeito de Deus, da minha pessoa, de outros, da vida, do evangelho, da minha situação de vida etc.).
- O que preciso aprender (áreas de dúvida ou confusão).
- O que já mudou (mudanças específicas que aconteceram).
- O que ainda precisa mudar.
- O que estou fazendo para atingir aqueles pontos da minha vida onde mudanças ainda são necessárias.

Mais uma vez, uso o formato de tarefa-discussão-ação que já mencionei várias vezes.

A segunda tarefa que uso é o diário. Apresento a tarefa ao aconselhado com as mesmas cinco perguntas que descrevi anteriormente. Elas funcionam muito bem, tanto para a avaliação como para a prestação de contas. Comparar este diário com aquele que foi feito no início do aconselhamento resulta em encorajamento. O aconselhado pode louvar de coração a Deus e reconhecer a necessidade de constância, disciplina e ainda outras mudanças.

4. Sentinela

Aqui o conselheiro tem duas funções principais. Primeiro, a sentinela adverte. Quero manter o aconselhado alerta aos ataques do inimigo. Segundo, a sentinela protege. Quero ajudar o aconselhado a planejar uma defesa apropriada contra estes ataques. Aqui está um exemplo de tarefa prática para estas funções:

- Advertência - uma tarefa que dou com frequência é listar os *pontos de pressão.* Quero que o aconselhado identifique onde as lutas estão acontecendo, e em que ele está sendo tentado a ceder. E quero que ele considere a razão de ser particularmente vulnerável nesses pontos. A discussão que resulta desta tarefa é muito útil para planejar a tarefa seguinte.

- Proteção - uma vez completada a tarefa de identificação dos *pontos de pressão,* costumo pedir ao aconselhado que trace um *plano para enfrentar a tentação* naqueles pontos onde os ataques costumam acontecer. Com frequência, depois que o aconselhado fez a tarefa e tivemos oportunidade de aprimorá-la juntos, peço que ele escreva os elementos mais importantes em cartões que possa carregar consigo e ter disponível nos momentos de tentação. O plano inclui três aspectos:

  - Coisas para pensar (textos e conceitos bíblicos importantes, advertências);
  - Ações a cumprir (coisas que precisam ser feitas para alcançar vitória sobre a tentação);
  - Uma pessoa a quem recorrer (alguém que concordou em estar disponível para apoio e encorajamento nos momentos em que for preciso).

5. Professor

Finalmente, assumo o papel de um professor que se movimenta em meio aos alunos reunidos ao arredor de uma mesa em um laboratório de ciências para guiar no trabalho aplicativo. O professor faz perguntas e observações que poderiam passar despercebidas aos alunos. E até mesmo ensina coisas novas, quando apropriado. Desta forma, como um "especialista no assunto", continuo a ensinar meus aconselhados à medida que eles aplicam aquilo que já aprenderam. Quero mencionar dois tipos de tarefas práticas ligadas ao ensino.

Em primeiro lugar, temos a *"tarefa de interpretação bíblica". O* propósito desta tarefa não é apenas ajudar o aconselhado a pensar biblicamente a respeito da vida, mas ajudá-lo também a aprender a desenvolver um entendimento e uma interpretação bíblica válidos a respeito daquilo com que deve lidar diariamente. Identificamos situações que ainda geram dúvidas e lutas. Encontramos passagens relevantes das Escrituras que resultam em tarefas. Peço ao aconselhado que faça quatro perguntas diante de cada texto bíblico:

- Como Deus descreve esta situação?
- Qual o propósito de Deus nesta situação?
- O que Deus quer que eu faça?
- Quais os recursos que Deus me dá para isso?

Uma vez feita a tarefa, lanço mão daquilo que ele aprendeu nas Escrituras e o ajudo a usar este conteúdo para interpretar a situação que ele está vivendo.

O segundo tipo de tarefa prática que dou no papel de professor é a *"tarefa assunto novo"*. Esta tarefa resulta da identificação de determinados assuntos que o aconselhado não entende biblicamente. Estes assuntos podem ser finanças, sexo, trabalho e profissão, igreja local, criação de filhos, comunicação, vida devocional etc. Preparo estudos dirigidos apropriados à maturidade do aconselhado, e quero que ele tenha algum trabalho de pesquisa antes de olharmos juntos para o assunto.

O alvo final do aconselhamento é agir, ou seja, fazer de fato o que Deus me chamou a fazer no lugar em que Ele soberanamente me colocou. Para o conselheiro, agir significa ser um guia espiritual, ser amigo, pastorear, proteger e ensinar. As tarefas práticas são uma das ferramentas que o conselheiro bíblico deve usar para alcançar seus alvos, e as razões para tanto deveriam estar claras. Se o aconselhamento deve se mover em direção à ação, as tarefas práticas produzem justamente isso. Elas exigem ação por parte do aconselhado. Elas exigem que ele assuma responsabilidade pelas mudanças em sua vida, e faça um trabalho árduo de investigação, estude, avalie, faça e refaça. Ao longo do processo, o aconselhado fortalece seus músculos espirituais e adquire disciplina.

É difícil exagerar quanto à importância que as tarefas práticas tiveram no aconselhamento de pessoas que Deus colocou no meu caminho como Sílvia, Francisca e Antônio, Juliana e João. As tarefas práticas não são artigo supérfluo. Não são um acréscimo ao processo normal de aconselhamento, mas uma parte vital do aconselhamento bíblico efetivo. Seja para construir relacionamentos, coletar dados, confrontar o pecado, oferecer consolo ou fazer aplicações concretas, as tarefas práticas são úteis. Elas mantêm o aconselhado ativo e com o foco nas Escrituras; elas chamam o seu coração ao engajamento e o fazem responsável pelo próprio comportamento. As tarefas práticas fazem com que o aconselhado tenha participação ativa durante todas as fases do aconselhamento. Elas reforçam o trabalho do conselheiro à medida que o aconselhado leva o conselheiro consigo para casa na forma de tarefas práticas produtivas, sábias e que honram a Deus. Jay Adams, falando sobre tarefas práticas disse:

Desde o começo eles (os aconselhados) são exortados a fazer o que Deus espera deles, à luz das Escrituras, e na dependência do poder do Espírito Santo. O conselheiro não faz o trabalho em lugar dos aconselhados. Ele os treina; ele é um pastor que conduz as suas ovelhas. Os aconselhados é que fazem o trabalho. O conselheiro insiste em que eles aprendam a "desenvolver a própria salvação" (solução), mediante obediência a Deus e dependência de Sua ajuda. A tarefa prática coloca a ênfase onde ela realmente cabe — na responsabilidade do aconselhado diante de Deus e do próximo.[12]

[12]ADAMS, Jay E. *The Christian counselors manual*. USA: Presbyterian & Reformed, 1973. p. 306-7.

Palavras que Edificam



Paul D. Tripp[1]

Eu estava no segundo grau e em meu primeiro emprego quando, pela primeira vez, enfrentei um grande problema fora do contexto familiar. Meus colegas de trabalho estavam roubando e causando prejuízos à firma. Eu sabia quem era o culpado, mas meu chefe não sabia. Eu não queria me envolver com o que estava acontecendo e, muito menos, queria ser culpado de algo que eu não havia feito. Embora eu soubesse que precisava falar com meu chefe e, possivelmente, com meus colegas de trabalho, eu estava com medo. Tomei coragem para conversar com meu pai sobre o que estava acontecendo e ele admitiu que eu precisava falar com as pessoas envolvidas. "Seja cuidadoso, filho. Escolha as suas palavra com cuidado", foi o que meu pai me disse. Uma maneira amável de dizer que eu precisava comunicar com propósito definido e domínio próprio.

O falar que edifica tem tudo a ver com a escolha cuidadosa das nossas palavras. Inclui não apenas as palavras que dizemos, mas também aquelas que deixamos de dizer. O falar que edifica diz respeito a estarmos preparados para usar as palavras certas, no momento certo, praticando domínio próprio. É não deixarmos que nosso discurso seja dirigido pela impulsividade e pelos desejos pessoais, mas comunicarmos tendo em vista os propósitos divinos. É colocarmos em prática a fé necessária para ser parte da obra que Deus está realizando naquele momento.

Quando as palavras destroem

Embora João e Beatriz fossem pessoas bastante perceptivas, eles nunca tinham sido capazes de resolver os problemas em seu relacionamento. Na época em que começamos a nos encontrar, as brigas conjugais eram intensas. Nos últimos dois anos, João havia saído de casa três vezes, por períodos que variaram de duas semanas a um mês. Beatriz havia saído uma vez para "férias prolongadas" na casa dos pais. Eu tinha diante de mim dois cristãos, casados há vinte anos, com uma compreensão sólida

[1]Tradução e adaptação de *Speaking Redemptively* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*. v. 16, n.3, Spring 1998, p. 10-18.

das Escrituras e boa percepção mútua, mas que ainda assim não sabiam resolver seus problemas pessoais.

Quando nos encontramos pela primeira vez, a tensão estava a ponto de gerar faíscas. Ou melhor, poderia mesmo provocar um incêndio! João estava tão irado que se levantou imediatamente após minha oração e disse: "Eu não sei o que estou fazendo aqui! Sei exatamente o que há de errado em nosso relacionamento. Já falei isso para Beatriz centenas de vezes. Ela se recusa a ouvir e se faz de vítima. Eu não tenho interesse algum em sentar-me aqui e repassar mais uma vez todas as coisas horríveis que aconteceram entre nós dois nos últimos vinte anos! Eu simplesmente não posso fazer isso!". Com estas palavras, ele saiu. Eu pedi licença a Beatriz e segui João até o carro para convencê-lo a voltar.

Havia muita verdade no que João disse. Ele realmente tinha uma boa percepção dos problemas do seu casamento, e já havia falado várias vezes com Beatriz sobre coisas que ela simplesmente se recusava a ouvir. Ela costumava assumir o papel de vítima nos momentos de confrontação. João tinha sido forçado, vez após vez, a repassar cenas horríveis ocorridas no relacionamento conjugal. E ainda assim, com toda esta análise e conversa, ele estava bem longe de ser um instrumento de mudança na vida de Beatriz. Na verdade, o fruto das palavras de João era uma esposa cada vez mais amargurada e que se fazia de vítima. Apesar de toda a sua percepção, ele nunca atuava como participante naquilo que Deus estava procurando fazer na vida de Beatriz. Muito pelo contrário, ele atrapalhava a ação do Senhor e dava grandes oportunidades para que Satanás agisse.

Tanto Beatriz quanto João haviam trazido para o casamento uma bagagem que contribuía para seus problemas. O pai de Beatriz era um homem tremendamente crítico e legalista. Beatriz presenciou sua mãe sendo agredida verbalmente à mesa do jantar, noite após noite, quando o pai criticava os trabalhos domésticos, a comida, o vocabulário, a aparência, e mesmo a sua voz ("esta ladainha estridente"). Várias noites Beatriz chorou até pegar no sono ou ficou pensando em como dar o troco ao pai por aquilo que ele fazia.

No início do namoro, João percebeu que Beatriz tendia a ser extremamente sensível e isto, algumas vezes, o irritava. Mas havia outras características em Beatriz que ele admirava, e então João tentou passar por cima deste aspecto. Ele não tinha uma idéia muito clara de que estava se unindo a uma mulher amargurada, autoprotetora, medrosa e determinada a fazer o que quer que fosse para se manter a salvo do "inferno" vivido pela mãe.

Os pais de João, por outro lado, tinham um relacionamento maravilhoso e expressavam regularmente o seu apreço um pelo outro. Quando discutiam, eles costumavam pedir perdão não somente um ao outro, mas também aos filhos que tivessem presenciado o desentendimento. Na família de João, os erros não eram considerados o fim do mundo, mas havia encorajamento para erguer-se e começar de novo. João sempre alimentou a esperança de ter um casamento como o de seus pais. Ele sonhava com aqueles bons momentos ao redor da árvore de Natal e, desta vez, ele estaria no papel de pai. Ele se casou com Beatriz com esta idéia em mente.

O casamento de João com Beatriz não foi um erro da soberania de Deus. Usar o relacionamento entre eles como canteiro de obras para o processo contínuo de santificação era parte do propósito sábio e redentor de Deus. No contexto deste relacionamento, os corações seriam expostos e transformados. Mas João não se casou tendo em vista o plano

redentor de Deus; seus olhos estavam voltados para os próprios sonhos. Beatriz também não se casou tendo em vista o plano redentor de Deus; seus olhos estavam voltados para os próprios temores. Sendo assim, quando João viu seu sonho desmoronar e Beatriz começou a ver seus temores se concretizarem, eles não reagiram com pensamentos nem palavras edificantes.

Sim, João sabia que Beatriz estava sempre pronta a identificar críticas em suas palavras, mesmo quando ele não as fazia. E Beatriz sabia que João estava sempre desapontado porque a família real não condizia com a família dos seus sonhos. Mas apesar de toda a percepção que tinham do problema, a situação entre os dois foi se agravando no decorrer dos anos. A conversa que girava em torno das dificuldades conjugais não fez nada além de acrescentar barreiras e maior sofrimento. Ao invés de exigir mudanças na vida um do outro, João e Beatriz precisavam aprender o que significava falar de modo edificante frente ao desapontamento, à dor, aos erros e ao pecado em experiências corriqueiras neste mundo caído.

Por que as palavras destroem?

Como podemos entender a falta de habilidade de João e Beatriz para resolver os problemas em seu relacionamento? Qual é o caminho de mudança para eles? O que significa para eles, e também para nós, "escolher as palavras certas" e falar "palavras que edificam"?

Há um texto na Epístola aos Gálatas que nos explica com clareza o relacionamento entre João a Beatriz. Este texto é seguido por outro que aponta o caminho de mudança. Ambos definem o que significa escolher nossas palavras para que façamos parte daquilo que o Senhor está operando na nossa vida e na de outros.

Para começar, vamos olhar para o que há de errado com João e Beatriz. Nossa ferramenta de diagnóstico é o texto de Gálatas 5.13-15.

> Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor. Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos.

As três partes em que este texto se divide podem nos ajudar a entender o que há de errado no relacionamento entre João e Beatriz, particularmente na área de comunicação.

1. "Não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros pelo amor".

Se você perguntasse a João e Beatriz se o relacionamento entre eles baseava-se em dar ocasião à carne, ambos responderiam com um forte "NÃO", mas estariam inteiramente errados. O relacionamento e a comunicação entre eles não eram moldados pela lei do amor. Faltava-lhes muito da postura de servo recomendada neste texto.

Eles não costumavam perguntar a Deus como poderiam ser um instrumento útil para encorajar um ao outro ou apoiar a obra de Deus na vida um do outro. Eles não pensavam em como "estimular um ao outro ao amor e às boas obras" (Hb 10.24) nem procuravam consolar, encorajar, admoestar e ensinar um ao outro. Eles não encaravam as dificuldades como oportunidades para ministrar a graça divina nem buscavam ajudar um ao outro a carregar os fardos

pessoais. Eles não escolhiam palavras que encorajassem unidade, amor e ministério mútuo. João e Beatriz simplesmente buscavam ser servidos - ele queria concretizar seus sonhos, enquanto ela queria distância de seus medos. Desta forma, nenhum dos dois estava procurando servir.

A esta altura, o texto de Gálatas é particularmente proveitoso, pois nos fala que o oposto de servir em amor não *é falta* de amor *e falta* de serviço, mas a prática de *dar ocasião à* natureza pecaminosa! Temos duas opções: vivemos como servos do Senhor, aceitando o Seu chamado para servir aqueles que estão ao nosso redor ou vivemos para satisfazer os desejos da natureza pecaminosa, esperando que os outros também colaborem para nossa satisfação. Embora discordassem inicialmente deste ponto de vista, João e Beatriz chegaram à compreensão de que tinham entrado no relacionamento conjugal centrados em desejos egoístas.

João estava correndo atrás do alvo de ter uma esposa e uma família perfeitas. Com isso, ele logo ficou nervoso e desapontado quando percebeu que Beatriz era um obstáculo que o impedia de alcançar seu alvo. Beatriz casou-se tendo como alvo pessoal a autoproteção. O relacionamento e a comunicação com João eram constantemente dominados pelo foco voltado para si mesma - "Como estou sendo tratada?". Movida por este alvo de autoproteção, ela analisava tudo quanto João dizia ou fazia e sempre conseguia encontrar algo que julgava ser insensível, crítico, negligente ou "abusivo". Desapontada, ela despejava então sua raiva contra João.

Tiago 4.1-2 explica como os desejos de João e Beatriz afetavam a dinâmica de seu relacionamento: "De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais e nada tendes." O relacionamento deste casal era um conflito constante porque o coração de ambos estava governado pelos desejos da natureza pecaminosa. Tiago fala sobre desejos que lutam no nosso interior, desejos que militam para estabelecer controle sobre pessoas, recursos, "territórios". A batalha entre o desejo de uma família perfeita e o desejo de autoproteção tomava conta do casamento de João e Beatriz. De acordo com a descrição de Tiago, o resultado eram contendas contínuas.

2. "Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

Este versículo também oferece *insights* significativos para o caso de João e Beatriz. O problema no relacionamento do casal não era essencialmente horizontal (pessoa/ pessoa), mas vertical (pessoa/ Deus).

Se alguém considera o viver para a glória de Deus como um alvo de vida mais importante do que buscar a realização pessoal, e se o seu amor a Deus está acima do amor a qualquer outra pessoa ou coisa e também do amor a si mesmo, então o seu objetivo prático será duplo: agradar a Deus em tudo quanto fizer e falar tudo quanto Ele mandar. E um fruto garantido deste compromisso de coração com o Senhor é amar ao próximo como a si mesmo. O primeiro grande mandamento sempre precede e determina o cumprimento do segundo - ninguém pode amar a seu próximo como a si mesmo se não amar acima de tudo a Deus.

Mais uma vez, o capítulo quatro de Tiago pode-nos ser útil. No versículo 4, em meio à sua argumentação sobre as causas e a solução do conflito humano, Tiago apresenta o conceito de adultério espiritual. O adultério ocorre quando o amor que foi

prometido a uma pessoa é dado a outra. O adultério espiritual se dá quando o amor que pertence a Deus é dirigido para algum outro aspecto do mundo criado (cf. Rm 1.25). Tiago diz algo extremamente proveitoso para que entendamos o relacionamento entre João e Beatriz: os conflitos humanos têm suas raízes no adultério espiritual! Quando o desejo de determinada coisa assume o lugar de Deus como força que controla o coração, o resultado será conflito em nossos relacionamentos. Os conflitos têm raízes verticais que frutificam na dimensão horizontal em lutas e contendas. O amor a Deus que nos faz desejar cumprir a Sua lei sempre resulta em uma expressão prática de amor para com o próximo.

3. "Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos".

Está última parte do capítulo 5 de Gálatas é uma descrição bem apropriada da comunicação diária entre João e Beatriz. Eles mordiam e devoravam um ao outro com palavras. Seu diálogo nunca era construtivo, fortalecedor ou encorajador. Muito pelo contrário, eles tinham habilidade para ferir um ao outro. João conhecia os pontos fracos e vulneráveis de Beatriz e atacava justamente estes pontos sempre que olhava para Beatriz como obstáculo no caminho para a realização de seu sonho. Beatriz sabia como ferir João: ela conseguia destruir a alegria ou esperança do esposo com algumas poucas palavras sagazes.

As palavras do casal eram cheias de crítica e condenação, manipuladoras, ameaçadoras, carregadas de julgamento, egoísmo, malícia, exigência, aspereza e vingança. Elas revelavam que uma mudança radical no vocabulário de João e Beatriz não era tão necessária quanto uma mudança radical em seu coração. Esta última é que alteraria profundamente a maneira de falarem um com o outro.

A questão principal não era o fato de terem entrado no casamento com problemas. Isto acontece com todos nós e, além do mais, problemas fazem parte do próprio projeto de Deus para o casamento. O mais importante dentre os relacionamentos humanos existe primeiramente não para o nosso prazer, mas como instrumento do processo contínuo de santificação que Deus está operando em nós, a fim de sermos para o louvor da Sua glória. Não é por acaso que o relacionamento humano mais significativo (o casamento) acontece em meio ao processo mais importante da vida (a santificação). Deus planejou que fosse assim, para a Sua glória e para o bem de Seus filhos!

Seria um erro dizer que o casamento de João e Beatriz chegou a este estado lamentável porque sobrevieram dificuldades fora do comum. O problema não estava em terem problemas. O âmago da questão era como os desejos do coração ditavam sua maneira de reagir um ao outro em meio aos problemas. Por estarem vivendo para si mesmos e não para Deus, eles mordiam e devoravam um ao outro até quase o ponto de se destruírem. João estava expressando dúvidas sobre a fidelidade e o amor de Deus, e Beatriz tinha deixado completamente de ir à igreja. A fé de ambos jazia ferida sob os destroços do conflito.

Hebreus diz que a Palavra é eficaz "para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12). Gálatas 5 tem exatamente este papel na vida de João e Beatriz, revelando que seu relacionamento não era governado pela lei do amor, mas pelos desejos da natureza pecaminosa. Visto Deus não estar no controle, eles viviam cada situação

procurando satisfazer os próprios sonhos, desejos e exigências. Irados e desapontados um com o outro, eles agrediam verbalmente um ao outro. Suas palavras dilaceravam o relacionamento porque a fé em seus corações estava dilacerada.

O uso de palavras edificantes em um mundo pecaminoso

João e Beatriz ajudam-nos a perceber que falar de modo edificante não é apenas uma questão de escolha superficial de palavras certas, mas de um coração fundamentalmente comprometido com a escolha de palavras que promovam a obra de Deus em determinada situação. Eles tinham perdido de vista a verdadeira batalha por trás das contendas humanas. Pensando que sua batalha fosse contra carne e sangue, lutavam um contra o outro para concretizar os sonhos que haviam conquistado o domínio do seu coração. Suas armas principais eram as palavras. O que representaria para João e Beatriz falar de modo edificante nesta situação?

Gálatas 5 oferece-nos ainda outras respostas proveitosas:

> Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne. Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei. Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam. Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito. Não nos deixemos possuir de vanglória, provocando uns aos outros, tendo inveja uns dos outros. Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. (Gl 5.16-6.2)

Esta passagem provê, passo a passo, um guia para descobrir o que significa o falar que edifica. Lembre-se de que dizer palavras que edificam não significa desconsiderar os problemas práticos da vida. Seria impossível ignorá-los, pois estão diante de nós diariamente. Pelo contrário, dizer palavras que edificam significa lidar com estes problemas de forma que promova os interesses do Rei, conforme veremos a seguir.

1. Falar o que edifica tem início com o reconhecimento da luta que há dentro de nós (veja versículos 16 e 17).

Enquanto o pecado ainda habitar em nós, haverá uma guerra em nosso coração (Rm 7.7-15; Ef 6.10-20; Tg 4.1-10). Devemos estar sempre cientes deste conflito, pois esquecer a presença e o poder do pecado que habita em nós leva-nos imediatamente a problemas em nosso falar. Este é o conflito verdadeiro, a base de qualquer outra batalha

que combatemos. Nunca devemos dar lugar à idéia de que nossa guerra principal é contra a carne e o sangue (veja Ef 6.10-12).

Nunca devemos nos permitir olhar para nosso cônjuge, pai, mãe, filho, irmão ou amigo como o inimigo. Quando agimos desta forma, nosso alvo logo passa a ser a vitória sobre quem está ao nosso lado, e o falar que edifica sai de cena. Há somente um inimigo que está conspirando, manipulando, tentando, enganado e usando disfarces para nos fazer esquecer da batalha verdadeira e para nos tentar a ceder aos desejos da natureza pecaminosa. Derrotamos a obra deste inimigo quando falamos uns com os outros motivados por uma consciência ativa da verdadeira batalha espiritual em nosso interior.

2. Falar o que edifica significa nunca ceder aos desejos da natureza pecaminosa em nossa conversação (veja versículo 16).

Todos nós lutamos contra uma variedade de desejos conflitantes. Quando algo dá errado, podemos ter o desejo de encontrar uma solução apropriada, de acordo com o propósito de Deus. Mas outros desejos também estão atuando. Talvez queiramos avaliar de quem é a culpa ou nos afastar da responsabilidade. Pode ser que sejamos levados pelo desejo de relembrar todas as outras vezes em que aquela pessoa falhou conosco ou fazer com que a pessoa sofra tanto quanto nós. Talvez queiramos compartilhar os erros desta pessoa com outra pessoa. Pode ser que fiquemos com ciúmes, achando que alguém mais está roubando a atenção que julgamos merecer. Podemos nos sentir amargurados e cheios de ódio para com alguém que tenha o costume de falhar conosco regularmente. Podemos ficar cheios de raiva.

Falar o que edifica significa dizer não para qualquer comunicação que flua destes desejos. O falar edificante não começa pela avaliação da situação, das necessidades da(s) pessoa(s) com quem precisamos falar nem de trechos das Escrituras que possam nos dar discernimento quanto àquilo que devemos dizer. Não. Falar o que edifica tem início com um *autoexame.*

3. Falar o que edifica significa recusar-se a dizer qualquer palavra que seja contrária ao que o Espírito está procurando produzir em mim e nos outros (veja versículos 16-18).

Como cristão, o que há de mais importante em minha vida é a conclusão da obra de Deus em mim e nos outros "para o louvor da Sua glória". Em momento algum eu quero impedir a obra de edificação de Deus nos menores detalhes da vida. Reconheço que, no final das contas, estes momentos não pertencem a mim, mas a Ele. São laboratórios onde Ele opera a Sua obra de santificação. Minha tarefa é ser um instrumento útil nas mãos dAquele que produz a edificação. Todas as vezes que eu falo com base nos meus desejos pecaminosos, estou comunicando de modo contrário àquilo que o Espírito Santo está procurando produzir em mim.

4. Falar o que edifica envolve disposição para examinar como as obras da carne estão presentes na minha fala (veja versículos 19-21).

Se estou procurando viver de modo coerente com a obra do Espírito em mim, sem dar lugar ao inimigo, eu devo estar disposto a examinar minha fala com o espelho da Palavra de Deus. Quero que "as palavras

da minha boca e o meditar do meu coração" sejam agradáveis aos olhos do Senhor (Sl 19.14). Procuro identificar as palavras de inveja, ciúme, orgulho, facção, dissensão e divisão. Também procuro identificar as palavras de cólera, raiva, malícia e ódio, e ainda as palavras de egoísmo, justiça própria, autoproteção e defesa, bem como aquelas que evidenciam impaciência, irritação, falta de perdão, longanimidade e bondade. Procuro identificar um falar que seja ríspido ou materialista.

Não examino a mim mesmo com uma atitude de autocrítica mórbida que tende ao desalento. Eu me examino com alegria, reconhecendo que pela presença do Espírito Santo que habita em mim, eu não sou obrigado a viver debaixo do controle da natureza pecaminosa (Rm 8.5-11). Com alegria, eu busco agradá-lO em todos os aspectos, em todas as situações! Quero falar de modo digno da vocação a que fui chamado (Ef 4.1).

5. Falar o que edifica significa dizer "não" a qualquer racionalização, transferência de culpa ou discussão egoísta que possa servir de desculpa para um falar contrário à obra do Espírito Santo ou que possa fazer com que este falar pareça apropriado ou aceitável para um crente (veja versículos 19-20).

Eu era um jovem pastor de uma pequena congregação que lutava para sobreviver, necessitada de muito aconselhamento. Parecia-me impossível ter um momento quieto em casa sem que alguém não me telefonasse em meio à maior e mais recente crise. Eu temia ouvir o telefone tocar à noite e temia ainda mais ouvir as palavras "Paul, é para você". Embora eu não percebesse isto, cada vez mais eu olhava para determinadas pessoas da igreja como obstáculo para aquilo que eu queria, ao invés de vê-las como objeto do chamado que eu havia tão alegremente recebido do Senhor. Posso me lembrar de ocasiões em que recebia telefonemas e perguntava à minha esposa "Quem *é agora*?!*"*. Mas em seguida, respondia com um "Alô" amigável e pastoral.

Um sábado à tarde, eu estava em casa com minha esposa e filhos, gozando momentos de descontração, quando recebi uma ligação de um jovem desesperado. Ele já andava desesperado há muito tempo e parecia ter o dom de me ligar nos momentos errados. Estava sempre desanimado, sempre pedindo ajuda, embora sempre oferecesse resistência ao auxílio que lhe era oferecido. Nada parecia funcionar para ele; dizia ter tentado de tudo, sem obter benefício algum. Ele estava agora em um dos hotéis de baixa categoria da cidade, dizendo que daria fim à sua vida de uma vez por todas e cometeria suicídio antes do fim dia a não ser que encontrasse uma razão para viver. Eu descobri onde ele estava, pedi a minha esposa que orasse, e entrei no carro para ir falar com ele.

Orei pelo caminho, e sabia que minha esposa estava orando, mas havia uma batalha dentro de mim. Meus desejos eram conflitantes! Eu realmente não gostava daquele rapaz - não gostava da sua postura, da voz lamurienta, da necessidade que ele tinha de ser o centro das atenções. Eu odiava o modo como ele havia desprezado cada conselho que eu havia lhe oferecido, e estava ressentido do tempo que ele havia roubado da minha família e de outras áreas do meu ministério. Agora eu estava com raiva de ter que ir ajudá-lo mais uma vez. Enquanto eu dirigia, meus pensamentos agitavam-se em uma guerra entre preocupação pastoral e ressentimento pessoal.

Cheguei ao hotel, e nos sentamos em um cômodo com aspecto sujo, cheirando a cigarro e suor. Ele despejou a ladainha de reclamações costumeiras, e eu comecei a responder com verdades bíblicas. Foi então que ele me interrompeu e disse: "Você não vai pregar o mesmo sermão de novo, não é mesmo? Você não tem nada novo para me dizer?". Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Lá estava eu, preocupado com ele a ponto de dispor do tempo que teria com minha família, e ele zombava do meu esforço para auxiliá-lo, sem mostrar nenhuma consideração! Perdi o controle, dei lugar à raiva que eu havia alimentado por semanas e o agredi verbalmente, arrasando-o. Eu disse a ele exatamente o que eu e a igreja pensávamos a seu respeito. Lancei sobre ele tanta culpa quanto pude e disse-lhe que devia acordar daquela mesmice e finalmente fazer algo de bom. Orei por ele (!) e saí. Eu estava fervilhando enquanto voltava para casa.

No caminho para casa, não demorou muito para que eu começasse a me condenar. Também não demorou muito para que eu começasse a racionalizar e criar argumentos para me desculpar. Chegando em casa, eu estava convencido de que havia falado como um dos profetas do Antigo Testamento, proclamando um "assim diz o Senhor" em meio ao pecado e à rebeldia. Eu havia me convencido de que Deus usaria aquele momento dramático de revelação da verdade para gerar uma mudança permanente na vida daquele homem. Quando entrei em casa, minha esposa, que estivera orando, perguntou-me o que havia acontecido. Contei-lhe que eu havia falado tão duro com aquele rapaz quanto eu nunca havia falado antes no meu ministério. Certifiquei-me de usar a analogia do profeta com minha esposa. Ela imediatamente disse: "Parece-me mais que você ficou irado e falhou". No momento em que ela disse estas palavras, eu percebi com clareza minhas racionalizações autoprotetoras e fiquei tomado de remorso. Mais tarde, Deus usou a confissão do meu pecado e o conflito com aquele homem para começar a transformá-lo.

Deus quer que atentemos não só para o falar que se opõe à obra do Espírito, mas também para as racionalizações pecaminosas que utilizamos para fazer com que o nosso discurso seja aceitável à consciência.

6. Falar o que edifica significa "andar no Espírito" no que diz respeito às nossas palavras (veja versículo 25).

Andar no Espírito significa estar comprometido com falar de modo coerente com a Sua obra em mim e que encoraje a Sua obra em outras pessoas. Neste texto, a obra do Espírito é apresentada com clareza. O Espírito trabalha para produzir em nós um fruto correspondente ao caráter de Cristo: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Andar no Espírito no que diz respeito ao falar significa que, por um ato de fé e submissão, eu elevo o meu falar ao padrão do fruto do Espírito e olho para as situações difíceis da vida como oportunidades concedidas soberanamente por Deus para o amadurecimento deste fruto em mim, pela Sua graça. Dificuldades não são obstáculos para o desenvolvimento do fruto do Espírito, mas oportunidades para vê-lo crescer.

Anos atrás, havia um homem em nossa igreja que era particularmente crítico em relação ao meu ministério. Eu travava uma luta interior todas as vezes que via aquele homem ou mesmo pensava nele. Posso lembrar-me de como ficava aliviado quando chegava a alguma programação da igreja e descobria que ele não estava lá. Eu também

estava ciente de que ele não guardava consigo mesmo as suas opiniões. Ele havia começado a reunir ao redor de si pessoas que concordavam com ele. Nossa igreja não era grande, e assim o descontentamento foi ficando cada vez mais evidente. Eu decidi que já era tempo de pedir àquele homem para termos uma conversa. Contei a minha esposa que eu estava planejando falar com Pedro (nome fictício), e ela imediatamente perguntou-me o que eu estava pretendendo dizer. Enquanto eu compartilhava meus pensamentos com ela, pude perceber que ela estava reagindo negativamente, e então perguntei o que havia de errado. Ela disse: "Antes de você lidar com ele, Paul, você precisa lidar consigo mesmo. Parece-me que você odeia este homem. Eu não creio que algo bom possa resultar de uma confrontação do erro de Pedro até que você lide com as próprias atitudes".

Eu queria crer que Luella, minha esposa, fosse apenas mais uma entre as pessoas que estavam me entendendo mal e julgando erradamente; mas não era de fato assim. Ninguém havia dito palavras tão verdadeiras quanto as dela. Eu odiava aquele homem. Odiava o efeito controlador que ele exercia sobre mim e também odiava o fato de ele ter influenciado outros contra mim. Odiava o quanto a sua crítica provocava uma reavaliação constante de tudo quanto eu fazia como pastor! Ainda odiava a maneira pela qual ele havia destruído meu sonho de ministério e nossa igreja, bem como odiava o sorrisinho arrogante no seu rosto. Na verdade, eu não queria lidar com ele. Eu simplesmente queria vê-lo longe de mim!

Luella tinha razão. Eu não estava em condições de ser um instrumento do Espírito na vida de Pedro. O meu falar não seria edificante. Eu decididamente *não* estava andando no Espírito no que dizia respeito a este relacionamento, e precisava *de fato* lidar em primeiro lugar comigo mesmo, examinar o meu coração, confessar o pecado que estava lá e decidir falar de modo condizente com o fruto que o Espírito estava trabalhando em mim.

À medida que examinei meu coração, encontrei mais coisas que precisavam de mudança do que eu havia imaginado. Meu problema não era apenas ódio e ira, mas pecados ainda mais profundos. Boa parte da minha motivação para o ministério não era a obra do Senhor, mas meu sonho pessoal.

Eu sonhava ir para um campo ministerial difícil e ser bem sucedido como ninguém mais. Eu sonhava ser altamente respeitado por uma igreja em crescimento contínuo e, em pouco tempo, pela comunidade evangélica inteira. Eu sonhava ver um crescimento numérico, construir instalações amplas e modernas e liderar a igreja mais dinâmica da região. Mais que tudo, eu sonhava ser visto como a figura central em tudo isso.

Eu odiava aquele homem porque ele estava certo! A maneira pela qual ele lidava com suas preocupações a respeito do meu ministério não era correta, mas ele estava certo na percepção que tinha do meu orgulho. Sim, eu gostava de estar no centro de cada programação. Sim, eu queria ter a palavra final em cada assunto. Sim, eu ficava frustrado quando as pessoas eram obstáculos para meus planos. Eu odiava o quanto as coisas andavam devagar e o quanto as pessoas eram negativas. E eu lutava com Deus por ter-me colocado em um ministério tão árduo.

Aquele homem que eu odiava começou a ser um instrumento de resgate nas mãos do Senhor. Por meio de Pedro, meus sonhos egoístas e arrogantes foram expostos e começaram a morrer. Sob o calor desta provação, Deus revelou-me o pecado em meu coração de uma maneira nova. À medida que gastei vários dias examinando a mim mesmo e a

situação, comecei a ser grato pelo homem que eu havia odiado. Não se tratava de uma gratidão pelo pecado de Pedro, mas por como Deus o havia usado em minha vida. Assim que desenvolvi gratidão, comecei a ouvir o que Pedro tinha dito a meu respeito e como ele havia falado. Percebi que havia coisas que Deus queria que eu aprendesse mesmo por meio daquele mensageiro irritante. Finalmente, à medida que atentei para como ele comunicava seus pensamentos, descobri muitas semelhanças entre ele e eu. Pedro era orgulhoso, opinioso, pronto a falar e impaciente. Eu odiava todas estas coisas, mas descobri que elas estavam presentes em mim também.

Naqueles dias, Deus me deu um amor genuíno e pastoral por Pedro. Quando conversamos, eu fui capaz de comunicar com ele de modo paciente, amoroso, bondoso, pacificador e com domínio próprio. À medida que refleti no bem que o Espírito havia feito em mim por meio de Pedro, eu até mesmo fui capaz de estar alegre com a oportunidade de ter aquela conversa difícil.

Andar no Espírito quanto ao falar não significa somente falar de maneira consistente com o que o Espírito está fazendo em *mim;* significa também falar de maneira que encoraje o crescimento do fruto na *outra pessoa.* Sinceramente, eu não estava me importando com o fato de Deus me usar na vida de Pedro até que Luella mencionou isso para mim. Apenas duas coisas importavam para mim: eu queria provar que Pedro estava errado, e depois eu queria que ele saísse da nossa igreja e me deixasse em paz! Eu tinha me deixado levar pela idéia de que a minha luta era contra "carne e sangue" (Ef 6.10-12). Eu via Pedro com o inimigo a ser derrotado, e tinha perdido de vista a batalha espiritual que acontecia abaixo da superfície. Eu não queria ser um servo para Pedro; eu queria que ele desse apoio aos meus sonhos. Mesmo como pastor de Pedro, a última coisa que eu queria era ser um instrumento de edificação na vida dele. Até o momento da conversa com Luella, eu nem mesmo tinha considerado a possibilidade de ser um instrumento útil ao Espírito para produzir fruto bom na vida de Pedro.

Afinal, quando a conversa com Pedro aconteceu, eu tinha uma disposição radicalmente diferente daquela que eu havia revelado inicialmente à minha esposa. Eu não queria mais "vencer". Eu não queria mais que ele se calasse e concordasse com os meus sonhos. Eu realmente desejava ser usado por Deus para produzir o fruto do Espírito em Pedro. Ele chegou para a nossa conversa pronto para a luta. Estava evidente que ele havia preparado as suas armas e ensaiado a defesa. Mas não houve batalha. Eu lhe disse que estava agradecido por suas percepções; que por meio dele o Espírito tinha de fato exposto o meu coração, e lhe pedi perdão. Antes mesmo que eu tivesse oportunidade de falar a respeito dele, ele disse: "Paul, eu também errei. Para ser honesto, eu deveria dizer que odiei você e que procurei oportunidades para criticá-lo diante dos outros. Eu estava irado com você e irado com Deus por ter-nos colocado nesta igreja. Eu lhe peço perdão".

Aquela noite, pela primeira vez em muito tempo, Pedro e eu andamos no Espírito em nosso falar, e o Espírito produziu um novo crescimento em nós. Mas não deixe que a questão central passe despercebida: tudo começou com alguém que me confrontou e encorajou a examinar o próprio coração antes de confrontar Pedro. Andar no Espírito quanto ao falar significa separar tempo para ouvir, examinar, refletir e preparar. Significa comunicar com base no compromisso de participar da obra contínua do Espírito na nossa vida e na de outros.

7. Falar o que edifica significa não dar lugar às paixões e aos desejos da natureza pecaminosa (veja versículos 24 e 16).

Preste bastante atenção às palavras do versículo 24: "E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências". Repare que este texto não está na voz passiva. Ele diz que quando aceitamos a Cristo, *nós* crucificamos as paixões e os desejos da natureza pecaminosa. Este texto leva-nos a considerar um aspecto do evangelho que com frequência é omitido. O evangelho é uma mensagem gloriosa que fala de *consolo,* perdão dos pecados, livramento da condenação, restauração do relacionamento com Deus, dádiva do Espírito e garantia da eternidade. Mas o evangelho é também um *apelo* a abandonar a vida em conformidade com os anseios da natureza pecaminosa para que possamos viver para Cristo. A salvação, no sentido mais amplo, não se resume em receber consolo; ela inclui também a resposta ao apelo de santidade. O compromisso assumido de uma vez por todas com uma vida piedosa, crucificando as paixões e os desejos da natureza pecaminosa, deve ser vivido em todos os nossos relacionamentos e circunstâncias de vida, pelo poder de Cristo em nós.

Não há lugar onde este compromisso seja mais necessário que na área da comunicação. Se formos humildes e honestos, admitiremos que muito do que dizemos é guiado pelas paixões e desejos da natureza pecaminosa e não por um compromisso com a vontade e a obra de Cristo. Os maridos que lançam em direção às esposas palavras de crítica carregadas de ira, as esposas que se entregam à murmuração e às queixas, as crianças que explodem em ira contra os pais, os pais frustrados que agridem seus filhos com palavras, os membros do corpo de Cristo desapontados que difamam seus líderes, todos estes estão dando lugar às paixões e desejos da natureza pecaminosa. O resultado é uma colheita de fruto mau: relacionamentos quebrados, problemas não resolvidos e complicações adicionais.

Falar palavras moldadas pela emoção e por desejos da natureza pecaminosa é negar a promessa que Cristo fez de nos libertar do domínio do pecado e também negar o nosso compromisso de viver como pessoas que *pertencem* a Ele. Falar de modo edificante significa falar com base na capacidade de domínio próprio concedida a nós por Cristo, Aquele que quebrou as cadeias de nossa escravidão ao pecado e nos deu o dom de Seu Espírito que habita em nós. Nossa boca pode ser instrumento de justiça! Podemos dizer "não" às emoções e desejos da natureza pecaminosa.

8. Falar o que edifica significa ver os relacionamentos como meio de restauração (veja capítulo 6, vs. 1 e 2).

Paulo diz:

"Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura". Ele está mencionando uma condição que diz respeito a todos nós aqui na terra. Somos "surpreendidos" em ira, orgulho, autocomiseração, inveja, vingança, justiça própria, amargura, cobiça, egoísmo, medo e falta de fé. Muitas vezes não estamos cientes de que caímos em pecado, nem mesmo sabemos como nos livrar. Há pecados aos quais somos cegos ou que constituem nosso campo de batalha em particular. Haverá um dia em que as ciladas cairão por terra e estaremos *com* Cristo para sempre! Mas até aquele dia, precisamos reconhecer que nós, como pecadores, caímos facilmente no pecado. Por isso precisamos uns dos outros.

Paulo diz: "vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura". Quando "andamos no Espírito" (verso 25), estamos em condições de ser um dos instrumentos de restauração de Deus.

Falar o que edifica significa permitir que esta disposição restauradora controle nossos relacionamentos. Todos nós somos tentados a pensar que nossos relacionamentos nos pertencem. Tendemos a olhar para as outras pessoas como se elas nos pertencessem. Os pais caem nesta armadilha com seus filhos; mais tarde, na adolescência, quando os filhos são mal-sucedidos, os pais são incapazes de superar a própria ira e dor para serem agentes de restauração daquilo que eles mesmos promoveram! Maridos e esposas acreditam que é responsabilidade do cônjuge fazê-los feliz. A vida passa a se constituir de uma série de testes em que as pessoas são julgadas de acordo com a maneira de reagir a nós e com base em como elas nos afetam. Procuramos receber respeito, amor, apreciação, aceitação e honra adequados, e descobrimos que é difícil dar continuidade a um relacionamento quando estas coisas não existem.

Paulo está nos chamando a algo completamente diferente. Esta nova disposição nos relacionamentos tem suas raízes no reconhecimento básico de que nossos relacionamentos não pertencem a nós, mas a Deus. Uma vez que começamos a conceber nossos relacionamentos desta forma, percebemos também a necessidade de restauração ao nosso redor. Por exemplo, quando você está em viagem de férias e as crianças começam a discutir no banco de trás, há algo mais acontecendo do que o simples fato de suas férias tão preciosas estarem sendo arruinadas! A necessidade de restauração está se fazendo sentir. Você pode reagir a esta situação como um pai irritado, cujos filhos estão roubando as férias dos seus sonhos, ou você pode responder como um restaurador que quer ser um instrumento nas mãos do grande Restaurador.

Quando um casal discorda mais uma vez a respeito daquele assunto já tão batido, é hora de fazer algo mais que lamentar um casamento que não funciona ou queixar-se do cônjuge que nunca se define. Eles precisam descobrir onde estão sendo "surpreendidos" e precisam reagir um ao outro não com uma disposição de fazer exigências, mas de restaurar. A maior tarefa nos relacionamentos humanos não é a procura da felicidade do homem, mas a reconciliação com Deus e a restauração da imagem de Seu Filho.

9. Falar o que edifica significa falar com humildade e brandura (veja capítulo 6, versículo 1).

Diante da fraqueza do próximo, da tentação e do pecado, as palavras ásperas ("Por que você não dá um jeito na vida?", "Se você acha que vou arrumar a sua bagunça, está muito enganado!") e orgulhosas ("No meu tempo" ou "Não posso me relacionar com alguém que faz isso!") simplesmente contradizem a mensagem do evangelho.

Nossa reação natural quando vemos um irmão seduzido pelo pecado deve ser de brandura. Devemos reconhecer que, não fosse pela graça de Deus, estaríamos onde ele está. E então devemos responder com a mesma graça que recebemos. Deus nos amou quando não éramos merecedores de amor. Ele nos perdoa a despeito de pecarmos repetidas vezes. Na verdade, é Seu amor que nos leva das trevas para a Sua maravilhosa luz. Mesmo enquanto ainda lutamos com a realidade do pecado, é vital que a nossa comunicação uns com os outros seja reflexo do amor de Cristo que nos constrange. Ele é nossa única alegação persuasiva, nossa única

esperança. Apenas Ele é capaz de mudar nosso coração. Queremos falar de modo tal que leve as pessoas a depositarem esperança nEle.

Também estamos livres para falar com brandura porque abrimos mão completamente da esperança de que o coração possa ser transformado por pressão, lógica e poder humanos. Em momento algum é o volume da nossa voz, o poder das nossas palavras, o drama da situação, a criatividade das nossas ilustrações, a força do nosso vocabulário, o fantasma das nossas ameaças, a majestade dos nossos gestos o que provoca mudança nas pessoas. A brandura flui do conhecimento da verdadeira fonte do poder. Deus pode usar palavras pronunciadas em voz baixa para produzir uma convicção tremenda em um coração. Sim, queremos pensar e falar adequadamente, mas somente porque queremos ser instrumentos úteis nas mão dAquele que produz de fato a mudança, e não porque depositamos confiança na nossa habilidade para produzir mudança.

Palavras de brandura não vêm de uma pessoa que está irada e querendo decidir o placar. Vêm de uma pessoa que está falando motivada não por aquilo que quer *de* você, mas por aquilo que quer *para* você. Sou capaz de falar com brandura somente quando não falo motivado por dor, ira e amargura pessoal, mas por um amor sacrificial que visa edificação. Eu me dirijo a você não porque o seu pecado me atingiu, mas porque ele está prendendo você em uma armadilha e eu desejo vê-lo livre deste laço. Não estou em missão de confrontação egoísta, mas de resgate amoroso. E eu sei que, de certa forma, todos nós precisamos deste resgate diariamente.

10. Falar o que edifica significa viver e comunicar tendo os outros como centro da atenção (veja Gálatas 6.2).

A ilustração aqui é de pessoas caminhando. Elas não estão fixando o olhar apenas naquilo que precisam carregar, mas olhando ao redor para identificar aqueles que precisam de ajuda. Com as palavras "levai as cargas uns dos outros", Paulo apresenta-nos a sua intimação. Ele nos chama a olhar além do conforto, sucesso e vantagens pessoais, de modo que enxerguemos as pessoas que estão lutando para carregar seus fardos e dividamos com elas o peso. Este é o método de Cristo.

Também somos intimados a falar uns com os outros movidos por esta mentalidade de "carregadores de fardos". Quando vemos alguém que luta com sua fraqueza, apontamos para a força que há em Cristo. Ao ignorante falamos com palavras de verdade que transmitem sabedoria; ao temeroso falamos do Deus que está sempre presente nas dificuldades; ao aflito procuramos oferecer palavras de conforto; ao desencorajado procuramos levar palavras de esperança; ao solitário acolhemos com expressões do nosso amor e da presença de Cristo; ao irado apontamos um Deus de retidão, vingança e justiça; ao que está envolvido em conflitos procuramos falar como pacificadores e reconciliadores; ao ansioso apontamos para o descanso que Cristo deu aos Seus.

Falar de modo edificante significa escolher nossas palavras com cuidado, sem dar lugar às paixões e aos desejos da natureza pecaminosa. Não queremos induzir outros ao pecado por meio da nossa própria vaidade e inveja. Também não queremos morder e devorar uns aos outros

com palavras, antes estamos comprometidos em servir uns aos outros em amor por meio das nossas palavras. Queremos falar em consonância com aquilo que o Espírito está procurando produzir em nós e nos outros, de modo compatível como Seu fruto e que encoraje o crescimento deste fruto em outros. Finalmente, queremos falar em humildade e brandura, como agentes de restauração, como carregadores de fardos comprometidos com viver pela lei do amor de Cristo.

Que reavivamento, reconciliação e restauração radical aconteceriam em nossas igrejas, lares e amizades se respondêssemos a esta intimação em cada relacionamento e situação! Quão diferentes as coisas seriam se estivéssemos firmemente comprometidos com falar de modo edificante! Quão diferente teria sido o relacionamento entre João e Beatriz se eles tivessem atendido ao apelo de Deus para falarem um com o outro usando palavras que edificam! Como é importante para nós a boa escolha das nossas palavras!

Cuidado com suas Palavras



E. Bradley Beevers[1]

Recentemente, assisti a um filme de Disney chamado *Aladim.* Como bom expectador, coloquei-me no lugar do herói. Mais tarde, pensando sobre o filme, perguntei a mim mesmo o que eu pediria a Deus se pudesse ter três desejos realizados. Imediatamente, a história do sonho de Salomão veio-me à mente. Deus deu oportunidade ao rei para expressar um desejo, e ele pediu sabedoria para governar Israel. Será que eu também teria desejado sabedoria? Mas eu não tenho a responsabilidade de governar Israel como ele, pensei. Talvez eu desejasse santidade. Por fim, acabei descartando da minha mente estes pensamentos.

No entanto, alguns dias mais tarde, a idéia do "desejo" voltou-me à mente. Eu havia pensado em algo que poderia pedir. Desejei poder retirar alguma palavra que eu tivesse dito, um comentário impensado, talvez feito sem intenção hostil, mas pecaminoso, maldoso - ou até mesmo tolo. Se você tivesse um cupom que lhe desse direito a ter um desejo atendido no final do dia, quantas vezes você o usaria para "desdizer" palavras que saíram da sua boca? Você poderia usar esse cupom em diversas situações. Por exemplo, digamos que você estava conversando informalmente e soltou uma piada boba ou um comentário que ofendeu outra pessoa. Ou talvez você estava nervoso e acabou falando demais. Ou então você estava em casa, irritado, e se expressou de modo agressivo com um colega, com o cônjuge ou as crianças. Ou depois de cometer um erro, você tentou se explicar; mas quanto mais você falou, pior ficou a situação. A lista poderia não ter fim. Como Tiago está certo em dizer que "... se alguém não tropeça no falar é perfeito varão, capaz de refrear também todo o seu corpo" (Tg 3.2)!

As Escrituras advertem-nos quanto a levar a sério as nossas palavras. Trata-se de uma batalha contínua, ao longo da vida cristã. Jesus descreveu o dia do julgamento

---

[1]Tradução e adaptação de *Watch your Language!* Publicado em *The Journal of Biblical Counseling.* v.12, n.3, Spring 1994, p. 24-30.

E. Bradley Beevers dirige um centro de discipulado e é candidato a PhD no Westminster Theological Seminary.

final como aquele dia em que os homens darão conta "de toda palavra frívola que proferirem..." (Mt 12.36). O uso que fazemos das nossas palavras, disse Jesus, estabelece a diferença entre o salvo e o perdido. "Porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado" (Mt 12.37). As palavras são muito importantes, pois elas revelam quem de fato somos. As árvores boas produzem frutos bons, enquanto que as más, frutos maus. Cada um revela o que há no seu interior: "... a boca fala do que está cheio o coração" (Lc 6.45). Por conseguinte, Paulo exorta aqueles que se despiram do velho homem para que não deixem sair da sua boca "nenhuma palavra torpe, e, sim, unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e assim transmita graça aos que ouvem" (Ef 4.29).

Conversa torpe não consiste apenas em falar quando você deve ficar calado ou em dizer alguma coisa da qual venha a se arrepender logo em seguida. Algumas coisas que dizemos são más por outras razões. Por exemplo, em algumas conversas, determinamos o que é bom ou mau perguntando-nos quando, para quem, em que circunstâncias, com que tom de voz falamos alguma coisa. Por outro lado, fazemos distinção entre uma "conversa obscena" e outros tipos de conversa. A "conversa obscena" é intrinsecamente má. Não é uma questão de dizer algo na hora errada ou à pessoa errada. Este tipo de "conversa torpe" é sempre errada e deve ser sempre evitada pelo crente.

Pense nisto. A linguagem obscena é torpe, sempre, e os cristãos estão certos em evitar o seu uso. Mas afinal, o que faz esta linguagem ser torpe? Não é o fato dela se referir a coisas que não deveríamos mencionar. Ela é torpe porque expressa uma cosmovisão pervertida, blasfema ou fortuita. Por exemplo, "maldito" não é sempre uma palavra torpe; no seu significado correto, refere-se a um ato divino. Deus condena o perverso. Quando o mundo usa esta palavra no sentido imprecatório, banaliza e zomba do julgamento divino. Outro exemplo poderia ser o uso que os crentes fazem dos termos "Deus", "Senhor" ou "Jesus" em expressões vulgares de surpresa ou irritação.

Escolhi, deliberadamente, dois exemplos que esclarecem como uma cosmovisão pervertida faz de uma expressão comum uma imprecação. "Maldito" ou "Deus" são palavras que podem ser usadas indevidamente ou de maneira correta. No entanto, a maioria das palavras obscenas ou expressões vulgares não são tão flexíveis assim; elas são sempre blasfemas ou pervertidas. Carregam uma cosmovisão "embutida" nelas mesmas. Tais expressões comunicam por si só rebeldia e incredulidade - não *naquilo* que descrevem, mas na *interpretação* implícita na descrição. Por exemplo, a maioria das expressões obscenas expressam hostilidade e/ou atitudes imorais por meio de termos baseados nas funções naturais do corpo humano. *Aquilo* que descrevem foi criado por Deus; *a interpretação* maldosa avilta e perverte aquilo que Deus criou. Não há como usar corretamente estas palavras. Elas devem ser simplesmente evitadas. As Escrituras reconhecem esta cosmovisão pervertida: "Ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus seja amaldiçoado." (1Co 12.3)[2]. Há exemplos que talvez nem devam ser mencionados, pois "o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha" (Ef 5.12). Os cristãos, em geral, identificam este vocabulário como expressão de uma cosmovisão incrédula e, corretamente, consideram o seu uso pecaminoso.

[2]O Novo Testamento. Nova Versão Internacional da Sociedade Bíblica Internacional.

Mas palavras "obscenas" não são as únicas expressões baseadas em uma cosmovisão incrédula. Muitas das nossas descrições e definições mais comuns concordam sutilmente com a maneira de pensar do incrédulo. Assim como as imprecações, os eufemismos também trazem uma cosmovisão implícita. Quando o mundo chama adultério de "caso", será que não está torcendo a descrição para eliminar qualquer avaliação moral e indignação? E a palavra substituta não foi pega por acaso no dicionário. Adultério lembra pecado; caso lembra quase um divertimento. O mundo está constantemente procurando uma maneira de fazer com que o seu comportamento pareça normal, aceitável e correto. Substituindo fornicação por "transa", ele elimina qualquer senso de desaprovação. "Sexualmente ativo" sugere que abstinência é sinônimo de passividade ou fraqueza. O que antes era sodomia (mencionada inicialmente em Gênesis 19) veio a ser "homossexualidade", em seguida "gay", e depois uma mera "preferência sexual" ou "estilo de vida alternativo". Atualmente, até mesmo a indignação moral contra estas perversões é rotulada pejorativamente de "homofobia".

Um passo à frente

Esses exemplos são bem conhecidos e o preconceito que expressam para com a Bíblia é obvio. Os cristãos devem vigiar as suas palavras (e frequentemente o fazem) para que não reforcem a perspectiva mundana nem se rendam sutilmente a ela. Mas vamos dar um passo à frente. Todas as áreas em que a rebeldia e a incredulidade são expressas em forma de palavras devem ser igualmente confrontadas. Até aqui, eu não ataquei aspectos sutis do linguajar. Aquilo que definimos como expressões blasfemas e "politicamente corretas" está obviamente baseado em uma visão mundana contrária ao cristianismo. Mas agora vamos lidar com um caso um pouco menos óbvio: como as pessoas usam as palavras para diminuir a responsabilidade por seu comportamento. Primeiro, considere como o mundo costuma se referir aos pecados óbvios. Vivemos em uma sociedade onde gastar demais é comum. No entanto, dificilmente usamos a palavra cobiça para descrever este tipo de comportamento. Trata-se simplesmente de um estilo de vida "confortável". Padrões de desobediência são "problemas", e não pecados. Reclamar ou murmurar são maneiras de dizer "o que eu estou sentindo" ou de "ser honesto". Às vezes, até mesmo na igreja, falamos mal de alguém e chamamos isso de "compartilhar" ou "pedir um conselho", em vez de maledicência ou calúnia.

Compreenda o que está acontecendo aqui. Palavras não apenas descrevem, mas interpretam. Quando usamos uma palavra como maledicência, muitas imagens e exortações bíblicas vêm à nossa mente - e é certo que venham! Quando tentamos descrever a mesma atividade de maneira mais "neutra", o que fazemos, na verdade, é uma descrição não-bíblica. As categorias descritivas de Deus *não* são neutras. Uma mente cientificamente orientada pode nos condicionar a pensar na neutralidade como apropriada. Mas não é assim que deve ser. Vivemos em um universo que ecoa a voz de Deus. Tudo quanto Ele criou e governa expressa a Sua glória e manifesta a Pessoa de Deus. Na verdade, "neutralidade" é uma rendição à incredulidade. É uma recusa a falar e pensar de acordo com a perspectiva de Deus. Falar com "neutralidade" é falhar na proclamação da verdade de Deus a um mundo perdido e deixar de convocá-lo ao arrependimento. Será que não estamos proclamando a verdade de Deus e Sua perspectiva quando

usamos o termo adultério ou fornicação em lugar de usar uma linguagem mais neutra com um colega de trabalho? Ou será que o termo "estilo de vida alternativo" não tem a função de suavizar a consciência e silenciar a condenação de Deus? O nosso falar deve afirmar a interpretação de Deus, opondo-se ao pensamento rebelde do mundo. Não somos "neutros"; somos a favor de Deus. Os incrédulos também não são "neutros"; eles são contra Deus. O nosso falar deve refletir esta verdade de tal maneira que "quer comais, quer bebais, ou façais outra cousa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus".

A linguagem do mundo subestima a responsabilidade pessoal quando descreve padrões emocionais e de comportamento. Estes são assuntos importantes que têm recebido a atenção popular. Mas quando descreve um comportamento sexual, o mundo muda os termos para que a atenção não recaia sobre a responsabilidade pessoal e o pecado. Primeiro, o mundo desvia a atenção da responsabilidade pessoal falando como se a situação, e não a pessoa, fosse responsável pela ação. *"Isso* me deixou muito irado". *"O comportamento dele* deixou-me amargurado". *"Você* é tão irritante". *"O sofrimento intenso* tirou-me o desejo de seguir a Deus". Supostamente, nada podemos fazer quanto às nossas reações. Desde que elas são resultados diretos da situação, elas se tornam parte da própria situação. Não há como escapar.

Segundo, o mundo desvia a atenção da pecaminosidade da situação buscando uma descrição "neutra" da experiência. Por exemplo, os cristãos reconhecem a diferença entre falta de esperança, tristeza, culpa, medo, ira e aflição. Biblicamente, são distintos. Cada descrição refere-se a algo específico, e cada uma destas emoções pode ser facilmente inserida em um contexto moral. O incrédulo as reúne todas em uma categoria *neutra* (esvaziada de valor em termos descritivos) como "abalo emocional". Padrões pecaminosos que geram contendas são chamados de "conflitos de personalidade" (a respeito dos quais nada se pode fazer). Hábitos escravizadores pecaminosos são chamados de "doenças", "compulsões" (irresistíveis), "vícios". Tais termos ignoram a perspectiva de Deus acerca destas experiências humanas, e fazem com que a maneira de pensar do mundo sobre emoções, ações ou opiniões pareça normal ou mesmo natural. Os passos para o distanciamento de uma perspectiva bíblica são frequentemente sutis. Eu só estava "mal-humorado" - não fui grosseiro nem expressei ódio ou falta de amor. Estou "desencorajado" - não perdi a verdadeira perspectiva nem vacilei na fé. Estes exemplos mostram claramente que não há como falar de maneira neutra. Procurando ser neutro, o incrédulo está na verdade tentando justificar o seu comportamento pecaminoso. A assim chamada neutralidade é um pretexto para ódio e rebeldia para com Deus.

Mas espere um pouco. Nós ouvimos expressões semelhantes a estas não só no trabalho, mas na igreja também. Precisamos saber mais a esse respeito. Por que esses termos são tão populares? O que há de atraente neles? Uma possível explicação é que as descrições neutras são atraentes aos incrédulos porque elas justificam sua rebeldia. Elas fazem o pecado parecer normal. Naturalmente, essa dinâmica pecaminosa atrai também o crente. Ela alimenta desejos carnais de autocomiseração e justiça própria. Mas há uma outra razão a ser considerada. Frequentemente, fatores circunstanciais, lutas pessoais, tentações, pensamentos, desejos, anseios e experiências podem ser descritos em detalhes vívidos. "Sexta-feira à tarde, após uma semana estressante, meu chefe chamou-me em seu escritório. Em

cinco minutos eu estava despedido, sem muitas explicações. Eu não sabia bem o que fazer. Nem mesmo me lembro do momento em que saí da sala. Eu queria sair dali correndo; eu queria bater nele. Eu queria desistir de tudo. Eu simplesmente sentei à minha mesa em estado de choque. Eu estava transtornado. Que ousadia! Passei os três dias seguintes dividido entre o desânimo e o desejo de matá-lo. Eu não conseguia dormir. Não conseguia pensar em nada mais. Foi um tremendo choque. Eu precisava parar de pensar nele, pois cada vez que isso acontecia eu ficava ensaiando o que eu deveria ter dito a ele, e eu tremia de raiva".

Ouvimos esta descrição e pensamos: "Foi assim mesmo!". A precisão é impressionante. Mas cuidado! "Esse homem de fato entende o que significa passar por isso!" Cuidado! Estas descrições são seletivas. As respostas naturais ou carnais são retratadas em grandes detalhes. As lutas espirituais não. Detalhes vívidos não são neutros; eles trazem uma visão secular implícita.

A descrição daquela sexta-feira à tarde poderia ter sido muito diferente. "Quando eu saí daquele escritório, fui tentado a extravasar a ira como nunca antes nos três anos em que trabalhei lá. Eu estava em estado de choque. Lembro-me vagamente de ter balbuciado uma oração pedindo ajuda, ao mesmo tempo que eu repassava em minha mente aquilo que ele havia dito e lutava com minha ira. De repente, as passagens bíblicas que eu havia memorizado vieram à minha mente de maneira clara: 'Deus não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar'. A situação ficou clara aos meus olhos, como se o Senhor tivesse acendido a luz em um quarto escuro. Eu sabia que estava em uma encruzilhada. Eu poderia nutrir a amargura, a ira e a frustração; poderia fugir; deixar o emprego sem mais falar com ele; poderia alimentar em meu coração amargura e ódio. Ou então eu poderia fazer o que Jesus teria feito: ser gentil, retribuir o mal com o bem, orar por ele. Eu poderia voltar na segunda-feira, bem disposto, e limpar a minha mesa".

Qual a diferença básica entre as duas descrições? Você já sabe. A primeira pretendia ser neutra, mas na verdade expressou as tendências da carne. Ela ignorou tudo quanto diz respeito à vida cristã: o propósito de Deus, Sua perspectiva, a natureza espiritual da tentação, a luta em busca de esperança e da resposta correta, a solução para o problema. No processo, a primeira descrição sutilmente justificou a ira e a depressão, fazendo-as parecer naturais. E de certa forma, tais reações são muito naturais. Mas desde que Cristo nos salvou, não somos mais como o "homem natural" que não entende as coisas do Espírito de Deus. Uma descrição precisa é importante; as lutas espirituais precisam ser descritas em detalhes vívidos para que o nosso ensino seja prático e reflita a realidade da vida. No entanto, uma descrição exata inclui uma interpretação exata. Precisamos compreender corretamente o quadro todo.

Um exemplo para estudo: "Estou mal".

Como você pode começar a identificar a linguagem torpe e se arrepender de seu uso? Comece um passo por vez. Vamos trabalhar um exemplo específico. Os cristãos deveriam usar a expressão "estou mal?". "Estar mal" é uma maneira neutra de expressar tristeza ou depressão, que pode ser traduzida como falta de esperança ou fé, como uma maneira de focalizar em situações desagradáveis em vez de se concentrar no cuidado soberano

de Deus, ou ainda como uma murmuração. "Estou mal" tira qualquer indício de que haja uma problema moral envolvido na emoção. A maioria de nós ficaria muito surpreso se um amigo nos dissesse que deveríamos nos arrepender quando compartilhamos que "estamos mal"! No conceito popular, não ficamos "mal" porque há alguma coisa errada conosco. Nós simplesmente ficamos desse jeito. Algo está errado na situação; nós estamos reagindo normalmente. Isso vale para todos nós, quando falamos com pessoas que "estão mal". Costumamos perguntar "O que aconteceu?", em vez de perguntar "Por que você está reagindo assim à situação?".

Há outras coisas a considerar sobre esse termo. Primeiro, ele é vago. As emoções descritas são amplas - depressão, ira, falta de esperança, tristeza, aflição, ressentimento, culpa, autocomiseração. Segundo, a explicação do porquê nos sentimos dessa maneira é inadequada. O foco recai quase que exclusivamente sobre a situação; nenhuma atenção é dada aos demais pensamentos ou sentimentos que nos levaram a "estar mal". Poderíamos traçar o seguinte diagrama: *Situação* → *Emoção.* O termo central e crucial é omitido: *Situação* → *Pessoa* → *Ação.* Mais uma vez, isso é neutralizar! Quando omitimos o termo "pessoa", não faz diferença se a situação atinge um crente ou um incrédulo, o próprio Senhor Jesus ou o pior dos pecadores. Certo ou errado deixam de ser categorias relevantes. Mas isso não é nem de longe verdadeiro no que diz respeito aos termos mais específicos que listamos anteriormente. Quando uma pessoa diz que está triste por causa da morte de seu pai, sabemos que ela está triste porque sofreu uma perda. A reação é boa. Se aquela pessoa dissesse estar sem esperança, deprimida ou imersa em autocomiseração por causa dessa morte, nossa reação deveria ser diferente! Termos específicos nos dão informações cruciais sobre a pessoa, permitindo-nos saber como melhor lidar com a situação dentro de uma perspectiva bíblica. O mundo não tem essa visão. Quando alguém "está mal", o mundo não pode oferecer nada além de inúmeras expressões de compaixão e um fraco "tudo vai dar certo" na melhor das hipóteses. Não há esperança de mudança verdadeira de vida nem de uma melhora futura.

Será que a Bíblia não fala da experiência de "estar mal" focalizando especificamente a pessoa, Deus e aquilo que é certo, em vez de olhar simplesmente para a situação? Observe, por exemplo, os Salmos 42 e 43. Quando o salmista está "abatido" e "perturbado", não é porque ele parou de ir à casa de Deus com a multidão de adoradores. Não é porque ele está sendo oprimido pelos inimigos, homens fraudulentos ou injustos. Essas coisas estão acontecendo. Mas a causa da angústia é que a sua alma não está esperando em Deus. Ele não descreveria a si mesmo como alguém que "está mal". Ele vê a situação de maneira mais clara: "Por que estás abatida, ó minha alma? ...Espera em Deus". O foco do Salmo é que o salmista tem sede de Deus assim como a corça suspira por água corrente.

Que quadro diferente do quadro de transferência de culpa e autocomiseração da linguagem do mundo! O vocabulário que o salmista usa indica um estudo cuidadoso do seu coração, a descoberta do verdadeiro problema e a busca de uma solução em Deus. Esse vocabulário deve ser o seu alvo! O seu falar deve não apenas evitar a lamúria desagradável do mundo, mas expressar com precisão a sua situação espiritual e sua reação. Já descrevi esse tipo de atitude em alguns exemplos que mencionei acima. Mas este é apenas o começo! Precisamos de um vocabulário completamente cristão; devemos

agir como cristãos em cada detalhe da vida. Isso não quer dizer que inventamos e internalizamos uma atitude de "super-crentes" que nos faz menos acessíveis ao mundo. Nosso alvo é usar palavras que proclamam a verdade de Deus a respeito de nós mesmos e do Seu universo - uma linguagem que evita a maneira enganosa de falar do mundo.

Um outro exemplo para estudo: "Porque".

Porque. Trata-se de uma palavra tão simples, mas de muito conteúdo. Usamos esta palavra quando queremos falar sobre o que causa o nosso comportamento ou nos motiva a fazer algo. Por que eu fiz aquilo? Eu fiz *porque ...* A Bíblia fala alguma coisa sobre o porquê agimos como agimos? Ela nos ensina o que causa nossas reações? Sem dúvida que sim. Nossas ações revelam as motivações que há no nosso coração. Se os pensamentos e as intenções do coração são maus, então nosso falar e comportamento refletirão isso; se o nosso coração for puro, nossas ações serão puras. Embora eu esteja dando um resumo rápido, tudo o que a Bíblia diz sobre causas e motivações encaixa-se nesta estrutura.

Esta é a questão básica. Todas as nossas palavras, assim como todas as nossas ações, refletem obediência ou desobediência a Deus. Linguagem torpe é aquela que comunica o que é falso ou impiedoso. As palavras retratam uma cosmovisão e expressam (ou nos traem ao expressar) o que acreditamos na prática. Nossas ações revelam aquilo em que acreditamos. Lucas 6.45 ensina-nos claramente a este respeito: "O homem bom do bom tesouro do coração tira o bem, e o mau, do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala do que está cheio o coração". Não podemos nos esconder; as nossas palavras revelam quem somos. A nossa tarefa é fazer com que as nossas palavras, assim como as nossas ações, apliquem os ensinos da Bíblia.

Vejamos um exemplo. Roberto e Susana saem para uma caminhada no campo. Sem querer, esquecem um dos cantis no carro. O dia está quente e a trilha é difícil. Depois de aproximadamente uma hora e meia, a água disponível acaba. Eles continuam a caminhada na montanha, mas não há nenhuma bica à vista. Eles prosseguem por mais uma hora e avistam uma placa de sinalização. Roberto descobre, então, que ele deixou passar a entrada de retorno há cerca de 45 minutos. Susana diz: "Ótimo. Que divertido! Obrigada por ter-me trazido aqui". Roberto, um pouco surpreso com o sarcasmo dela, decide não responder. Susana percebe o que disse e tenta se explicar: "Desculpe-me. Eu disse isso apenas porque...

- estou muito cansada. Não ligue para isso".
- eu sou assim mesmo. Às vezes sou um pouco ríspida. E apenas minha maneira de me relacionar. Não é nada com você".
- eu sempre fui tratada assim na minha família, e agora faço o mesmo".
- meu dia está péssimo hoje. Esse é o problema".
- é horrível ficar sem água, sentir calor e estar perdida. Eu só estou chateada".
- só estou falando o que eu sinto".

É possível até imaginar estas respostas sendo dadas. Mas qual delas está certa? Qual delas você esperaria receber de um crente naquela situação? Dê uma olhada novamente para a lista. Quais respostas são razoáveis?

A resposta correta é nenhuma delas. Por quê? Porque nenhuma oferece uma explicação bíblica adequada para o comportamento

de Susana. A maneira ríspida com que Susana dirigiu-se a Roberto é errada; é pecado. Talvez o cansaço, o pano de fundo familiar ou os hábitos de relacionamento possam ser fatores de influência. Eles certamente moldam as tentações específicas que Susana enfrentou. Mas eles não explicam *o porquê* ela respondeu com frustração. Susana é certamente singular em seu cansaço, no calor, na família de origem ou no "dia péssimo". Mas em termos bíblicos, nenhum desses fatores *causam o* seu comportamento pecaminoso. Nenhum deles nos dá o porquê dela ter sido ríspida. Portanto, ela não deveria dizer "Eu agi assim *porque...,"* e completar a frase com razões que na verdade são desculpas.

Lembre-se de que vimos que o salmista refletiu sobre o seu comportamento e estudou o que estava acontecendo. Tente imitá-lo. Tente ver a situação de Roberto e Susana de um ponto de vista cristão. O que "causou" o comportamento? Você se lembra do nosso diagrama? *Situação* → *Pessoa* → *Ação* (no diagrama anterior, o terceiro item era emoção; neste, comportamento). A Bíblia nos ensina que o comportamento de Susana não procede da situação, mas da pessoa que reage à situação. Sendo assim, a pergunta "por quê" não deve ser respondida com referência à situação, mas com referência à pessoa. Por que Susana expressou seu mau-humor com sarcasmo? Não é porque ela *estava* com calor ou sede. É porque ela não *queria* o transtorno e o incômodo de estar com calor e sede.

Quero dar uma ilustração simples que aprendi quando criança, na escola dominical. Uma pessoa é como um esponja; as circunstâncias da vida espremem a esponja. O que sai de uma esponja quando você a espreme? Bem, isso depende daquilo em que ela está banhada. Se a esponja estiver ensopada de tinta, sairá tinta; se ela estiver ensopada de água, então sairá água. O mesmo acontece com o crente. Se você está cheio da vida de Cristo, você responde às circunstâncias desagradáveis de maneira que evidencia a Cristo. Se você está cheio de desejos egoístas e mundanos, o seu comportamento reflete tais desejos. 2Coríntios 4.6-18 ensina isto com clareza. Temos o tesouro da luz do conhecimento da glória de Deus que brilha nos nossos corações, um tesouro contido em vasos de barro. Visto que contamos abundantemente com o poder de Deus, quando somos "pressionados", não ficamos angustiados, desamparados nem destruídos. Antes, a vida de Jesus revela-se em nosso corpo mortal. Não ficamos desanimados, pois embora o nosso exterior se desgaste, o nosso interior renova-se a cada dia. Os nossos problemas leves e momentâneos produzem eterno peso de glória, pois aguardamos ansiosamente pelas coisas eternas que agora não vemos.

As circunstâncias espremem a esponja, e a tinta sai. Por quê? Há duas possíveis respostas: (1) porque a esponja foi espremida (a razão da tinta *sair); ou (2)* porque havia tinta na esponja (a razão de sair *tinta). A* resposta bíblica à pergunta *"por quê?"* é a segunda. Deus está interessado no porquê saiu *tinta,* em vez de sair alguma outra coisa. E Ele tem uma boa razão! Ele está interessado na questão central a respeito de Susana. A questão não é saber o porquê Susana reagiu. Sabemos que ela reagiu porque é um ser humano vivo que se expressa! Mas a questão real é saber o porquê Susana reagiu *daquela maneira.* Por que *aquilo* foi exteriorizado? As explicações de Susana, listadas acima, são várias maneiras de dizer "a tinta saiu porque eu fui pressionada". A explicação bíblica é sempre "a tinta saiu porque havia tinta lá dentro". Palavras duras e pouco amáveis não têm como causa o calor excessivo, a falta de água, o cansaço,

o pano de fundo familiar ou o fato do casal ter-se perdido por culpa de Roberto. A causa é um coração não consagrado.

Sofrimento, comportamento e linguagem

Essa abordagem levanta uma questão bíblica ainda mais ampla. Qual é a relação entre as situações difíceis, dolorosas (ou desagradáveis) e o comportamento? A resposta mais clara é que a situação é como o cenário de uma peça teatral. Ela é o palco, mas não a ação. Se alguém disser que a cena se dá em uma estação de trem, isso ainda não nos diz muito a respeito do enredo! Este poderia ser alegre, triste ou de terror. O mesmo acontece com as nossas situações. "Eu cresci em uma família marcada por abuso" poderia dar início a uma história que destaca a fidelidade e o livramento de Deus, ou poderia dar início a uma história centrada em autocomiseração e murmuração. Cada situação tem suas tentações próprias, mas a trama é encenada pelo coração. Olhe para Deuteronômio 8.2-6:

> Recordar-te-ás de todo o caminho, pelo qual o Senhor teu Deus te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos. Ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conheceste, nem teus pais o conheceram, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor, disso viverá o homem. Nunca envelheceu a tua veste sobre ti, nem se inchou o teu pé nestes quarenta anos. Sabe, pois, no teu coração que, como um homem disciplina a seu filho, assim te disciplina o Senhor teu Deus. Guarda os mandamentos do Senhor teu Deus, para andares nos seus caminhos, e o temeres.

Que situação difícil! E o propósito de Deus em usar o deserto como "cenário" era humilhar, testar e ensinar o Seu povo. O texto continua:

> Porque o Senhor teu Deus te faz entrar numa boa terra, terra de ribeiros de águas, de fontes, de mananciais profundos, que saem dos vales e das montanhas; terra de trigo e cevada, de vides, figueiras e romeiras; terra de oliveiras, de azeite e mel; terra em que comerás o pão sem escassez, e nada te faltará nela; terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes cavarás o cobre. Comerás e te fartarás, e louvarás ao Senhor teu Deus pela boa terra que te deu. Guarda-te não te esqueças do Senhor teu Deus, não cumprindo os seus mandamentos, os seus juízos e os seus estatutos, que hoje te ordeno; para não suceder que, depois de teres comido e estiveres farto, depois de haveres edificado boas casas, e morado nelas; depois de se multiplicarem os teus gados e os teus rebanhos, e se aumentar a tua prata e o teu ouro, e ser abundante tudo quanto tens, se eleve o teu coração e te esqueças do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito... Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas. (Dt 8.7-14, 17).

Esta situação é diferente; completamente oposta à primeira. Mas o foco de Deus ainda está no coração. Ambas as circunstâncias constituem testes para o povo de Deus, embora sejam testes diferentes. Dificuldades no deserto (p. ex., Roberto e

Susana caminhando na trilha sem água!) pressionam-nos por um lado. O que virá à tona - murmuração ou fé? A terra prometida (p. ex., Roberto e Susana de volta ao carro com um cantil de água fresca) pressionam-nos por outro lado. Eles esquecerão de Deus ou lembrarão de agradecê-lO? A questão é sempre se o povo de Deus responderá de maneira justa ou pecaminosa. O que Deus diz é que a situação é o cenário, mas Ele está interessado na trama. Ele quer saber se a pessoa responderá corretamente ou não.

Vamos olhar para um outro relato bíblico sobre essa época da história do povo de Israel - 1Coríntios 10.1-13:

> Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem, como no mar, com respeito a Moisés. Todos eles comeram de um só manjar espiritual, e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo. Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ficaram prostrados no deserto. Ora, estas cousas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as cousas más, como eles cobiçaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; porquanto está escrito; 'O povo assentou-se para comer e beber, e levantou-se para divertir-se'. E não pratiquemos imoralidade, como alguns deles o fizeram, e pereceram pelas mordeduras das serpentes. Nem murmureis como alguns deles murmuraram, e foram destruídos pelo exterminador. Estas cousas lhes sobrevieram como exemplos, e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos tem chegado,. Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia. Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel, e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar.

Há lições profundas aqui. Pense nesta situação! Coloque-se no lugar do povo de Israel. Como você reagiria se tivesse somente uma muda de roupa (que nunca se gastou!), não tivesse abrigo permanente, estivesse incerto quanto ao futuro, em meio a calor, areia e vizinhos hostis, ficasse frequentemente sem água e não houvesse qualquer variação na dieta alimentar ou na rotina? Isso é duro! É de se esperar que aquele povo lutasse com descontentamento. Sentimo-nos inclinados a ser compreensivos com alguém que murmurasse em tal situação. Você poderia imaginar como seria o compartilhar de um grupo pequeno de oração no deserto? Eles acabavam de se acomodar, ajeitando as tendas confortavelmente, e então a nuvem movia-se repentinamente e tudo tinha que ser removido! Isso é dureza.

Mas qual é o foco de Deus no relato de 1Coríntios? Ele ignora completamente as "circunstâncias atenuantes". Ele olha apenas para a murmuração, para o ato de colocá-lO à prova, a prática da imoralidade, os desejos maus e a idolatria. Ele nem mesmo menciona as dificuldades que o povo enfrentava. E com uma boa razão: Deus está interessado na trama. Ele adverte os coríntios - e nós também - para que não voltemos a representar esta trama em nosso cenário particular. O cenário não tem importância. A mesma trama poderia ser montada em um cenário totalmente diferente do Sinai. Ela pode ser

encenada em sua vida. Deus sabe disso, e a advertência que Ele faz coloca o cenário no devido lugar: as circunstâncias são irrelevantes para *a causa* do comportamento pecaminoso. Talvez sejamos mais predispostos à murmuração quando as coisas são difíceis ou à arrogância quando as coisas vão bem; mas estamos *sempre* propensos a cometer esses pecados porque eles não são causados pela situação. Tanto a murmuração como a arrogância procedem de um coração pecaminoso.

Com frequência, somos tentados a pensar nestas reações pecaminosas como causadas por um coração pecaminoso *e* por circunstâncias difíceis. Esta é a tentação sutil da justiça própria: reconhecer a própria culpa, mas apenas parcialmente; assumir parte da responsabilidade, mas apenas parte. Pense novamente no relato que Deus faz sobre a peregrinação de Israel no deserto. Não há sequer uma alusão a essa responsabilidade "compartilhada". Na verdade, como poderia haver? Confira novamente Deuteronômio 8. Podemos presumir que Israel certamente teria entrado na terra prometida não fossem os inimigos, a fome e a sede, e se a jornada tivesse sido curta. Mas Deus diz que *Ele* mandou as dificuldades para testar Israel, "para saber o que estava no teu coração". Se dissermos que Israel murmurou porque era um povo de pecadores e porque as circunstâncias eram difíceis, dividimos a responsabilidade entre Israel e Deus. Isso não pode ser! O povo de Israel não pôde entrar na terra prometida por uma só razão: eles pecaram.

Por que isso é importante? Porque somos todos parecidos com Susana. Nossa tendência é explicar o comportamento pecaminoso falando da situação. Dizemos que fizemos algo porque... e não admitimos que o nosso coração é a única causa. Será que isso é tão mau? Sim! É algo sutil, mas estas afirmações sobre causas e motivações são um ataque à verdade de Deus. Desculpamos parcialmente a nós mesmos e deixamos de nos arrepender devidamente. Apontando para as circunstâncias em lugar de apontar para nós mesmos, deixamos de crer que as coisas podem realmente ser diferentes. As circunstâncias podem voltar a ser desagradáveis. Susana não tem nenhuma garantia de que ela e Roberto não se perderão em uma caminhada futura (ou mesmo no caminho de volta). Se foi esse o motivo que a levou a ser ríspida, poderá acontecer de novo. Mas em Cristo ela tem uma esperança real e magnífica. O evangelho pode transformá-la. É possível que Roberto e ela se percam novamente. Mas se ela estiver sendo transformada pelo Espírito Santo, Roberto não precisará temer as mesmas palavras ríspidas nem mesmo a frustração interior e falta de amor anteriormente expressadas! O alvo de Deus é que em uma situação semelhante, no futuro, Susana esteja pronta para reagir com alegria, paz, perseverança e amor. Talvez ela rirá da situação e até mesmo apreciará a caminhada de volta! Ou talvez encarará a situação pacientemente e sem murmurar e, no final da caminhada, beberá água com gratidão a Deus.

O caminho de Deus é reto. Os nossos caminhos são insensatos. Precisamos cultivar e dirigir a vida em todas as suas áreas de acordo com a verdade dEle. O uso de "porque" é algo pequeno. Mas a prática de desculparmo-nos parcialmente, de arrependermo-nos superficialmente, de termos uma fé pequena porque o nosso objetivo é conforto e não a semelhança com Cristo - estes são problemas maiores, e muito comuns. Treinar os nossos lábios pode nos ajudar, de maneira específica, a lidar com os assuntos mais sérios do coração.

Aqui está o meu desafio. Vigie os seus lábios nas próximas duas semanas; observe como você usa "estou mal" e outras categorias enganosas para descrever suas emoções. Pense naquilo que você está sentindo, pensando e fazendo, à luz do contexto do que está acontecendo entre você e Deus. Observe como você usa a palavra "porque". Quando você se pegar falando sobre como as circunstâncias eram "difíceis" ou "dolorosas", pare e dirija o seu foco para obediência e desobediência. O restante é apenas o cenário. Se você precisar falar sobre situações difíceis, use a expressão "embora" em vez de "porque" - uma expressão que mantém o foco nas questões importantes do coração. Mas depois destas duas semanas iniciais, deixe que esses exemplos venham a ser dois entre muitos outros à medida que você, como o salmista, aprender a considerar e analisar as suas palavras. Que as palavras dos nossos lábios e o meditar do nosso coração sejam aceitáveis diante de Deus. E que Deus conceda graça para que "quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1Co 10.31).

Não fique com medo nem se deixe abater pelo processo. Se você avaliar as suas palavras e identificar pecado por todo lado, este é um primeiro passo encorajador! A menos que tenhamos uma experiência de pecado abundante, nossa experiência de graça não poderá ser superabundante. A graça é muito mais abundante onde uma conscientização elevada de pecado nos leva a um arrependimento mais profundo e a uma apreciação maior do poder tremendo de Cristo para nos libertar, perdoando-nos e transformando-nos. Para o cristão, Romanos 8.9 deve oferecer a interpretação para Gálatas 5.16-25; 1Coríntios 1.30, para Provérbios 12.18-19 ou Mateus 12.37.

Conclusão

Ao seu redor, há forças invisíveis que querem impedir que você se conforme à imagem de Jesus Cristo: o mundo, a carne e o diabo. A Bíblia o adverte para que você lute contra as influências destas forças: não se conforme com o mundo, mortifique os desejos da carne, revista-se de toda a armadura de Deus contra as forças espirituais do mal. Deus também nos adverte que a batalha é travada particularmente no nosso falar. As atitudes do coração são reveladas por meio daquilo que você fala. À medida que você procura andar na justiça, deve dar uma atenção especial às suas palavras, pois elas são a melhor maneira de transparecer o que realmente está em seu coração. Quando estiver travando batalhas espirituais, você deve ser diligente na análise de como os seus inimigos procuram distorcer o seu linguajar, fazendo com que maneiras rebeldes de falar pareçam "normais". Ser santo no seu falar não é fácil. Tiago nos adverte que embora possa domar animais selvagens de várias espécies, o homem não consegue domar sua língua - ela é "mal incontido, carregado de veneno mortífero" (Tg 3.8). Assim como em outras situações, aqui também o que é impossível para o homem é possível para Deus. A sabedoria que vem do alto, concedida liberalmente por Deus, faz com que nossa língua seja uma fonte que jorra água fresca.

Estudo Pessoal

1. De que maneira você e as pessoas ao seu redor usam termos neutros para descrever experiências emocionais? (p. ex., "estou chateado", "estou mal", "meu dia está péssimo").
2. Que termos neutros você e as pessoas ao seu redor usam para descrever

comportamentos pecaminosos? (p. ex., "caso", "conflitos de personalidade", "baixa autoestima", "desabafo").

3. Que termos neutros você e as pessoas ao seu redor usam para descrever as razões para certos comportamentos e emoções? (p. ex., "Porque ele/ ela fez...", "Eu sinto necessidade de...", "Eu tenho vontade de...").
4. A palavra de Deus não é neutra. Deus define o que é bom, mau, verdadeiro e falso. Encontre termos bíblicos mais adequados para cada uma das frases acima.
5. Busque a Cristo em arrependimento, e cultive a esperança e a fé bíblicas de que Ele o transformará. Medite sobre quem você é nEle e como essa união o libertará.
6. Diga a outras pessoas como você quer mudar o seu falar. Peça a elas que orem pelo poder do Espírito e pratiquem uma cobrança cristã durante o processo.